

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS/LINGUÍSTICA

PAMELLA SOARES ROSA

**DESCRIÇÃO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA ESCALARIDADE E ADITIVIDADE DE *ATÉ*,
MESMO E *AINDA* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PAMELLA SOARES ROSA

**DESCRIÇÃO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA ESCALARIDADE E
ADITIVIDADE DE *ATÉ*, *MESMO* E *AINDA* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese de doutorado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras/Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lilian Cristine Hübner

Coorientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

Porto Alegre

2022

PAMELLA SOARES ROSA

DESCRIÇÃO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA ESCALARIDADE E ADITIVIDADE DE
ATÉ, MESMO E AINDA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tese de doutorado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras/Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Lilian Cristine Hübner (Presidente – PPGL/PUCRS)

Prof. Dr. Marcos Goldnadel (Coorientador - UFGRS)

Prof. Dr. Renato Miguel Basso (UFSCar)

Prof. Dr. Sérgio Menuzzi (UFRGS)

Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero (UFRGS)

Prof^a Dr^a Cristina Becker Lopes Perna (PPGL/PUCRS)

Porto Alegre - RS

2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por minha vida, minha família, saúde, por tantas graças e, principalmente, por me aceitar, serva infiel, como filha amada. Por me animar e restaurar minhas forças a cada Sagrada Eucaristia, por me permitir participar de seu Santo Sacrifício de amor. A Ti, meu Deus, toda honra e toda a glória agora e para sempre.

À minha família, aos meus pais, Daniel Rosa e Gislaine da Rosa Soares, e ao meu namorado, Leonardo Gonçalves, por todo o apoio e compreensão nos momentos de ausência e pelo incentivo incondicional ao estudo e à pesquisa. Em especial, à minha mãe, que sempre ficou ao meu lado diante de todas as dificuldades e sempre se esforçou ao máximo para me dar a melhor educação possível, prezando pelos meus estudos e me incentivando a ser alguém melhor.

À Capes e à PUCRS, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras, por me proporcionarem oportunidades incríveis no âmbito da pesquisa, desenvolvendo minhas capacidades de reflexão e de análise e criando em mim um espírito crítico movido por curiosidades e questionamentos.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Lilian Cristine Hübner, por todo apoio e empenho. Por estar sempre disposta a ajudar, seja na tese, ou nas conversas essenciais que tínhamos no GENP, pelas quais demonstrava tanta preocupação com nosso bem-estar. Enfim, por ser, além de uma excelente pesquisadora, tão humana. Obrigada!

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Marcos Goldnadel, por tanto apoio, ajuda, por tanta vontade de ensinar. Meu mais sincero agradecimento por estar junto a nós nessa jornada, pela dedicação e empenho, pelas tantas reuniões, por estar sempre pronto a dar seu melhor. Obrigada!

À Prof^a Dr^a. Ana Ibaños, por me acompanhar nos três primeiros anos desse doutoramento. Pelos direcionamentos, ensinamentos e confiança. Obrigada por nos incentivar a ir além, a nunca nos aquietarmos.

À Comissão Examinadora, composta pelos professores Dr. Renato Basso, Dr. Sérgio Menuzzi, Dr. Gabriel Othero e Dr^a Cristina Perna, pela leitura atenta e dedicada. Obrigada pelas relevantes considerações que, certamente, proporcionarão o aprimoramento deste estudo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS, por todo o conhecimento compartilhado.

Aos meus colegas de pós-graduação. Em especial aos meus colegas do SynSemPra, por tantas discussões que, certamente, contribuíram para o desenvolvimento desta tese. Também, aos meus colegas do GENP, por tanto carinho e excelente acolhida, que grupo fantástico!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

RESUMO

A literatura apresenta um vasto estudo sobre o item lexical *even* na língua inglesa, sobre o qual se discutem questões relacionadas a suas duas implicaturas, aditiva e escalar (Karttunen e Peters, 1979; Fauconnier, 1975; Lycan 1991; Barker, 1991; Francescotti, 1995), condições para o bom uso do lexema (Bennett, 1982; Kay, 1990; Lycan, 1991; Berckmans, 1993; Francescotti, 1995), as relações sintático-semânticas (Karttunen e Peters, 1979; Roth, 1985; Wilkinson, 1996; Rullmann, 1997), a escalaridade de *even* (Greenberg, 2015/2017), além de questões como a independência entre estas implicaturas (Crnič, 2011; Wagner, 2015). Inspirados nessa ampla discussão, apresentam-se estudos sobre este lexema também em outras línguas, como grego (Giannakidou, 2007) e espanhol (Schwenter, 2002; Chamorro, 2008; Lahiri, 2008; Herburger, 2013). Diante desse contexto de investigação e ciente do incipiente estudo sobre este lexema em português brasileiro (PB), propõe-se o desenvolvimento, nesta tese, de uma descrição semântico-pragmática dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*, que apresentam essas mesmas propriedades, escalaridade e aditividade. Assim, os objetivos gerais da tese são elucidar qual operação os lexemas *até*, *mesmo* e *ainda* realizam relativamente ao sintagma sobre o qual tem escopo em PB e qual a natureza dessa operação (convencional ou conversacional). A descrição semântico-pragmática da escalaridade desses lexemas é desenvolvida de forma a aclarar outras questões relacionadas a estas problemáticas, como significado e escopo, escalaridade e aditividade, implicaturas licenciadas e influência do contexto. Inicialmente, apresenta-se uma revisão de literatura sobre *even* compreendendo desde estudos de base, mais intuitivos, sobre o lexema, até estudos mais recentes envolvendo formalização semântica e estudos sobre *EVEN* em grego e espanhol; também são apresentados estudos sobre a gramaticalização de *até*, *mesmo* e *ainda* com ênfase nos possíveis significados de cada lexema. A partir desta base teórica, são desenvolvidas duas propostas sobre estes lexemas, envolvendo escopo e significado, e escalaridade e aditividade. A partir das propostas, conclui-se que os lexemas *até* e *mesmo* podem apresentar aditividade, porém, necessariamente, apresentam escalaridade, enquanto o lexema *ainda* pode apresentar escalaridade e sempre indica aditividade. Defendemos, a partir disso, que as implicaturas veiculadas por *até* e *mesmo* são (i) implicatura convencional de escalaridade e (ii) implicatura

conversacional de aditividade; enquanto o lexema *ainda*, por sua vez, apresenta (i) implicatura convencional de aditividade e (ii) implicatura conversacional de escalaridade.

Palavras-chave: Escalaridade; Aditividade; Até; Mesmo; Ainda.

ABSTRACT

The literature presents a vast study on the scalar additive lexical item *even* in the English language, on which issues related to its two implications, additive and scalar, are discussed (Karttunen and Peters, 1979; Fauconnier, 1975; Lycan 1991; Barker, 1991; Francescotti, 1995), conditions for the good use of the lexeme (Bennett, 1982; Kay, 1990; Lycan, 1991; Berckmans, 1993; Francescotti, 1995), syntactic-semantic relations (Karttunen and Peters, 1979; Roth, 1985; Wilkinson, 1996; Rullmann, 1997), *even* scalarity (Greenberg, 2015/2017), in addition to the issues of the independence between implicatures (Crnič, 2011; Wagner, 2015). Inspired by this broad discussion, studies on this lexeme have also been carried out in other languages, such as Greek (Giannakidou, 2007) and Spanish (Schwenter, 2002; Chamorro, 2008; Lahiri, 2008; Herburger, 2013). In view of this research context and aware of the incipient study on this lexeme in Brazilian Portuguese (BP), we propose the development, in this thesis, of a semantic-pragmatic description of lexemes *até*, *mesmo* and *ainda*, which present these same properties, scalarity and additivity. Thus, the general objectives of the dissertation are to elucidate which operation the lexemes *até*, *mesmo* and *ainda* perform in relation to the phrase on which they have scope in BP and what is the nature of this operation (conventional or conversational). The semantic-pragmatic description of the scalarity of these lexemes is developed in order to clarify other issues related to these problems, such as meaning and scope, scalarity and additivity, licensed implicatures and context influence. A review of the literature on *even* is initially presented, ranging from basic, more intuitive studies on the lexeme, to more recent studies involving semantic formalization and studies on EVEN in Greek and Spanish; studies are also presented on the grammaticalization of *até*, *mesmo* and *ainda* with emphasis on the possible meanings of each lexeme. Two proposals are developed on these lexemes, involving scope and meaning, and scalarity and additivity. Based on the proposals, we conclude that the lexemes *até* and *mesmo* may present additivity, however, necessarily, they present scalarity, while the lexeme *ainda* may present scalarity and always indicates additivity. Based on this, we argue that the implicatures conveyed by *até* and *mesmo* are (i) conventional implicature of scalarity and (ii)

conversational implicature of additivity; while the lexeme *ainda*, in its turn, presents (i) conventional implicature of additivity and (ii) conversational implicature of scalarity.

Keywords: Scalarity; Additivity; *Até*; *Mesmo*; *Ainda*.

LISTA DE SÍMBOLOS

$\forall$	Quantificador universal
$\exists$	Quantificador existencial
$\in$	Pertence
$\notin$	Não pertence
W, w_1	Mundo(s)
$\rightarrow$	Implicação Material
p, q	Variáveis proposicionais
R_w	Relação de acessibilidade entre os mundos possíveis
C	Contexto
λ	Operador Lambda
G	Propriedade graduável saliente acomodada
$stand_G$	Padrão de propriedade saliente
$\neg$	Operador de negação
$\wedge$	Operador conjuntivo
$\subseteq$	Contido em
F	Índice de elemento em foco
ALT	Índice de elemento alternativo
$\neq$	Diferente
$>$	Maior que
$\#$ ou $*$	Inadequado
$?$	Pragmaticamente estranho/significado distinto

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro-resumo das análises de <i>even</i>	61
Quadro 02: Os quatro tipos de EVEN em grego.....	103
Quadro 03: Os quatro tipos de EVEN em espanhol.....	111
Quadro 04: EVEN em PB segundo Fontes e Moreira (2020).....	115
Quadro 05: As funções de <i>mesmo</i>	124
Quadro 06: A rota de gramaticalização de <i>ainda</i>	127
Quadro 07: Tipos/funções dos lexemas EVEN em PB.....	127
Quadro 08: Possibilidades de escopo de <i>até</i> , <i>mesmo</i> e <i>ainda</i>	137
Quadro 09: O comportamento do lexema <i>até</i>	138
Quadro 10: O comportamento do lexema <i>mesmo</i>	139
Quadro 11: O comportamento do lexema <i>ainda</i>	139
Quadro 12: Aditividade e escalaridade dos lexemas <i>mesmo</i> , <i>até</i> e <i>ainda</i>	145
Quadro 13: O comportamento dos lexemas <i>até</i> , <i>mesmo</i> e <i>ainda</i>	146

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Escala pragmática de probabilidade de <i>even</i>	18
Imagem 2 - Escopo de <i>even</i> segundo K&P (1979).....	65
Imagem 3 - Pressuposto baseado na probabilidade comparativa.....	91
Imagem 4 - Pressuposto baseado na gradabilidade (versão 1).....	91
Imagem 5 - Pressuposto baseado na gradabilidade (versão 2).....	93
Imagem 6 - Pressuposto baseado na gradabilidade (versão 3).....	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 ANÁLISE ESCALAR DE FAUCONNIER (1975)	15
2.2 ANÁLISE EXISTENCIAL DE BENNETT (1982)	19
2.3 ANÁLISE ESCALAR DE KAY (1990)	23
2.4 ANÁLISE QUANTIFICACIONAL UNIVERSAL DE LYCAN (1991)	29
2.5 ANÁLISE UNIVERSAL DE BARKER (1991)	36
2.6 ANÁLISE QUANTIFICACIONAL AMBÍGUA DE BERCKMANS (1993)	40
2.7 ANÁLISE EXISTENCIAL DE FRANCESCOTTI (1995)	49
2.8 RESUMO DO CAPÍTULO	60
3 ANÁLISES RECENTES	63
3.1 <i>SCOPE THEORY</i> X <i>NPI THEORY</i>	63
<u>3.1.1 <i>Scope Theory</i>: Karttunen & Peters (1979)</u>	<u>64</u>
<u>3.1.2 <i>NPI Theory</i>: Rooth (1985)</u>	<u>68</u>
<u>3.1.3 Contribuições: Wilkinson (1996) e Rullmann (1997)</u>	<u>71</u>
3.2 ANÁLISES RECENTES DE EVEN	76
<u>3.2.1 A distribuição de <i>even</i> e seu caráter aditivo e escalar: Luka Crnić (2011)</u>	<u>76</u>
<u>3.2.2 Aditividade e escalaridade de <i>even</i> e as diferenças entre NP-<i>even</i> e VP-<i>even</i>: Wagner (2015)</u>	<u>79</u>
<u>3.2.3 Análise Revisada e Probabilidade Comparativa por meio da Gradabilidade Contextual de <i>even</i>: Greenberg (2015, 2017)</u>	<u>84</u>
3.3 AS DIFERENÇAS DE EVEN ENTRE AS LÍNGUAS	96
<u>3.3.1 EVEN em grego</u>	<u>96</u>
<u>3.3.2 EVEN em espanhol</u>	<u>104</u>
<u>3.3.3 EVEN em português brasileiro</u>	<u>112</u>
3.4 RESUMO DO CAPÍTULO	116
4 EVEN EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: ATÉ, MESMO E AINDA	118

4.1 GRAMATICALIZAÇÃO DE EVEN EM PB.....	118
4.1.1 A Gramaticalização de <i>Até</i>	119
4.1.3 A Gramaticalização de <i>Mesmo</i>	121
4.1.2 A Gramaticalização de <i>Ainda</i>	125
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE <i>ATÉ</i> , <i>AINDA</i> E <i>MESMO</i>	128
4.2.1 Escopo e Significado	129
4.2.1.1 Escopo sobre NP em início de sentença	129
4.2.1.2 Escopo sobre V	131
4.2.1.3 Escopo sobre NP após verbo	133
4.2.1.4 Escopo sobre a sentença	134
4.2.1.5 Escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção	135
4.2.1.6 Escopo sobre PP com função adverbial	136
4.2.2 Escalaridade e Aditividade	139
4.2.2.1 Inferência Aditiva	141
4.2.2.2 Inferência Escalar	143
4.3 RESUMO DO CAPÍTULO.....	145
5 CONCLUSÃO	148
REFERÊNCIAS	150

1 INTRODUÇÃO

A presente tese origina-se do crescente interesse pelo estudo do lexema *EVEN*¹ nas mais variadas línguas associado a escassas pesquisas sobre o lexema em língua portuguesa, mais especificamente, em português brasileiro (doravante, PB). Muito se discute sobre o uso do lexema aditivo escalar *EVEN*, principalmente no que se refere ao uso adequado do lexema e suas implicaturas. Em inglês, grego e espanhol, por exemplo, há variados estudos sobre o lexema, que abarcam desde análises intuitivas sobre seu uso até estudos semântico-pragmáticos ancorados na formalização semântica. Em língua portuguesa, porém, o estudo sobre o lexema aditivo-escalar ainda é pouco desenvolvido.

A tese consiste, pois, na descrição semântico-pragmática da escalaridade de *EVEN* em PB, buscando elucidar as seguintes questões: (a) como se desenvolvem as relações de significado e escopo de *EVEN* em PB - *até ainda* e *mesmo*?; (b) como se desenvolvem as relações de escalaridade e aditividade de *até*, *ainda* e *mesmo*?; e (c) como o contexto influencia nas implicaturas geradas pelo uso desses lexemas? Assim, inspirados nos estudos sobre *EVEN* em diferentes línguas, propomos, em nossa descrição do comportamento destes lexemas no que se refere às questões acima.

Com base na escalaridade e aditividade dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*, elaboramos nossa proposta sobre esses lexemas, abarcando as principais questões em discussão nas três línguas, referidas acima, procurando responder também (d) que operação *até*, *mesmo* e *ainda* realizam relativamente ao sintagma sobre o qual têm escopo em PB; e (e) qual a natureza dessa operação (convencional ou conversacional). Isto é, a partir da descrição apresentada sobre os lexemas, buscamos elucidar seu comportamento aditivo e escalar e a natureza das implicaturas veiculadas por eles. Tem-se, pois, por objetivos gerais as questões (d) e (e), pois estas estão diretamente relacionadas à aditividade e à escalaridade dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*. Por objetivos específicos, definem-se as questões (a), (b) e (c).

A tese inicia-se com uma a revisão de literatura dos primeiros estudos sobre *even*. Os estudos presentes neste capítulo são bastante intuitivos e buscam analisar o significado de *even* com amplas discussões sobre suas implicaturas. Assim, as principais questões aqui presentes são sobre o (i) tipo de implicatura aditiva veiculada, se existencial, universal, ou ambígua e sobre a (ii) relação escalar implicada, podendo ser de surpresa, probabilidade ou

¹ Utilizamos a grafia *EVEN*, em caixa alta, para referir-nos ao lexema com comportamento aditivo-escalar. Esse lexema pode representar tanto os lexemas em inglês, *even*, em grego, *akomi ke*, em espanhol, *incluso*, como em PB, *até*, *ainda* e *mesmo*.

informatividade. Neste capítulo, apresentam-se os primórdios das discussões acerca do lexema aditivo escalar, em que os autores apresentavam uma discussão semântico-pragmática em torno de sentenças-*even*, apresentando exemplos e contraexemplos a fim de compreender as questões acima referidas.

Assim, apresentamos, em ordem cronológica, os principais estudiosos do lexema *even*, principalmente, os que constroem suas análises em nível semântico-pragmático. São eles: Fauconnier (1975), Bennett (1982), Kay (1990), Lycan (1991), Barker (1991), Berckmans (1993) e Francescotti (1995). Salientamos, o extenso debate sobre *even*, que pode ser melhor observado na seção resumo, 2.8, visto haver diversas visões acerca deste lexema: em 1975, com Fauconnier, iniciamos com uma análise universal e escalar do lexema, passando para a análise existencial de Bennett (1982), pela análise escalar de informatividade de Kay (1990); após, Lycan (1991) muda os rumos dos estudos sobre *even*, defendendo uma visão quantificacional do lexema; Barker (1991) retorna para a visão universal, Berkmans (1993) propõe, então, uma análise quantificacional ambígua, podendo *even* ser universal ou existencial; e, por fim, chega-se à análise existencial de Francescotti (1995), que, após retomar diversas discussões, concorda, essencialmente, com a visão de Bennett, porém argumenta que a implicatura existencial de *even* está relacionada a *a maioria* – e não somente a um indivíduo/evento como sugerira aquele autor. Os questionamentos sobre *even*, porém, não se esgotam aqui.

No capítulo *Análises Recentes* apresentamos os estudos sobre *even* com temas mais atuais, como (i) a distribuição de *even*, (ii) os comportamentos aditivo e escalar, (iii) as diferenças entre NP-*even* e VP-*even*, e (iii) a gradabilidade contextual. Esses questionamentos originam-se, essencialmente, das lacunas deixadas pelos autores apresentados inicialmente, devido à descrição incipiente de suas análises, visto seu caráter mais intuitivo, sem grandes preocupações formais. Essas questões surgem, ainda, de duas grandes vertentes no estudo semântico de *even*: Karttunen e Peters (1979), que apresentam uma análise que permite diferentes leituras de escopo, e Rooth (1985), que defende a diferença lexical entre *even* positivo e *even* negativo, o que permite uma leitura de escopo sempre restrita, por meio da *NPI theory*.

Ao final deste capítulo, ampliamos o estudo de *even* para o estudo do lexema aditivo escalar em grego e espanhol, a fim de compreender o comportamento do lexema em diferentes línguas e suas possíveis correspondências com o inglês e com os lexemas *EVEN* em PB.

Cientes das formas de análise em outras línguas, propomos, no capítulo referente a EVEN em PB, três equivalentes tradutórios, que assim como *even*, são lexemas com comportamento aditivo e escalar: *até*, *ainda* e *mesmo*. A partir de estudos sobre a gramaticalização desses lexemas, percebe-se, como ponto em comum, o significado aditivo e a possibilidade de escalaridade. Assim, iniciamos a discussão com o objetivo de descrever questões referentes à escalaridade destes lexemas no PB, atentando-nos a questões como significado e escopo, e escalaridade e aditividade.

A tese divide-se em cinco capítulos. Após o primeiro capítulo, que compreende esta introdução, apresentamos, nos capítulos dois e três, respectivamente, uma revisão de literatura sobre *even* e as análises sobre a aditividade e a escalaridade do lexema. Tendo definidas as bases teóricas do lexema *even*, bem como de seus respectivos lexemas em grego e espanhol, apresentamos, no quarto capítulo, a discussão sobre os lexemas correspondentes em PB - *até*, *ainda* e *mesmo* - e propomos, por fim, a descrição semântico-pragmática da escalaridade do melhor correspondente de *even* em asserções simples, *até*. Assim, terminamos este estudo apresentando as conclusões referentes às questões aqui levantadas (a-e).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo é destinado à revisão da literatura de base sobre o lexema *even*. Os autores aqui presentes estão entre os pioneiros a analisarem as condições de uso deste lexema, apresentando uma análise mais intuitiva, porém de grande valia para estudos futuros.

Assim, propõe-se um recorte teórico referente às diversas abordagens de *even*, das quais abarcaremos a abordagem convencional (FAUCONNIER, 1975; BENNETT, 1982; BARKER, 1991; FRANCESCOTTI, 1995), conversacional (KAY, 1990) e quantificacional (LYCAN, 1991; BERCKMANS, 1993). Faz-se necessário promover uma limitação nesta base teórica de modo a adequá-la à área de pesquisa predeterminada: excluem-se autores com abordagem exclusivamente, ou majoritariamente, semântica, como Karttunen & Peters (1979) e Horn (1969) em detrimento de uma análise semântico-pragmática, a qual é capaz de capturar os diversos sentidos de *even* de acordo com o contexto no qual o lexema está inserido.

As análises presentes neste capítulo estão organizadas de forma cronológica, visto que os estudos sobre *even* são estruturados a partir de exemplos, fazendo com que cada análise retome as propostas anteriores e proponha apresentar uma solução aos seus problemas e limitações. Ainda, é importante ressaltar que estas análises apresentam diferentes visões de *even*, as quais são definidas por meio de (i) probabilidade, surpresa ou informatividade e (ii) leitura existencial ou universal.

Seguindo cronologicamente estas diversas visões, apresentamos, respectivamente, as seguintes análises: Análise Escalar de Fauconnier (1975), Análise Existencial de Bennett (1982), Análise Escalar de Kay (1990), Análise Quantificacional Universal de Lycan (1991), Análise Universal de Barker (1991), Análise Quantificacional Ambígua de Berckmans (1993), Análise Existencial de Francescotti (1995) e, por fim, incluímos um resumo deste capítulo. Estas análises são apresentadas nas seções a seguir.

2.1 ANÁLISE ESCALAR DE FAUCONNIER (1975)

Gilles Fauconnier, em seu artigo *Pragmatics Scale and Logical Structure* (1975), aborda a relação entre o uso de superlativo e quantificação universal. Ainda, o autor defende que *even* apresenta a função de introduzir escala pragmática.

De acordo com o autor, o uso de alguns superlativos desempenharia uma função semântica muito parecida com a da quantificação universal. Considere a sentença a seguir²:

(01) Tommy will not eat the most delicious food.³

O autor argumenta que a leitura literal de (01) seria compatível com o contexto de Tommy comer todos os tipos de alimentos, exceto os mais deliciosos. Porém, essa sentença (01) costuma ser usada para significar que Tommy se recusa a comer qualquer tipo de alimento e essa leitura se dá pela presença do superlativo *most delicious*⁴: se ele não come nem os alimentos mais deliciosos, também não come os outros.

O autor defende, pois, que os superlativos desempenham uma função semelhante à função do lexema *any*⁵, apresentando paralelismo lógico e sintático entre esse fenômeno e o comportamento do lexema. Ainda, a quantificação de *any* apresenta diferentes características quando relacionada à afirmação ou negação⁶:

(02) Any noise bothers my uncle.⁷

(03) He did not hear any noise.⁸

(04) Iago would betray his own brother. (= Iago would betray anybody.)⁹

(05) Onassis couldn't afford this place. (= Nobody could afford this place.)¹⁰

A partir dessa observação, Fauconnier (1975) argumenta que *any* parece ter a força de quantificador universal (02), porém pode ser visto como logicamente equivalente a um quantificador existencial no escopo da negação ou interrogação (03) ou, ainda, apresentar leitura ambígua e funcionar como superlativos pragmáticos (04) e (05). Essas características não estão associadas exclusivamente às formas lógicas que correspondem ao seu uso, mas ocorrem por um fenômeno mais amplo de quantificação implícita por meio de superlativos pragmáticos como as sentenças acima. Ainda, destaca-se a diferença quantificacional de *any* em sentenças afirmativas, nas quais possui leitura universal, e negativa, possuindo leitura

²² Fauconnier (1975, p. 353).

³ Tradução: Tommy não comerá a comida mais deliciosa.

⁴ Tradução: mais deliciosa.

⁵ Tradução: qualquer/nenhum.

⁶ Fauconnier (1975, p. 353-354)

⁷ Tradução: Qualquer barulho incomoda meu tio.

⁸ Tradução: Ele não ouviu nenhum ruído.

⁹ Tradução: Iago trairia seu próprio irmão. (= Iago trairia qualquer pessoa.)

¹⁰ Tradução: Onassis não teria dinheiro para este lugar. (= Ninguém não teria condições de pagar por este lugar.).

existencial¹¹, porém é comum tratar *any* apenas como quantificador universal visto a correspondência entre *nenhum* e *não todos*.

A partir das semelhanças entre o quantificador *any* e os superlativos, Fauconnier (1975) lança a questão acerca da possibilidade de os superlativos serem quantificadores. Para isso, considere¹²:

(06) The faintest noise bothers my uncle.¹³

O autor argumenta que a leitura quantificada universal faz sentido, nesse caso, ao assumir-se que, se certo ruído incomoda alguém, então um ruído mais alto também o incomodará. Essa significação estaria relacionada à variação entre alto e baixo, sobre o ruído, o qual se associa ao predicado incomoda, formando, pois, uma escala pragmática. Os superlativos seriam, para Fauconnier (1975), estruturas de quantificação produzidas por escalas:

Given two noises x1 and x2, such that x1 is higher on the scale than x2 (i.e., louder), one assumes that the truth of x2 bothers y will always entail the truth of x1 bothers y. This assumption entails in particular that, if the proposition is true for the lowest element on the scale, it will be true for all the elements on the scale. And the lowest element is of course normally identified by means of a superlative in this case the faintest noise.¹⁴ (FAUCONNIER, 1975, p. 362)

A partir dessas considerações, o autor defende que *even* seria um marcador de formação de escala. Assim, o autor apresenta sentenças com *even*, tanto acompanhadas de superlativo, quanto sem; e defende que este lexema, assim como os superlativos, estaria em uma relação escalar definida pragmaticamente, na qual o elemento junto a ele seria o mais baixo em uma escala de probabilidade.

Fauconnier (1975) defende que os superlativos podem funcionar como quantificadores justamente por apresentarem um comportamento escalar. *Even* apresenta,

¹¹ A leitura universal refere-se a todos, enquanto a leitura existencial indica algo/alguém em específico.

¹² Fauconnier (1975, p. 355).

¹³ Tradução: O menor barulho incomoda meu tio.

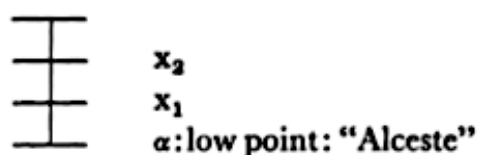
¹⁴ Tradução: Dados dois ruídos x1 e x2, de modo que x1 é mais alto na escala do que x2 (ou seja, mais alto), assume-se que a verdade de x2 incomoda y sempre acarretará na verdade de x1 incomoda y. Essa suposição implica em particular que, se a proposição for verdadeira para o elemento mais baixo da escala, ela será verdadeira para todos os elementos da escala. E o elemento mais baixo é normalmente identificado por meio de um superlativo, neste caso o ruído mais fraco.

segundo ele, a mesma função de introduzir escala pragmáticas dos superlativos. Considere a sentença a seguir¹⁵:

(07) **Even** Alceste came to the party.¹⁶

Em (07), seguindo os postulados de Horn (1969), haveria (i) uma afirmação, “Alceste came to the party” e (ii) um pressuposto de interpretação, “Everybody came to the party¹⁷.” Porém, Fauconnier (1975) argumenta que (07), além de veicular a afirmação e o pressuposto, implica, também, que Alceste era a pessoa menos provável de ir à festa. A função semântica de *even* marcaria, então, a existência de uma escala de probabilidade pragmática, em que Alceste é o ponto mais baixo em relação ao esquema proposicional e “x came to the party”¹⁸ é definido como $R(x)$:

Imagem (01): Escala Pragmática de Probabilidade de *even* (FAUCONNIER, 1975, p. 364):



Assim, x_1 é, escalarmente, mais abaixo que x_2 , fazendo com que $R(x_1)$ acarrete $R(x_2)$. Logo, como α é o ponto mais baixo, $R(\alpha)$ acarretará $\forall x R(x)$. Ou seja, o elemento junto a *even* é o menos provável dentro de uma escala de probabilidade que o compara com outros elementos, por isso seu uso acarretará todos os outros elementos da escala, visto que é o ponto mais baixo desta.

De acordo com o autor, sob esse ponto de vista, o pressuposto não seria a proposição universal, como defende Horn (1969), mas a escala pragmática de probabilidade, tornando-se uma inferência pragmática de afirmação associada à pressuposição. Assim, o que foi denominado pressuposto torna-se uma inferência pragmática de afirmação (*Alceste came*¹⁹) combinada à pressuposição (a escala de probabilidade). *Even* sinaliza esse pressuposto: quando um contexto admite uma escala pragmática particular com respeito a algumas formas

¹⁵ Fauconnier (1975, p. 364).

¹⁶ Tradução: EVEN Alceste veio à festa.

¹⁷ Tradução: Todos vieram à festa.

¹⁸ Tradução: x veio à festa.

¹⁹ Tradução: Alceste veio.

lógicas, o ponto baixo dessa escala pode ser modificado por este lexema se ocorrer na posição apropriada na forma lógica.

No que diz respeito à relação entre *even*, superlativos e *any*, enquanto a quantificação dos superlativos compartilha propriedades sintáticas significativas com o lexema *any*, as propriedades lógicas podem ser associadas às escalas pragmáticas tipicamente sinalizadas por *even*.

Essa é uma breve, porém interessante análise de *even*: Fauconnier (1975), ao defender os superlativos como estruturas de quantificação produzidas pragmaticamente por escalas, argumenta que o lexema seria um marcador explícito de formação de escala pragmática, abordando-o sob uma óptica escalar. A análise proposta pelo autor é o ponto de partida para o reconhecimento de uma abordagem pragmática deste item lexical, uma vez que os autores anteriores a ele e, inclusive, muitos posteriores acabam por engessar *even* em abordagens semânticas que não são suficientes para descrever sua ampla possibilidade de significados.

Fauconnier, juntamente com Kay (1990), enquadra-se na leitura de tipo escalar, conforme descrito anteriormente. Kay rebaterá alguns pontos de sua análise, como o constituinte junto a *even* ser o ponto escalar mais baixo, de forma a aprimorá-la. Defendemos esse tipo de abordagem, apesar de acreditar, como argumenta Kay (1990), não ser possível definir a constante relação de ponto mais baixo de escala, isto é, de elemento menos provável sempre.

Na seção a seguir, apresentamos a análise de Bennett (1982). Em sua análise, Bennett propõe uma relação existencial para o uso de *even*, na qual, para o uso apropriado deste lexema, deve haver uma sentença vizinha e esta deve ser menos surpreendente que a sentença-*even*.

2.2 ANÁLISE EXISTENCIAL DE BENNETT (1982)

Bennett (1982) propõe uma discussão sobre o condicional *even if*²⁰, contrariando a análise de *corner conditional*²¹, de Pollock (1976). Para isso, o autor apresenta uma importante discussão sobre o item lexical *even* e suas possibilidades de uso. Ressaltamos,

²⁰ Tradução: até se/mesmo se.

²¹ A análise de *corner conditional* diz respeito aos condicionais relacionado a *would*: (P > Q) = se fosse o caso de P, seria o caso de Q.

aqui, que a discussão acerca do condicional não será abordada nesta tese. Nosso recorte teórico limita-se à análise de EVEN²² em asserções simples.

O autor inicia sua análise classificando *even* morfologicamente: trata-se, neste recorte, de um advérbio que pode apresentar-se de maneiras distintas: (i) *even* com escopo sobre sintagma; (ii) *even* com escopo sobre sentença; (iii) *even* como condicional - *even if*; (iv) *even* como comparativo. Bennett (1982) argumenta que o último tipo apresenta um comportamento bastante distinto dos demais, o que não se encaixaria em sua abordagem.

Aqui, limitamo-nos a ilustrar as duas primeiras configurações identificadas por Bennett, sendo (08a), (08b) e (08c) para as construções de tipo i, escopo sobre sintagma, e (09a) para as de tipo ii, escopo sobre a sentença. As construções condicionais, conforme afirmamos, não fazem parte do interesse deste trabalho, já as construções do tipo iv são descartadas pelo próprio Bennett. Considere as sentenças a seguir²³:

(08a) **Even** Max tried on the trousers.²⁴

(08b) Max **even** tried on the trousers.²⁵

(08c) Max tried on **even** the trousers.²⁶

(09a) Max tried on the trousers, **even**.²⁷

(09b) It is **even** the case that Max tried on the trousers.²⁸

O escopo de *even* é o constituinte sobre o qual *even* age como operador. Assim, em (08a), este lexema tem escopo sobre o sintagma nominal, *Max*; em (08b), sobre o sintagma verbal, *tried on*²⁹; em (08c) sobre o sintagma nominal *the trousers*³⁰; e, em (09a) sobre toda a sentença, apresentando o mesmo significado de (09b). Esse escopo opera sobre constituintes marcando uma posição passível de ser ocupada por outros sintagmas. Em *John tried on the trousers*³¹, por exemplo, tem-se um caso de uma sentença com escopo correspondente ao

²² Ressaltamos que utilizaremos esta maneira de escrita, com letras maiúsculas, quando não estivermos fazendo distinção de língua, isto é, quando estamos nos referindo, simultaneamente, a *even* e *até*.

²³ Bennett (1982, p. 406-407).

²⁴ Tradução: EVEN Max experimentou as calças.

²⁵ Tradução: Max EVEN experimentou as calças.

²⁶ Tradução: Max experimentou EVEN as calças.

²⁷ Tradução: Max experimentou as calças, EVEN.

²⁸ Tradução: É EVEN o caso de que Max experimentou as calças.

²⁹ Tradução: experimentou.

³⁰ Tradução: as calças.

³¹ Tradução: John experimentou as calças.

escopo de *even* em (08a), esse elemento, *John*, é chamado de vizinho e sua sentença de sentença vizinha, S_j .

Ainda, segundo os postulados de Bennett (1982), para o uso de *even* ser apropriado, no caso de (08a), por exemplo, é necessário que (i) Max tenha experimentado as calças; (ii) alguém além de Max também o tenha feito; e (iii) que seja mais surpreendente que Max tenha experimentado do que a outra pessoa; em que (i) veicula as condições de verdade e (ii) e (iii) as condições de felicidade da sentença. O autor ressalta que, para esta análise, ignorará a distinção entre um conteúdo asseverado e um conteúdo implícito já que o foco de sua abordagem consiste nas condições para a felicidade de uma sentença *even*.

Antes de apresentar a análise de Bennett sobre *even*, considere as convenções propostas pelo autor referente à sentença-*even*, sentença *prime*, e sentença vizinha:

- (i) A sentença sob análise é chamada de sentença-*even* ou S .
- (ii) A sentença sem *even* é chamada de S^* .
- (iii) A sentença sem *even* e com uma expressão diferente daquela que está sob seu escopo na sentença original S é chamada de sentença vizinha ou S_j .

A partir do que fora discutido, Bennett (1982) propõe a seguinte regra para o uso adequado de *even*³²:

(10) Análise de *Even* proposta por Bennet (1982)

A sentença em análise é completamente satisfatória se e somente se (doravante, sse) S^* é verdadeira e sse há uma sentença S_j (vizinha) de S tal que:

- (i) S_j é verdadeira, e mutuamente aceita por falante e ouvinte, e saliente para ambos;
- (ii) a verdade de S^* e de S_j podem ser partes de uma verdade mais geral;
- (iii) é mais surpreendente que S^* seja verdadeira do que S_j .

A fim de aplicar a análise proposta pelo autor, retomemos as sentenças apresentadas anteriormente:

(08a') **Even** Max tried on the trousers.

(08b') Max **even** tried on the trousers.

³² Traduzido de Bennett (1982, p. 405).

(08c') Max tried on **even** trousers.

(09a') Max tried on the trousers, **even**.

Em (08a'), o uso de *even* somente é apropriado se alguém além de Max experimentou as calças, sendo este menos surpreendente de prová-las do que Max, devendo (i) este vizinho ser conhecido, (ii) ser verdade que ambos provaram as calças; e (iii) ser mais surpreendente a verdade de S* do que de S_j. Em (08b'), o escopo de *even* é *tried on*; assim, o uso de *even* será feliz se Max olhou para as calças, perguntou o preço, observou-as e, ao contrário do esperado, provou-as. Em (08c'), o escopo de *even* é *the trousers*, o que leva a compreender que ele provou outras roupas além das calças e que esta era a peça de roupa mais surpreendente de ser experimentada. Por fim, em (09a') tem-se escopo sobre a sentença, levando à significação de que outros indivíduos realizaram distintas ações, como “Harry provou o casaco, Robert puxou os botões e Mary discutiu com o vendedor”, mas, ainda assim, Max ter experimentado as calças gera mais surpresa em relação às demais. Com isso, é possível destacar que o elemento sob escopo de *even* deve ser mais surpreendente em relação a seus constituintes vizinhos.

Bennett (1982) ressalta que, para identificar o escopo de *even*, deve-se encontrar uma S_j suficiente para a felicidade de S mantendo apenas a menor parte contínua de S*. Assim, a diferença entre S* e S_j deve conservar a menor parte contínua e se concentrar no escopo de S*, podendo licenciar S (11) caso S* (12) seja mais surpreendente do que S_j (13a-c)³³:

(11) **Even** the children laughed at him.³⁴

(12) The children laughed at him.³⁵

(13a) Everybody laughed at him.³⁶

(13b) Nobody laughed at him.³⁷

(13c) His grandmother laughed at him.³⁸

Resumindo sua análise, é possível ressaltar que há dois requisitos para o uso de *even*:

(i) para S ser verdadeira, S* deve ser verdadeira - ao afirmar S, é afirmado, também, S*; ou,

³³ Bennett (1982, p. 405).

³⁴ Tradução: EVEN as crianças riram dele.

³⁵ Tradução: As crianças riram dele.

³⁶ Tradução: Todos riram dele.

³⁷ Tradução: Ninguém riu dele.

³⁸ Sua mãe riu dele. Bennett

as proposições expressas por *S* e *S** são semanticamente sinônimas, e (ii) para *S* ser apropriada, deve haver uma sentença vizinha *S_j* que é conhecida, relacionada e esperada - ao afirmar *S*, não se afirma a existência de *S_j*, mas isso é sinalizado; ou, a proposição expressa por *S* não acarreta que haja *S_j*, mas implica que existe. Assim, para a verdade da sentença, é necessário apenas que a primeira condição seja satisfeita; porém, para o desempenho apropriado no uso de *even*, a segunda condição também é necessária, tornando essas condições essenciais para o uso adequado de *even*.

A seguir, apresentamos a análise escalar de Kay (1990). O autor apresenta uma análise de cunho pragmático, debatendo sobre a natureza das implicaturas envolvidas no uso de *even*, se de cunho convencional ou conversacional. Sua análise apresenta uma importante distinção das demais, visto que o autor apresenta uma questão alternativa para o uso do lexema: *even* está relacionado à noção de informatividade – e não de probabilidade ou surpresa, como defendem a maioria dos autores – e esta noção se apresenta escalarmente.

2.3 ANÁLISE ESCALAR DE KAY (1990)

Kay inicia seu estudo ressaltando a dificuldade de análise sobre *even* devido às suas propriedades peculiares de gramática, significado e uso e pela grande conexão entre elas, como a aparente restrição de dois lexemas *even* em uma mesma sentença e a dificuldade de encaixar esse problema como de natureza sintática ou pragmática. Assim, o autor define como foco de seu estudo o significado e uso deste lexema, mas explica a necessidade de abordar algumas questões gramaticais. Considere as seguintes possibilidades de uso de *even*³⁹:

(14a) **Even** John swims daily in the winter.⁴⁰

(14b) John swims daily **even** in the winter.⁴¹

(14c) ??**Even** John swims daily **even** in the winter.⁴²

Em sua análise referente ao significado e uso de *even*, Kay (1990) defende que esse lexema é um operador escalar com interpretação pragmática direta: a noção de operador escalar é adotada por meio de uma construção teórica de conjuntos chamada de modelo

³⁹ Kay (1990, p. 59).

⁴⁰ EVEN John nada diariamente no inverno.

⁴¹ John nada diariamente EVEN no inverno.

⁴² EVEN John nada diariamente EVEN no inverno.

escalar e a interpretação pragmática direta deriva do fato de esse modelo ser considerado como um conjunto de proposições que fazem parte do conteúdo compartilhado entre os interlocutores. Ainda, a construção do modelo escalar está relacionada à noção griceana de informatividade (GRICE, 1975), que, por sua vez, corresponde à otimização da máxima de quantidade.

(15) Modelo Escalar de Informatividade: Given a scalar model SM containing two distinct propositions *p* and *q*, *p* is **more informative** than *q* iff *p* entails *q*.⁴³

Assim, para Kay (1990), *even* indica que a sentença, ou oração, em que ocorre expressa, no contexto, uma proposição mais informativa, ou mais forte, do que alguma proposição distinta já presente no contexto: a proposição em que ocorre *even* é chamada de *text proposition*⁴⁴ (tp) e a proposição já presente e menos informativa é chamada de *context proposition*⁴⁵ (cp). *Even* seria, pois, um operador escalar que relaciona duas proposições no mesmo modelo escalar, marcando a proposição em que ocorre como mais informativa do que alguma outra proposição. O autor argumenta que esse lexema possui uma interpretação pragmática direta, pois denota uma relação, definida por sua superioridade informacional, entre a proposição expressa (tp) e a proposição expressa no contexto (cp).

Ainda, em relação à teoria griceana, Kay (1990) aponta a semelhança semântica entre *even* e a conjunção *plus*⁴⁶. Assim o significado parece o mesmo nas sentenças a seguir⁴⁷:

(16a) George drank a little wine, a little brandy, a little rum, a little calvados, and even a little armagnac.

(16b) George drank a little wine, a little brandy, a little rum, a little calvados, plus a little armagnac.

O processo de implicatura conversacional também pode fazer parte da construção do modelo escalar relativo ao significado de *even*. Considere as sentenças a seguir⁴⁸:

⁴³ Tradução: Dado um modelo escalar SM contendo duas proposições distintas *p* e *q*, *p* é mais informativo do que *q* sse *p* acarreta *q*. Kay (1990, p. 66).

⁴⁴ Tradução: proposição textual.

⁴⁵ Tradução: proposição contextual.

⁴⁶ Tradução: e/mais.

⁴⁷ Kay (1990, p. 71; 74).

⁴⁸ Kay (1990, p. 76-77).

(17) He can't speak Spanish and he's **even** lived a year in Spain.⁴⁹

(17a) That he is deserving of criticism.⁵⁰

(17b) That he is deserving of severe criticism.⁵¹

(18) He worked hard and the boss wasn't **even** there.⁵²

(18a) That we deserve praise.⁵³

(18b) That we deserve great praise.⁵⁴

A primeira cláusula de (17) “He can’t speak Spanish”⁵⁵ e de (18) “He worked hard”⁵⁶, podem implicar, respectivamente, (17a) e (18a). As sentenças completas (17) e (18), no entanto, são declarações mais fortes, contendo *even*, implicando, respectivamente, (17b) e (18b). Há uma diferença, porém, em relação ao processamento on-line de (17) e (18): no caso de (18), podemos imaginar que, assim que o destinatário ouve “He worked hard”, a implicatura (18a) pode vir ativamente à mente. Em (17), no entanto, ao ouvir “He can't speak Spanish”, a implicatura (17a) não é, necessariamente, ativada uma vez que faltam informações contextuais para essa ativação: em vez disso, apenas ao ouvir a continuação “and he's even lived a year in Spain”⁵⁷, somos capazes de (re)construir a implicatura (17a) a fim de criar o modelo escalar necessário para interpretar a sentença *even* completa, obtendo, por fim, (17b). Kay conclui, com isso, que (Kay, 1990, p.77): “[...] sometimes the addressee will have no idea of the cp until after he has constructed the tp. Or, perhaps more precisely, the real time process of constructing the scalar model interpretation, including both tp and cp, will sometimes not begin before the addressee has been presented with all the relevant linguistic material.”⁵⁸.

Kay (1990) chama a atenção para a diferença da concepção de escalaridade de *even* de sua análise para as análises anteriores: o conceito de escalaridade, ou gradiência, está presente explícita ou implicitamente em análises anteriores, como Horn (1969), Ducrot (1973); Anscombe e Ducrot (1983) e Fauconnier (1975). Porém, esses autores não oferecem

⁴⁹ Tradução: Ele não fala espanhol e EVEN viveu um ano na Espanha.

⁵⁰ Tradução: Que ele merece críticas.

⁵¹ Tradução: Que ele merece severas críticas.

⁵² Tradução: Ele trabalhava muito e o chefe EVEN NEG estava lá.

⁵³ Tradução: Que merecemos elogio.

⁵⁴ Tradução: Que merecemos um grande elogio.

⁵⁵ Tradução: Ele não fala Espanhol.

⁵⁶ Tradução: Ele trabalhou pesado.

⁵⁷ Tradução: e ele EVEN viveu um ano na Espanha.

⁵⁸ Tradução: às vezes, o destinatário não terá ideia da cp mesmo depois de ter construído a tp. Ou, talvez mais precisamente, o processo em tempo real de construção da interpretação do modelo escalar, incluindo tp e cp, às vezes não começará antes que o destinatário tenha sido apresentado com todo o material linguístico relevante.

uma caracterização matemática do que constitui uma escala em um modelo realmente escalar como o faz Kay. Esses autores assumem, também, a noção pressuposicional para explicar o significado de *even*⁵⁹:

(19) She **even** reads Sanskrit.⁶⁰

(19a) She reads Sanskrit.⁶¹

(19b) One would expect that she does not read Sanskrit.⁶²

Em que (19) é a sentença-*even*, e (19a) é a sentença sem *even*, porém com correspondência de valor de verdade. Ao empregar uma sentença como (19), esta poderá ser entendida como (19b); isso não ocorre, porém, com a sentença (19a), indicando que há algum fenômeno pragmático envolvido no uso de *even*. Kay (1990) defende que (19) indica uma realização maior do que sua possível p, como o fato de ela saber outra língua, sugerindo uma cp do tipo ‘ela sabe ler latim’. Assim, de acordo com o autor, se a leitura de sânscrito representa, contextualmente, uma realização maior do que a leitura de latim, a cp ‘ler latim’ implicaria conversacionalmente, via Quantidade (Grice, 1975), que ‘ela não pode ler sânscrito’.

Kay (1990) argumenta, ainda, que é a controvérsia⁶³ dessa implicatura da cp que dá origem à violação de expectativa expressa em (19b) sobre (19a). A intuição de violação de expectativa em relação às sentenças-*even* surge, então, do fato de que muitas vezes essas sentenças controvertem uma implicatura de quantidade da cp. Sobre o fenômeno envolvido nesses casos, Kay (1990, p.83) explica que: “this ‘expectation’ is neither a presupposition nor a conventional implicature, since it is contextually dependent and arises via the well known process of upper bounding (generalized conversational) quantity implicature.”⁶⁴.

Esse postulado de Kay (1990) veicula que, considerando o exemplo (19), há uma escala Latim-Sânscrito em que latim é mais fraco escalarmente e S é o termo mais forte, como <*even* Sânscrito, Latim>. Assim, ler latim implicaria não ler sânscrito e *even* estaria relacionado, geralmente, ao item mais forte na escala. Ressaltamos, porém, que isso não é o

⁵⁹ Kay (1990, p. 82).

⁶⁰ Tradução: Ela EVEN lê Sânscrito.

⁶¹ Tradução: Ela lê Sânscrito.

⁶² Tradução: Seria de se esperar que ela não leia Sânscrito.

⁶³ O autor não explica, claramente, o que é a controvérsia, ou controverter; porém, acreditamos que esteja relacionada aos casos em que *even* está ligado ao item mais informativo.

⁶⁴ Tradução: Esta ‘expectativa’ não é uma pressuposição nem uma implicatura convencional, uma vez que é contextualmente dependente e surge através do processo bem conhecido de implicatura de quantidade de limite superior (conversacional generalizada).

que parece, de fato, ocorrer uma vez que *even* não está associado a uma escala lexical existente, não vinculando, portanto, uma implicatura de quantidade conforme defendido pelo autor. É possível defender, com base nos postulados de Kay, uma escala pragmática, seguindo o modelo de Matsumoto (1995), mas não uma escala lexical.

Outro aspecto abordado por Kay é sobre a quebra de expectativa em sentenças-*even*. Essa característica não é, todavia, condição suficiente nem necessária para a felicidade do uso de *even*. Considere⁶⁵:

(20) We worked hard and the boss wasn't **even** there.⁶⁶

(21) *The boss wasn't there and we **even** worked hard.⁶⁷

(20) é uma sentença aceitável, apresentando quebra de expectativa e mantendo a relação tc-cp proposta por Kay. A sentença torna-se agramatical, porém, ao trocar a ordem tp-cp restando *even* no segundo conjunto, representada em (21): a sentença falha porque o primeiro conjunto - o chefe não estava lá - não garante cp interpretável como menos informativo do que tp, como merecer elogios. A agramaticalidade de (21) demonstra, segundo o autor, que a quebra de expectativa não é condição suficiente para o uso adequado de *even*.

Considerando estes apontamentos, é importante ressaltar que o autor não deixa claro como ocorre essa definição de o que é mais e menos informativo. Assim, sua análise apresenta sérios problemas descritivos no que se refere à relação tp-cp e informatividade, que são os pontos fundamentais de sua análise.

A quebra de expectativa não é, também, condição necessária para o uso apropriado de *even* já que a sentença-*even* pode ser explicitamente marcada com superação de expectativas. Considere:

(22) Everyone is remarking on Mary's improvement. Last week she beat the number ten player and this week, as everyone expected, she **even** beat the number three player.⁶⁸

Em (22), o feito de Mary está explicitamente de acordo com as expectativas. Nesse caso, *even* é garantido pelo fato de a realização maior exceder a conquista menor

⁶⁵ Kay (1990, p. 83).

⁶⁶ Tradução: Trabalhamos muito e o chefe EVEN (NEG) estava lá.

⁶⁷ Tradução: *O chefe não estava lá e EVEN trabalhamos muito.

⁶⁸ Tradução: Todos estão comentando sobre a melhora de Mary. Na semana passada ela venceu o décimo jogador e nesta semana, como todos esperavam, ela EVEN venceu o número três.

anteriormente afirmada, e não por exceder uma expectativa. Essas observações, referentes a não suficiência e não necessidade da violação de expectativa, vão contra o que fora postulado em análises anteriores por Horn (1969, 1971) e Karttunen e Peters (1975, 1979):

(23) **Even** Bill likes Mary.⁶⁹

(23a) Other people besides Bill like Mary.⁷⁰

(23b) Of the people under consideration, Bill is the least likely to like Mary.⁷¹

Kay (1990) argumenta, ao contrário de Karttunen e Peters (1979), que a inferência (23b) do enunciado de (23) não ocorre em todos os contextos; assim, não pode ser, como postulam os autores, uma implicatura convencional de (23).

Sobre Fauconnier (1975), apresentado anteriormente, Kay (1990) resume que ele está essencialmente preocupado com a compreensão da quantificação universal em sentenças que empregam operadores de final de escala, como os superlativos, considerando *even*, erroneamente segundo Kay, no conjunto de marcadores de fim de escala. Kay (1990) argumenta que não deseja contestar a validade das observações de Fauconnier acerca da interpretação quantificacional produzida por expressões de final de escala, mas ressalta que acredita ser um erro incluir *even* nesse grupo. Para isso, ele oferece os seguintes exemplos em que o foco marcado por *even* não é de final de escala⁷²:

(24) Not only did Mary win her first round match, she **even** made it to the semi-finals.⁷³

(25) The administration was so bewildered that they **even** had lieutenant colonels making major policy decisions.⁷⁴

Em (24) e (25), o foco marcado por *even* não é de final de escala e, contrariando a análise de Fauconnier (1975), o uso do lexema nessas sentenças é perfeitamente apropriado. Kay explica que a aceitabilidade de (24) não depende de algum tipo de contexto especial em

⁶⁹ Tradução: EVEN Bill gosta de Mary.

⁷⁰ Tradução: Outras pessoas além de Bill como Mary.

⁷¹ Tradução: Das pessoas em consideração, Bill é o menos provável de gostar Mary.

⁷² Kay (1990, p. 89).

⁷³ Tradução: Mary não só venceu sua partida do primeiro turno, ela EVEN chegou às semifinais.

⁷⁴ Tradução: A administração ficou tão perplexa que EVEN teve tenentes-coronéis tomando as principais decisões políticas.

que chegar às semifinais, em oposição a ganhar o torneio, é, em algum sentido, apropriado para o fim de escala. Ainda, em (25), o autor argumenta ser claro que ter majores, capitães ou sargentos tomando decisões políticas importantes forneceria a base para as afirmações mais extremas, não sendo o tenente-coronel um item de final de escala.

Kay (1990) defende, também, ser possível licenciar o uso de *even* em casos nos quais Alceste não é a pessoa com menor probabilidade de comparecer à festa em:

(07') **Even** Alceste came to the party.⁷⁵

Em (07'), a sentença-*even* seria adequada mesmo se Alceste fosse a segunda pessoa com menos probabilidade de ir à festa, não sendo, nesse caso, um item de final de escala.

Kay (1990) conclui que sua análise é bastante semelhante à análise de Fauconnier (1975) em muitos aspectos, principalmente na insistência de que *even* marca uma afirmação que é, em algum sentido, de final de escala: para Kay, pela relação tp-cp; para Fauconnier, pela escala quantificacional de probabilidade. Porém, Kay acredita que, ao seguir essa linha, o autor desiste do que parece um *insight* correto de análises anteriores, em que a sentença textual contendo *even* é sempre dependente de uma sentença contextual, expressa ou implícita, que, intuitivamente falando, seria menos extrema. Isso é, basicamente, o que Kay chama de relação tp-cp defendida em sua análise.

A seguir, apresentamos a análise quantificacional de Lycan (1991). Sua análise difere-se das análises apresentadas até o momento, principalmente no que se refere ao tipo de abordagem: as análises anteriores, e a maioria das análises existentes, propõem uma visão condicional de *even*, na qual o seu uso exige condições de felicidade para um emprego apropriado, porém sem relação vericondicional, isto é, seu uso requer condições de felicidade, não de verdade. Lycan propõe uma visão vericondicional para *even* defendendo que esse lexema se comporta como um quantificador universal quase contrário a *only*⁷⁶. Ainda, o autor propõe, a partir desta, duas análises modificadas: *with reason theory* e *plus theory*.

2.4 ANÁLISE QUANTIFICACIONAL UNIVERSAL DE LYCAN (1991)

⁷⁵ Tradução: EVEN Alceste veio à festa.

⁷⁶ Tradução: somente/apenas.

Lycan (1991) inicia sua análise sobre *even if* destacando que esta é uma expressão muito problemática, principalmente no que se refere à semântica de condicionais, e argumenta não ser, até o momento, uma expressão frequentemente estudada por linguistas nem por filósofos. Assim, o autor propõe analisar, inicialmente, a expressão *even*, como fizera Bennett (1982). Considerando nossa delimitação de pesquisa, utilizaremos sua análise no que se refere, essencialmente, a este lexema.

Lycan apresenta três possíveis visões teóricas relacionadas a *even*: (i) visão mínima, na qual o lexema não faria contribuição semântica à sentença em que ocorre e nenhuma contribuição de significado locucionário, servindo apenas para expressar uma atitude de surpresa por parte do falante; (ii) visão convencional, em que a escolha de *even* licenciaria uma implicatura convencional, não contribuindo, também, com o valor de verdade, porém seu uso estaria relacionado à felicidade da sentença; e (iii) visão semântica, em que *even* afetaria as condições de verdade da sentença, visto que a inclusão deste lexema cria novas implicações que a sentença original não apresentava. A visão mínima não apresenta, porém, nenhum seguidor.

A visão convencional, por outro lado, é a que possui mais seguidores, entre eles Fauconnier (1975), Bennet (1982) e Barker (1991). Nesta visão, a conotação gerada por *even* parece ser especificamente fornecida pelo significado desse lexema, sendo este recurso uma marca da implicatura convencional. Bennett (1982), por exemplo, apresentado anteriormente, compartilha desta visão, definindo que o uso de *even* implica a existência de uma sentença vizinha conhecida, relacionada e menos surpreendente do que a sentença-*even*.

Lycan argumenta, a partir da definição de Bennett, que a leitura existencial defendida pelo autor deixa a análise aberta a um contraexemplo em que há dois ou mais vizinhos salientes menos surpreendentes do que a S* relevante. Ainda, Lycan faz uma crítica a Bennett em sua abrangência de escopo. Considere⁷⁷:

(26) Conflicts of interest make him angry.

Indeed, **even** allegations of conflicts of interest make him angry.⁷⁸

(27) The Soviet authorities put dissidents into mental hospitals.

They put **even** the relatives of dissidents into mental hospitals.⁷⁹

⁷⁷ Lycan (1991, p. 121) a partir de postulados de Bennett (1982, p. 407).

⁷⁸ Tradução: Os conflitos de interesse o deixam com raiva.

Na verdade, EVEN alegações de conflitos de interesse o deixam furioso.

⁷⁹ Tradução: As autoridades soviéticas colocaram dissidentes em hospitais psiquiátricos.

(28) There has never been a miracle.

There has never **even** been prima facie evidence of a miracle.⁸⁰

Para Bennett (1982), as segundas sentenças resultam das primeiras pelo processo de “ampliação”. Lycan, porém argumenta que os focos de *even* em (26), (27) e (28) são *allegations of conflicts of interest*⁸¹, *the relatives of dissidents*⁸² e *been prima facie evidence of a miracle*⁸³, e as S* subjacentes à segunda sentença resultam da substituição destas pelo constituinte correspondente na primeira sentença, S_j. O autor explica que tem essa visão por acreditar que *even* expressa uma comparação de expectativa dentro de um contexto de referência indicada, e a relação entre S_j e S* fundamenta-se no mesmo: não se pode comparar as expectativas de *alegações* (26) com nada, como fizera Bennett (1982), devendo-se comparar *alegações de conflito*, na segunda sentença de (26), com *conflito*, na primeira.

Lycan argumenta que, apesar de haver análises relacionando expectativa, probabilidade e surpresa ao uso de *even*, é necessário atentar-se à noção escalar que está em jogo e que nem sempre é de caráter epistêmico:

Kay (1990) has produced clear counterexamples to the idea that the focus of even must denote something unexpected or unlikely in the ordinary epistemological sense. Indeed, sentences containing even can be pragmatically ambiguous as regards what scale is assumed. Certainly, extremity relative to some scale is required, but the question of what sorts of scale are mobilized in what contexts remains complicated.⁸⁴ (LYCAN, 1991, p.122)

Segundo o autor, *even* adiciona semanticamente (i) referência implícita a uma classe mais ampla especificada contextualmente, e (ii) quantificação universal sobre os membros dessa classe: isso sugere uma análise semântica do lexema com base na ideia intuitiva de classe de referência natural dentro do qual distinguem-se os graus de expectativa:

Where S is a sentence containing even, C is the constituent of S and of its corresponding S* that is the focus of *even* in S, unsaturated dashes "---- ---- "

Eles colocaram EVEN parentes de dissidentes em hospitais psiquiátricos.

⁸⁰ Tradução: Nunca houve um milagre.

Nunca houve EVEN evidência prima facie de um milagre.

⁸¹ Tradução: alegações de conflitos de interesse.

⁸² Tradução: parentes de dissidentes.

⁸³ Tradução: evidência prima facie de um milagre

⁸⁴ Tradução: Kay (1990) produziu contraexemplos claros para a ideia de que o foco de *even* deve denotar algo inesperado ou improvável no sentido epistemológico comum. De fato, sentenças contendo *even* podem ser pragmaticamente ambíguas no que diz respeito à escala assumida. Certamente, extremos em relação a alguma escala é necessária, mas a questão de quais tipos de escala são mobilizados em quais contextos permanece complicada.

indicate the result of subtracting *even* and C from S, and G is a contextually determined class containing at least one member $\neq$ C: S is true iff every member x of G including the referent of C is such that ----x----.⁸⁵ (LYCAN, 1991, p.130)

Ainda, o autor explica que incluir o referente de C é tornar explícito o fato de que o referente de C é um membro de G também, sendo G a classe de referência natural, dentro das quais as comparações de expectativa são feitas. Essas comparações são convencionalmente implicadas ou lexicalmente presumidas pela escolha de uso de *even*. Assim, considerando a sentença “**Even** Grannie was sober.”⁸⁶, por exemplo, pode-se considerar que essa sentença é verdadeira sse todos do grupo estiverem sóbrios, incluindo a vovó.

Assim, o autor expressa o motivo de acreditar que a versão da visão semântica esteja correta, sendo o primeiro representante dessa visão, defendendo que *even* reflete um quantificador universal em forma lógica em vez de estar vinculado à classe de comparação apenas a nível pragmático: *even* é muito semelhante a *only* em seu comportamento gramatical e em sua gama de ambientes sintáticos hospitaleiros. Ambas são palavras flutuantes, no sentido de que podem ocorrer em quase qualquer posição gramatical⁸⁷:

(29) **Even/Only** I hit him in the eye yesterday.⁸⁸

(30) I **even/only** hit him in the eye yesterday.⁸⁹

(31) I hit **even/only** him in the eye yesterday.⁹⁰

(32) I hit him **even/only** in the eye yesterday.⁹¹

(33) I hit him in the eye **even/only** yesterday.⁹²

O autor ressalta que a semelhança fica ainda mais evidente ao se considerar que poucas palavras em inglês podem flutuar tão livremente como *even* e *only*, definindo-as como almas gêmeas sintáticas. Ainda, uma vez que *only* é, incontroversamente, um quantificador, restrito no contexto a uma classe saliente de itens, seria muito surpreendente este ter valor semântico enquanto aquele não. Assim,

⁸⁵ Tradução: Onde S é uma sentença contendo *even*, C é o constituinte de S e de seu S* correspondente que é o foco de *even* em S, traços insaturados "---- ----" indicam o resultado da subtração *even* e C de S, e G é uma classe determinada contextualmente contendo pelo menos um membro $\neq$ C: S é verdadeiro sse cada membro x de G incluindo o referente de C for tal que ---- x ----.

⁸⁶ Tradução: EVEN vovó estava sóbria.

⁸⁷ Lycan (1991, p. 133-134).

⁸⁸ Tradução: EVEN/ONLY eu o acertei no olho ontem.

⁸⁹ Tradução: Eu EVEN/ONLY o acertei no olho ontem.

⁹⁰ Tradução: Eu acertei EVEN/ONLY ele no olho ontem.

⁹¹ Tradução: Eu o acertei EVEN/ONLY no olho ontem.

⁹² Tradução: Eu o acertei no olho EVEN/ONLY ontem.

[..] once one gets used to the idea that both words determine a contextually natural reference class relative to focus and that the reference classes are exactly the same everywhere, it is easy to see how the two words differ as quantifiers over that class: An *only*-sentence is true iff none but the mentioned member of the reference class satisfies the schema that results from deleting only itself and the mention, while an *even*-sentence is true iff every member of the reference class including the mentioned member satisfies that schema. In brief: *Only* means "none except", *even* means "everyone including"⁹³. (LYCAN, 1991, p. 134-135)

A partir disso, o autor argumenta que (i) *only* e *even* são almas gêmeas sintáticas, apresentando padrões de distribuição idênticos em uma ampla variedade de ambientes sintáticos; (ii) cada um determina uma classe de referência natural de itens, e, em determinado ambiente sintático, ambos determinam a mesma classe, sem falha; (iii) *only* é, incontrovertidamente, um quantificador cujo domínio é a classe em questão; (iv) quando *even* é interpretado como quantificador universal quase contrário a *only*, as paráfrases resultantes de sentenças *even* são apropriadas; portanto: (v) *even* é um quantificador universal quase oposto a *only* e a visão semântica é justificada (LYCAN, 1991).

Lycan (1991) apresenta, todavia, quatro possíveis contraexemplos a sua teoria⁹⁴:

(34) Bill is **even** taller than John.⁹⁵

(35) You have to be eleven or twelve or **even** thirteen to get your ears pierced.⁹⁶

(36) I'll be polite **even** if you insult me, but I won't be polite if you insult my wife.⁹⁷

Contexto: Suponha que, de um grande grupo de pessoas convidadas para uma determinada festa, todos provavelmente comparecerão. Gonzo e Bluto, em particular, são festeiros e praticamente certos de ir. No entanto, ao que parece, quase todos acabam por ficar em casa na noite em questão, porque há um surto de gastroenterite e nem mesmo Gonzo e Bluto se

⁹³ Tradução: [...] uma vez que nos acostumamos com a ideia de que ambas as palavras determinam uma classe de referência contextualmente natural em relação ao foco e que as classes de referência são exatamente as mesmas em todos os lugares, é fácil ver como as duas palavras diferem como quantificadores sobre essa classe: Uma sentença-*only* é verdadeira sse nenhum, mas o membro mencionado da classe de referência satisfizer o esquema que resulta da exclusão de *only* e da menção, enquanto uma sentença-*even* é verdadeira sse cada membro da classe de referência incluindo o membro mencionado satisfizer esse esquema. Resumindo: *only* significa "nenhum exceto", *even* significa "todos incluindo"

⁹⁴ Lycan (1991, p. 136; 137; 138; 141).

⁹⁵ Tradução: Bill é EVEN alto do que John.

⁹⁶ Tradução: Você precisa ter onze, doze ou EVEN treze anos para furar as orelhas.

⁹⁷ Tradução: Serei educado EVEN se você me insultar, mas não serei educado se você insultar minha esposa.

sentem muito bem. Bluto sucumbe, mas Gonzo consegue se arrastar para a festa mesmo assim, encontrando-se sozinho com o anfitrião envergonhado e uma pilha de lembrancinhas abandonadas:

(37) **Even** Bluto stayed home.⁹⁸

A sentença (37) é proposta por Bennett (1982) e, assim, como Bennett, Lycan argumenta que o uso de *even* como intensificador comparativo é simplesmente, embora inesperadamente, distinto do uso geral do lexema. O segundo contraexemplo, definido por (39), encaixa-se, também, em uma classe de comparação, distinguindo-se de *even* em seu amplo uso; ainda, nesse caso, o lexema parece significar *inclusive*, não se agregando às noções propostas por Lycan acerca do quantificador. O terceiro exemplo, (36), pode ser expresso por “I do not as things are envision any real and relevant possibility that I will not be polite, not even one in which you insult me, but if I now make myself envision one in which you insult my wife, I do not see myself being polite in any such event”⁹⁹ e, assim, (36) não se trata de uma contradição, mas acarreta que não há nenhum evento no qual se insulta a esposa. Por fim, em (37), o uso de *even* parece assertivo, porém, ao contrário do que o autor postula, esse lexema não está desempenhando um papel de quantificador universal. Lycan argumenta, pois, que os quantificadores universais têm o hábito de, realmente, serem universais, o que levaria a crer que *even* se comportaria, sempre, como um quantificador desse tipo; porém, o lexema parece admitir exceções.

O último contraexemplo, por se tratar da quantificação universal, seria o mais controverso à teoria de Lycan (1991), pois para o autor, (37) seria compreendido como “Todos ficaram em casa, incluindo Bluto.”. Lycan argumenta, porém, seguindo Kay (1990), que esse é um caso de contraexemplo à ideia popular de que *even* é um marcador de final de escala. Assim, o problema encontrado em (37) e em outros exemplos relacionados a casos em que *even* não é marcador de final de escala, apresentados em Kay, é parte de uma dificuldade geral para a compreensão do lexema, a qual consiste em determinar exatamente onde e como o contraste convencionalmente implicado de probabilidade atinge a classe de referência em questão (LYCAN, 1991).

⁹⁸ Tradução: EVEN Bluto ficou em casa.

⁹⁹ Tradução: Eu não imagino nenhuma possibilidade real e relevante de que eu não seja educado, nem mesmo aquela em que você me insulta, mas se agora me faço imaginar uma em que você insulta minha esposa, não me vejo sendo educado em qualquer evento desse tipo.

Ainda, a partir de (37), Lycan faz uma crítica à análise de Bennett, propondo o seguinte exemplo¹⁰⁰:

Contexto: Como antes, quase todos os convidados provavelmente comparecerão à festa. Mais uma vez, Gonzo e Bluto certamente irão. No entanto, Clarence é bastante tímido e nunca vai a festas, e James é autista, recusando-se a se envolver com elas. Desta vez, o surto de gripe incapacita a todos, até Gonzo, e todos ficam em casa; Clarence e James não tinham nenhuma inclinação para ir de qualquer maneira. Mas uma vez que James tinha ainda menos probabilidade de ir do que Clarence, a análise de Bennett licenciaria:

(38) **Even** Clarence stayed home.¹⁰¹

Considerando o contexto apresentado, a sentença (38) não é adequada visto que não há dúvidas de que Clarence ficaria em casa. Com isso, Lycan (1991) sugere uma revisão para a análise de Bennett, exigindo que não apenas um, mas todos os vizinhos conhecidos e relacionados de S sejam menos surpreendentes do que S*, mas isso contrariaria ele próprio. O autor sugere, ainda, a modificação de sua própria análise para uma quantificação mais fraca do que a universal, utilizando o quantificador *many*¹⁰². Desse modo, “**Even** Grannie was sober” significaria “Muitos membros do grupo estavam sóbrios, incluindo a vovó.”. Isso resolveria, também, o problema levantado em (37).

Todavia, de acordo com Lycan, essa análise ainda não seria satisfatória visto que não explica a plausibilidade inicial da quantificação universal já que o quantificador *many* não reflete essa ideia. Assim, a fim de preservar a ideia de quantificação universal, o autor apresenta duas possibilidades: *with reason theory* e *plus theory*. Essas propostas consistem na paráfrase do significado de *even*, respectivamente, para *every... with reason, including*¹⁰³ e *every... plus*¹⁰⁴.

O autor argumenta que, apesar de a segunda paráfrase causar uma certa estranheza, ela parece corresponder às expectativas de uso de *even*, enquanto a primeira, apesar de ser promissora, ainda é uma proposta a ser testada. Ainda, a hipótese *plus* elimina alguns contraexemplos sem a artificialidade de supor o alargamento da classe de referência; porém,

¹⁰⁰ Lycan (1991, p. 142).

¹⁰¹ Tradução: EVEN Clarence ficou em casa.

¹⁰² Tradução: muitos(as).

¹⁰³ Tradução: todos ... com razão, incluindo.

¹⁰⁴ Tradução: todos ... mais.

tem por desvantagem a dissociação da relação entre *even* e *only*, assim como a hipótese *with reason* também o faz.

Assim, Lycan aposta na segunda proposta, *plus theory*, argumentando que a primeira ainda é uma hipótese *ad hoc* e dissociando, assim, sua ideia inicial de *even* e *only* no que diz respeito ao significado quantificacional de *even* em associação ao de *only*. O autor mantém, porém, sua defesa de que ambas abrangem o mesmo grupo de itens contextualmente especificados.

Apresentaremos, a seguir, a análise universal de Barker (1991). Barker apresenta sua análise universal dentro do viés convencional, aprimorando a análise a as condições de felicidade propostas por Bennett (1982).

2.5 ANÁLISE UNIVERSAL DE BARKER (1991)

Barker (1991) escreve sobre os lexemas *even* e *still*¹⁰⁵ e sua relação contrafactual. O autor inicia seu estudo sobre *even*, apresentando abordagens já existentes deste, como a análise existencial de Bennett (1982) e escalar de Fauconnier (1975). Por meio dessas análises, o autor apresenta suas dúvidas e contraexemplos a fim de defender uma leitura universal desse lexema. Ainda, o autor se inspira na análise de *even* de Bennett para apresentar sua análise sobre *still*, porém, devido ao recorte de objeto desta tese, nos limitaremos à análise do primeiro lexema, *even*.

Barker (1991) aponta que a teoria de *even* e *even if* de Bennett (1982) é falha. Assim, o autor propõe uma teoria refinada de *even* e, posteriormente, de *still*, argumentando ser falsa a visão clássica seguida por Bennett. Ao retomar Bennett (1982), Barker destaca os seguintes postulados de sua visão: (i) *even* pode ser pensado como um operador que toma nome, predicados e sentenças como seu escopo; (ii) ao usar *even* em uma sentença, há implicações que tornam essa sentença capaz de uma afirmação feliz. A partir disso, o autor questiona as condições de felicidade propostas por Bennett, apresentada em (10): Barker argumenta que as condições propostas não parecem suficientes para o uso apropriado de *even*. Considere as sentenças a seguir¹⁰⁶:

¹⁰⁵ Tradução: ainda.

¹⁰⁶ Barker (1991, p. 4).

(39) Looking out the window expecting to find only family members in the front yard, I see three figures and remark truly, There's Pa and Grandma outside and **even** Ronald Reagan! My audience rejoins, **even** Reagan is outside!¹⁰⁷

(40) Someone reading the prize winners' list remarks, Only three people won a prize out of a hundred this year. Brain and Smart won a prize, of course, but last year's worst student was the other, Smith! To which in reply it is exclaimed, **even** Smith won a prize!¹⁰⁸

(41) It is asserted, Out of a thousand people few died of the disease, two old ladies, a child, a young woman, surprisingly, and even the man everyone thought completely invulnerable! To which it is replied, **even** he died of the disease!¹⁰⁹

Por meio das sentenças (39), (40) e (41), Barker afirma que estas sentenças-*even* são claramente infelizes apesar de satisfazerem as condições de felicidade propostas por Bennett. Em (39), por exemplo, (i) S_j , *Pa is outside*¹¹⁰, é acreditada mutuamente por falante e ouvinte; (ii) S_j e S^* , *Reagan is outside*, são partes de uma verdade geral, há três pessoas fora; e (iii) a verdade de S^* é mais surpreendente do que S_j .

Uma alternativa para o problema encontrado na análise de Bennett é analisar *even* por meio de escalas. Fauconnier (1975), conforme apresentado na seção 2.1, propõe uma relação de *even* com a quantificação de superlativos, em que esses podem ser analisados por meio de escalas pragmáticas. Retomemos a sentença proposta pelo autor:

(06') The faintest noise bothers my uncle.

Fauconnier sugere que, ao usar o superlativo *faintest*, compreende-se que se o menor barulho incomoda meu tio, todos os barulhos mais altos também o incomodarão. Haveria, assim, uma escala pragmática de ruídos/barulhos variando de acordo com o volume destes que está associado ao esquema "x incomoda meu tio". Ainda, em termos escalares, se é verdade que o menor barulho (x) incomoda meu tio, é verdade que os ruídos x_1 , x_2 , e assim

¹⁰⁷ Tradução: Olhando pela janela esperando encontrar apenas membros da família no jardim da frente, vejo três figuras e observo com sinceridade: Está papai e vovó lá fora e EVEN Ronald Reagan! Meu público se reúne, EVEN Reagan está lá fora!

¹⁰⁸ Tradução: Alguém lendo a lista dos vencedores comenta: Apenas três pessoas ganharam um prêmio entre cem este ano. Brain e Smart ganharam um prêmio, é claro, mas o pior aluno do ano passado foi o outro, Smith! Ao que em resposta é exclamado, EVEN Smith ganhou o prêmio!

¹⁰⁹ Tradução: Afirma-se: De mil pessoas, poucas morreram da doença, duas senhoras idosas, uma criança, uma jovem, surpreendentemente, e EVEN o homem que todos consideravam completamente invulnerável! Ao que se responde: EVEN ele morreu da doença!

¹¹⁰ Tradução: Pa está lá fora.

por diante, também o incomodarão. O autor ressalta que não se trata de acarretamento lógico, mas uma inferência provável relacionada ao uso do superlativo. O mesmo ocorre com *even*¹¹¹:

(07') **Even** Alceste came to the party.

Retomando a análise de Fauconnier, é possível ressaltar que, quando um contexto admite uma escala pragmática, o ponto mais baixo da escala de probabilidade pode ser modificado por *even*. A declaração em (42) sugere a implicação pragmática de que todos foram à festa. Assim, Alceste, elemento junto a *even*, é o ponto mais baixo de uma escala pragmática de pessoas que vieram à festa.

Barker propõe um aprimoramento nas condições de *even* de Fauconnier, sugerindo as proposições a seguir¹¹²:

(i)' There is associated in the context with the scope a of *even* a scalar description, usually the F-est G and the G-scale fixed by this description is such that the scale principle holds of it, and α is the lowest point on the scale for the entities under consideration.

(ii) The G-scale is simultaneously a probability-of-satisfying-Rx-scale, and α is its low point.

Postas essas condições, os exemplos (39), (40) e (41) seriam facilmente satisfeitos. Ainda, o autor explica que as análises escalares de *even* que exigem apenas uma escala de probabilidade, como a análise de Fauconnier (1975), não são suficientes para a felicidade uma sentença-*even*. Em (41), por exemplo, há uma escala em que 'homem aparentemente invulnerável' está no ponto baixo e 'senhoras idosas' estão no ponto alto. Considere, porém, a situação a seguir¹¹³:

¹¹¹ Barker (1991, p. 6) a partir de Fauconnier (1995).

¹¹² Barker (1991, p. 07).

Tradução: (i) 'Está associada no contexto com o escopo de EVEN uma descrição escalar, geralmente o F-est G e a escala G fixada por esta descrição é tal que o princípio da escala é válido, e α é o mais baixo ponto na escala para as entidades em consideração;

(ii) A escala G é simultaneamente uma escala Rx de probabilidade de satisfação e α é seu ponto baixo.

¹¹³ Barker (1991, p. 9).

(42) Suponha que um comício de estudantes foi realizado hoje onde a polícia apareceu. Em geral, a polícia se esforça para prender estudantes de filosofia. Havia três estudantes de filosofia:

A: Who got arrested today?

B: Just some philosophy students: Fred, Mary and **even** Jane.¹¹⁴

No caso (42), o autor explica que as condições de felicidade propostas seriam satisfeitas, porém S não seria: B pode ter asseverado S com pleno conhecimento da situação proposta, e sabendo, também, que Jane é uma pessoa de boas maneiras que não provocaria a polícia, ao contrário de Fred e Mary. Nesse caso, há uma escala G conhecida por B associada à questão ‘o mais manso dos alunos de filosofia’. O princípio da escala também é válido, visto que Jane é a pessoa com melhores maneiras e, se ela foi presa, os outros também foram. Poder-se-ia, então, asseverar “O mais manso dos estudantes de filosofia foi preso hoje.”, implicando que todos foram presos. As condições de felicidade são, portanto, satisfeitas; porém, Barker defende que, em (42), a própria S é infeliz, pois, segundo ele, o uso de *even* implica a realização de um ato de fala¹¹⁵.

Barker (1991) argumenta que o ato de fala de que *even* relaciona S à instanciação universal implícita ou asseverada, $\forall xRx$. Assim, as condições (i) e (ii) e, ainda, S* são instâncias universais. A partir dessas observações, o autor propõe duas condições de felicidade para uma sentença-*even*¹¹⁶:

(43) **Análise de *Even* proposta por Barker (1991)**

(i) S* e S_j são asseveradas como casos de instanciação universal de S implícita ou declarada.

(ii) S* é uma instância extrema de S_u¹¹⁷.

Barker argumenta que Fauconnier (1975) estava errado em sua perspectiva de tratar *even* como um modificador de inferências pragmáticas já existentes. De acordo com Barker (1991), as inferências pragmáticas são, simplesmente, ferramentas usadas na asserção de

¹¹⁴ Tradução: A: Quem foi preso hoje?

B: Apenas alguns alunos de filosofia: Fred, Mary e EVEN Jane.

¹¹⁵ De acordo com o autor: “o ato de fala que *even* implica [...] é afirmar que S é uma instância de uma quantificação universal implícita ou afirmada $\forall xRx$ (Barker, 1991, p. 10).

¹¹⁶ Barker (1991, p. 10).

¹¹⁷ Sentença Universal.

sentenças-*even* para fixar a intenção de S. Assim, para ele, *even* é um modificador de instanciamento universal do ato de fala.

A seguir, apresenta-se a análise quantificacional de Berckmans (1993). Assim como Lycan (1991), o autor acredita que *even* contribui para o valor de verdade da sentença; porém, para ele, a quantificação do lexema seria ambígua, definida por recursos contextuais.

2.6 ANÁLISE QUANTIFICACIONAL AMBÍGUA DE BERCKMANS (1993)

Berckmans (1993) inicia sua teoria quantificacional de *even* destacando que este lexema expressa, tipicamente, algo inesperado ou surpreendente. O uso de *even* implica a existência de uma classe de contraste na qual os membros desta compartilham uma propriedade relevante com o objeto sob foco de *even*¹¹⁸:

(44) **Even** Ted was sober.¹¹⁹

A sentença (44) expressa que a sobriedade de Ted é inesperada, ou, pelo menos, menos esperada que a sobriedade de outros indivíduos membros da mesma classe relevante. O autor retoma Bennett (1982) e Fauconnier (1975) para explicar diferentes formas de análise da sentença acima.

Para Bennett, o uso de *even* seria adequado se existisse, ao menos, outro indivíduo que compartilhasse essa propriedade, de estar sóbrio. Fauconnier, no entanto, não compartilha da visão de que uma sentença contendo *even* implicaria apenas a noção de surpresa no sentido de o elemento junto a este lexema ser o menos esperado, mas de uma classe de contraste ordenada escalarmente, na qual o objeto sob foco de *even* ocupa a posição de final de escala: Ted seria, portanto, o item mais surpreendente no final da escala de indivíduos que podem ser ordenados de acordo com seu nível de embriaguez.

O autor retoma, também, Lycan (1991) e Barker (1991), autores que defendem que as sentenças-*even* fazem uma referência, ao menos, implícita a uma classe universal. Berckmans (1993) acomoda as análises de Lycan e Barker mantendo a ideia de que *even*

¹¹⁸ Berckmans (1993, p. 589).

¹¹⁹ Tradução: EVEN Ted estava sóbrio.

implica quantificação sobre uma classe mais ampla, porém o autor defende que o lexema é ambíguo entre quantificação universal e existencial.

Berckmans (1993) apresenta duas importantes observações acerca da análise de Barker (1991). Primeiro, apesar de Barker não deixar explícita a natureza da classe implicada, presume-se que esta classe seja contextualmente determinada, uma vez que, ao considerarmos que *even* implica uma leitura universal, essa universalidade é restrita ao contexto da sentença. Em (44), por exemplo, ninguém implicaria que todas as pessoas do universo estavam sóbrias: bastaria, apenas, que as pessoas da classe de contraste estivessem, como os indivíduos presentes na mesma festa/local que Ted estava.

Ainda, provavelmente, deve-se tolerar que a S_u gerada seja tomada não literalmente, metaforicamente ou em sentido hiperbólico. Considere¹²⁰:

(45) Foreign cars are enormously popular. **Even** Pat Buchanan drives one.¹²¹

Seguindo a análise de Barker (1991), a sentença (45) deve implicar “todos dirigem carros estrangeiros”, o que seria falso e não passível de ser solucionado por contexto uma vez que este não parece sugerir uma classe determinável para que a asserção seja verdadeira. Mas, ao considerarmos que a sentença produz uma relação hiperbólica, o uso de *even* é justificado.

Berckmans (1993) sugere, ainda, dois casos em que a quantificação universal dificilmente possa ser mantida mesmo em uma relação contextual ou não literal¹²²:

(46) The denazification was organized so sloppily initially that **even** Eichmann and Mengele escaped.¹²³

(47) His quiz average was so low that **even** a perfect final could not save him.¹²⁴

Em (46), mesmo com uma leitura não literal do quantificador que abrange uma classe de contraste restrita, determinada contextualmente, contendo apenas nazistas de alto escalão, é difícil sustentar uma quantificação universal. Em (47), o uso de *even* implica que nada poderia ter salvado o aluno, diferentemente do que fora defendido por Barker.

¹²⁰ Berckmans (1993, p. 591).

¹²¹ Tradução: Os carros estrangeiros são extremamente populares. **EVEN** Pat Buchanan dirige um.

¹²² Berckmans (1993, p. 591).

¹²³ Tradução: A desnazificação foi organizada de maneira tão descuidada no início que **EVEN** Eichmann e Mengele escaparam.

¹²⁴ Tradução: Sua média no questionário era tão baixa que **EVEN** uma final perfeita não poderia salvá-lo.

Outro problema levantado por Berckmans seria o sentido comparativo intensificador de *even*, que poderia mudar sua leitura quantificacional de acordo com a classe de referência de contexto¹²⁵:

(48) Mr. Big is **even** richer than Kerry Packer.¹²⁶

(49) A: Take the case of Mr. Big.

B: Hold on, though; we are talking about really rich people. Does

Mr. Big qualify?

A: Mr. Big is **even** richer than Kerry Packer.¹²⁷

Em (48), Barker (1991) sugere uma leitura universal para a sentença, argumentando que sua paráfrase poderia ser “All millionaires in Australia are such that Mr. Big is richer than they are.”¹²⁸. Berckmans (1993), por outro lado, apresenta um contraexemplo para essa leitura, em (49), defendendo que o enunciado de A não implicaria uma generalização universal. Assim, a sentença “Mr. Big is even richer than Kerry Packer” pode assumir tanto uma leitura universal, como em (48), quanto uma leitura existencial, em (49). Ainda, o uso de *even* em (49) aponta para um intensificador de comparação entre indivíduos em vez de uma comparação entre um membro de uma classe universal e o resto desta classe.

Berckmans retoma, também, a análise universal de Lycan (1991), a qual defende a relação entre *even* e *only*, classificando-os como quantificadores universais. Lycan sugere duas versões modificadas de sua tese quantificacional, definidas por “*every... within reason*” e “*every... plus*” conforme explicado na seção anterior. Berckmans (1993) argumenta que a tese *plus* não só evita os tipos de objeções apresentados até o momento contra Barker (1991), como também explica os contraexemplos referentes à generalização universal S_u .

O autor ressalta, porém, que esta versão de Lycan não é resistente a algumas problematizações, como¹²⁹:

(50) **Even** after he was diagnosed with cancer he kept smoking¹³⁰;

¹²⁵ Berckmans (1993, p. 592-593).

¹²⁶ Tradução: Mr. Big é EVEN mais rico que Kerry Packer.

¹²⁷ Tradução: A: Veja o caso de Mr. Big.

B: estamos falando de pessoas realmente ricas. Mr. Big se qualifica?

A: Mr. Big é EVEN mais rico que Kerry Packer

¹²⁸ Tradução: Todos os milionários na Austrália são tais que Mr. Big é mais rico do que eles.

¹²⁹ Berckmans (1993, p. 598).

¹³⁰ Tradução: EVEN depois de ser diagnosticado com câncer, ele continuou fumando.

(51) He fooled around **even** before they were married.¹³¹

De acordo com Berckmans, em casos como (50) e (51), com *even* antes de *before* e *after*, é difícil de sustentar a defesa de uma quantificação do tipo universal, defendida por Lycan. Os contraexemplos (52) e (53) são, de acordo com o autor, ainda mais difíceis de sustentarem a tese da quantificação universal¹³²:

(52) Evans kissed Mary **even** before he knew her name.¹³³

(53) He was executed **even** after the queen herself made a plea to spare his life.¹³⁴

Essa impossibilidade de quantificação sugerida por Berckmans (1993) ocorre pela relação temporal apresentada nas sentenças: em (52) e (53) não há um longo intervalo de tempo, mas um determinado momento no tempo. Assim, não há como *even* acarretar quantificação sobre um intervalo de tempo, ainda que o foco do lexema seja um intervalo.

Berckmans (1993) apresenta, ainda, um contraexemplo à análise *plus* de Lycan envolvendo o uso de *even* em casos como (54)¹³⁵:

(54) Some of the most loyal White House officials weren't with the president on this one, **even** Sununu and Baker weren't. Scowcroft, of course, stood beside his leader.¹³⁶

Em (54), os indivíduos Sununu e Baker são instâncias de um quantificador existencial explícito, sendo difícil sugerir que estes indivíduos sejam, de alguma forma, instanciações de um quantificador universal, ainda que implicitamente presente, como sugerido nas análises alternativas de Lycan. Essa instanciação funcionaria somente se o quantificador universal fosse visto como subconjunto da classe associada ao quantificador existencial (BERCKMANS, 1993)¹³⁷:

¹³¹ Tradução: Ele brincava EVEN antes de se casarem.

¹³² Berckmans (1993, p. 598).

¹³³ Tradução: Evans beijou Mary antes EVEN de saber o nome dela.

¹³⁴ Tradução: Ele foi executado EVEN depois que a própria rainha fez um apelo a poupar sua vida.

¹³⁵ Berckmans (1993, p. 603).

¹³⁶ Tradução: Alguns dos funcionários mais leais da Casa Branca não estavam com o presidente neste caso, EVEN Sununu e Baker não estavam. Scowcroft, é claro, estava ao lado de seu líder.

¹³⁷ Berckmans (1993, p. 603).

(55) Some of the most loyal White House officials weren't with the president on this one, and of all those that one expects to be with the president, none were with the president, plus Sunaunu and Baker. Scowcroft of course, stood beside his leader.¹³⁸

Ainda assim, conforme explica o autor, esse movimento quantificacional exigiria manobras lógicas, parecendo bastante implausível. Ciente disso e considerando os contraexemplos acima relatados, Berckmans (1993) propõe sua análise de *even*, buscando dar conta dos problemas e inconsistências encontrados até o momento relativos a esse lexema.

O autor argumenta que a tentativa de compreender o significado de *even* se deu por meio da relação entre seu foco e uma possível classe de contraste universal. Todavia, de acordo com ele, pode ser uma boa ideia pensar sobre os tipos de crenças e intenções que se acredita que um falante possui quando usa *even* em uma sentença. O autor oferece alguns exemplos que refletem a importância do reconhecimento do estado mental do falante, considere¹³⁹:

Contexto: Imagine uma conversa entre o Sr. Evans e sua filha de quinze anos que está prestes a sair vestindo uma roupa escandalosa. O Sr. Evans proíbe sua filha de sair vestida assim, acrescentando:

(56) **Even** Cher wouldn't wear that!¹⁴⁰

Questiona-se o que leva o Sr. Evans a proferir (56): segundo Berckmans, esta asserção carrega crenças ou pensamentos de Sr. Evans sobre o tipo de pessoa que usaria tais roupas e, ainda, provavelmente, ele tem algumas crenças relevantes sobre Cher, como Cher ser o tipo de pessoa da qual se espera o uso de roupas extravagantes. De acordo com o autor, seria inteiramente inapropriado o Sr. Evans proferir (56) sem ter conhecimento sobre Cher ou sobre a classe de indivíduos que usaria tais roupas.

Ainda, Berckmans defende que o objeto em foco de *even* em casos como (56) se destina a trazer à mente um certo tipo de pessoas cujas características se tornam o objeto de comparação e a sentença-*even* tem a intenção de chamar a atenção do ouvinte para uma instância ou símbolo de estereótipo. Como esse estereótipo será instanciado dependerá de

¹³⁸ Tradução: Alguns dos funcionários mais leais da Casa Branca não estavam com o presidente neste caso, e de todos aqueles que se espera estar com o presidente, nenhum estava com o presidente, além de Sunaunu e Baker. Scowcroft, é claro, ficou ao lado de seu líder.

¹³⁹ Berckmans (1993, p. 604).

¹⁴⁰ Tradução: EVEN Cher não usaria isso!

fatores psicológicos ou sociais sobre o falante, podendo a relação entre o indivíduo e esse estereótipo ser parafraseada como “alguém como...”. O autor defende que, nesses casos, há o anúncio de uma instanciação de um quantificador existencial, na qual o uso de *even* implica, de alguma forma, essa quantificação. Berckmans esclarece que, se isso estiver correto, uma teoria sobre *even* que objetive declarar condições de verdade deve postular uma ambiguidade entre a quantificação universal, defendida por Lycan (1991), e existencial, conforme demonstrado por Berckmans em (56).

Considere, ainda, o seguinte exemplo¹⁴¹:

Contexto: Suponha que o Sr. Robards seja cobrado de seis dólares por um Alabama Slammer que ele encomendou no Joe's Bar and Grill. Com desgosto, ele diz ao garçom:

(57) **Even** at Max's they're only \$4.50!¹⁴²

Na situação de (57), não é preciso presumir por parte do falante o conhecimento de todos os restaurantes da cidade. Para o uso de *even* ser apropriado nessa situação, é necessário apenas que o falante pense que o restaurante de Max é, normalmente, muito caro, mas não tão caro quanto o de Joe, e que ele pense que o ouvinte conhece alguns fatos relevantes sobre o restaurante de Max para fins de contraste ou comparação. Assim, (56) e (57) poderiam ser parafraseados como¹⁴³:

(56a) Somebody like Cher wouldn't wear that.¹⁴⁴

(57a) At, say, Max's, an Alabama Slammer is only \$4,50.¹⁴⁵

Nesses casos, “*even X is P*”¹⁴⁶ não significa, portanto, “*everyone... plus (surprisingly) X is P*”¹⁴⁷, mas “*someone (surprisingly) like X is P*”¹⁴⁸. Berckmans (1993) sugere, então, reformular a tese de Lycan propondo que as sentenças-*even* expressam surpresa

¹⁴¹ Berckmans (1993, p. 605).

¹⁴² Tradução: EVEN no Max's, eles custam apenas US \$ 4,50!

¹⁴³ Berckmans (1993, p. 605).

¹⁴⁴ Tradução: Alguém como Cher não usaria isso.

¹⁴⁵ Tradução: No Max's, digamos, um Alabama Slammer custa apenas US\$ 4,50.

¹⁴⁶ Tradução: EVEN X é P.

¹⁴⁷ Tradução: todos... mais (surpreendentemente) X é P.

¹⁴⁸ Tradução: alguém (surpreendentemente) como X é P.

sobre um ou mais conjuntos em uma expansão funcional de verdade de um quantificador universal. Assim, (44) pode ser parafraseada como¹⁴⁹:

(44a) Tom was sober, Dick was sober, Harry was sober, as expected, plus Ted (a surprise).¹⁵⁰

Even sinalizaria, assim, um elemento inesperado em uma expansão funcional de verdade, podendo aparecer, às vezes, explicitamente, com ou sem um quantificador de oposição¹⁵¹:

(44b) Everybody you would expect to be sober, i.e. Tom, Dick, Harry, they were all sober, **even** Ted was.¹⁵²

(44c) Tom, Dick, Harry, **even** Ted was sober.¹⁵³

Ainda, o autor argumenta que a percepção de que *even* anuncia um item em uma expansão funcional de verdade de um quantificador ajuda a explicar a estranha estrutura de superfície de alguns casos que envolvem enumerações disjuntivas (Berckmans, 1993, p. 608): “Having excluded universal quantification for these examples, it seems natural now to treat them as truth-functional expansions (partial or complete) of an existential quantifier.”¹⁵⁴ Retomemos o exemplo (35), de Lycan¹⁵⁵:

(35’) You have to be eleven or twelve or **even** thirteen to get your ears pierced¹⁵⁶.

A disjunção em (39’) segue o padrão natural de uma expansão funcional de verdade de um esquema existencialmente quantificado conforme pode ser explicitado por (39a)¹⁵⁷:

¹⁴⁹ Berckmans (1993, p. 607).

¹⁵⁰ Tradução: Tom estava sóbrio, Dick estava sóbrio, Harry estava sóbrio, como esperado, além de Ted (uma surpresa).

¹⁵¹ Berckmans (1993, p. 607).

¹⁵² Tradução: Todos que você esperaria que estivessem sóbrios, ou seja, Tom, Dick, Harry, todos eles estavam sóbrios, **EVEN** Ted estava.

¹⁵³ Tradução: Tom, Dick, Harry, **EVEN** Ted estava sóbrio.

¹⁵⁴ Tradução: Tendo excluído a quantificação universal para esses exemplos, parece natural agora tratá-los como expansões funcionais de verdade (parciais ou completas) de um quantificador existencial.

¹⁵⁵ Berckmans (1993, p. 608).

¹⁵⁶ Você tem que ter onze ou doze ou **EVEN** treze para furar as orelhas

¹⁵⁷ Berckmans (1993, p. 608).

(35a) Some advanced ages exist before which children are not allowed by their parents to have their ears pierced: eleven, twelve, or (and this is quite outrageous) thirteen.¹⁵⁸

Berckmans (1993) argumenta que o quantificador existencial em aposição aparece para explicar por que a enumeração é uma disjunção e explica por que *even* aparece no final da sentença quando pensamos na enumeração representando uma expansão escalarmente ordenada do quantificador. Ainda, conforme o autor, a suposição de que *even* sinaliza um item em uma expansão de um quantificador existencial é mais atraente do que a sugestão de *even* como um intensificador de comparação, como fora sugerido por Lycan (1991), especialmente porque também explica outros contraexemplos sugeridos por Berckmans ao questionar a análise de Lycan.

A partir disso, o autor considera:

It is thus not necessary to invoke two different lexical uses of *even* for these sentences, one for disjunctive enumerations where scalar comparison - and thus the intensifying use - is possible, the other for uses requiring the "plus" theory. Both types of examples can be explained by the hypothesis that an existential quantifier is entailed. And one more similarity between *even* and other appositive indicators becomes apparent. Insofar as *even* is an appositive indicator, it often functions as a device to announce the end of an enumeration, just as finally may indicate the last term in an apposition. *Even* thus fulfills a dual role when used in such enumerations: in addition to carrying an expectation-contravening connotation, it signals the final term in an apposition.¹⁵⁹ (BERCKMANS, 1993, p. 608)

Berckmans (1993) propõe, então, a seguinte análise de *even*¹⁶⁰:

(58) Análise de Even proposta por Berckmans (1993)

Conjunto de condições para qualquer sentença-*even* S, em que S_e é uma generalização existencial de S*:

(i) S* e S_j são elementos de uma expansão funcional de verdade de um S_u ou S_e explícito ou implícito;

¹⁵⁸ Tradução: Existem algumas idades avançadas antes das quais os pais não permitem que as crianças tenham suas as orelhas furadas: onze, doze ou (e isso é levemente ultrajante) treze.

¹⁵⁹ Tradução: Portanto, não é necessário invocar dois usos lexicais diferentes de *even* para essas sentenças, um para enumerações disjuntivas onde a comparação escalar - e, portanto, o uso intensificador - é possível, o outro para usos que requerem a *plus theory*. Ambos os tipos de exemplos podem ser explicados pela hipótese de que um quantificador existencial é acarretado. E mais uma semelhança entre *even* e outros indicadores apositivos torna-se aparente. Na medida em que *even* é um indicador apositivo, frequentemente funciona como um dispositivo para anunciar o fim de uma enumeração, assim como pode indicar o último termo em uma aposição. *Even*, então, cumpre um duplo papel quando usado em tais enumerações: além de carregar uma conotação contrária à expectativa, sinaliza o termo final em uma aposição.

¹⁶⁰ Berckmans (1993, p. 609).

- (ii) a verdade de S^* seria mais surpreendente do que a verdade de S_j ;
- (iii) Existe um universo determinado contextualmente em que pelo menos S^* e S_j são satisfeitos.

O autor explicita a pretensão de que essas condições sejam gerais o suficiente para dar conta da ambiguidade entre a leitura existencial e universal. Ainda, além de resolver os contraexemplos apresentados sobre as análises de Bennett (1982) e Lycan (1991), a principal vantagem de sua análise é a capacidade de unificar diversas análises que, inicialmente, pareciam bastante plausíveis. Assim, é possível adotar a ideia de Barker (1991) e Lycan (1991) de uma classe contrastante e um quantificador sem se desfazer das considerações de Bennett (1982) e Kay (1990) que exigiam a existência de apenas um item contrastante.

Ainda, embora a quantificação universal não possa ser sustentada como regra única, conforme sugere o autor, é possível formular um princípio geral para a assertividade das sentenças-*even* e suas condições de verdade:

Even announces an unexpected element in a truth-functional expansion of an existential quantifier or a universal quantifier. [...] The result is a favorable similarity between the existential paraphrase of an even sentence and a universal paraphrase of an even sentence, both of which will contain minimally an apposition whose first term is a quantifier and whose second term (or nth term) will contain a member of the class over which the quantifier ranges, announced by including (for the universal reading) or namely, like, etc. (for the existential reading).¹⁶¹ (BERCKMANS, 1993, p. 609)

A proposta sugerida por Berckmans (1993), sobre a ambiguidade quantificacional de *even*, dá conta de exemplos antes não explicados, como o intensificador comparativo (Lycan, 1991). Todavia, de acordo com o autor, ainda é possível destacar casos em que *even* não funciona de modo quantificacional, como¹⁶²:

(59) That's **even** worse.¹⁶³

¹⁶¹ Tradução: *even* anuncia um elemento inesperado em uma expansão funcional de verdade de um quantificador existencial ou um quantificador universal. [...] O resultado é uma semelhança favorável entre a paráfrase existencial de uma sentença-*even* e uma paráfrase universal de uma sentença-*even*, ambas as quais conterão minimamente uma aposição cujo primeiro termo é um quantificador e cujo segundo termo (ou enésimo termo) conterá um membro da classe sobre a qual o quantificador varia, anunciado por incluir (para a leitura universal) ou a saber, como, etc. (para a leitura existencial).

¹⁶² Exemplo sugerido por Bennett (1982) para tratar da relação existencial de *even*.

¹⁶³ Tradução: Isso é EVEN pior.

A sentença (59) não pode ser parafraseada com um quantificador, universal ou existencial. Isso, de acordo com Berckmans (1993), sugere que Bennett (1982) estava certo ao identificar dois possíveis sentidos de *even*.

Ainda, Berckmans (1993) afirma estar ciente de que sua análise ambígua de *even* deixa uma série de questões sem solução. O autor argumenta, porém, que a ambiguidade quantificacional não é exclusiva de partículas como *even*, podendo ocorrer também em sintagmas substantivos possessivos, substantivos massivos e descrições indefinidas no singular e no plural (BERCKMANS, 1993). O autor ressalta, por fim, que a interpretação da quantificação pretendida certamente dependerá de recursos contextuais.

A seguir, será apresentada a análise existencial de Francescotti (1995). O autor aprimora a análise de Bennett (1982), propondo que a felicidade no uso de *even* dependeria de um grupo de vizinhos verdadeiros, o qual é satisfeito por *most*¹⁶⁴. Ainda, conforme apresentado abaixo, Francescotti argumenta ser fraca a defesa de apenas um vizinho verdadeiro, apresentada por Bennett, ao mesmo tempo que considera não ser o caso de uma leitura universal, defendida por Lycan (1991) e Barker (1991).

2.7 ANÁLISE EXISTENCIAL DE FRANCESCOTTI (1995)

Francescotti (1995) inicia sua análise apresentando as diversas visões de *even*, desde a visão tradicional, como implicatura convencional (Bennett, 1982), passando pela abordagem quantificacional (Lycan, 1991), incluindo objeções a estas visões por meio de Kay (1990), Barker (1991) e Berckmans (1993). Sua análise é construída por meio da exposição dessas diferentes visões, explanando os exemplos e contraexemplos de cada análise para, por fim, apresentar sua própria visão de *even*. O autor retoma a visão tradicional de *even*, de que o lexema não afeta as condições de verdade da sentença. Assim, sua contribuição no significado da sentença estaria a nível pragmático, como implicatura convencional. Francescotti (1995) chama esta visão de Implicature Account (doravante, IA) e a considera a visão intuitivamente mais plausível.

O autor destaca que, apesar da plausibilidade da IA, Lycan (1991) propõe uma abordagem inteiramente diferente ao defender que *even* atua como um quantificador universal, distanciando-se da visão tradicional por rejeitar a Tese da Equivalência, na qual se define a correspondência entre a sentença original e a sentença semelhante com *even*.

¹⁶⁴ Tradução: a maioria.

Francescotti (1995), no entanto, declara sua preferência pela visão tradicional, mostrando que a visão de Lycan e de outras análises envolvendo quantificação são problemáticas.

Assim, o autor começa expondo a análise de Bennett (1982), referente à visão tradicional de *even*. Francescotti (1995) argumenta que, embora, o relato de Bennett dê conta de uma ampla variedade de casos, ele apresenta uma falha importante: o autor exige apenas que S^* seja mais surpreendente do que um vizinho, e isso deixa sua análise aberta ao seguinte contraexemplo:

Contexto: suponha que Albert passou no exame de química, mas isso não foi surpreendente, já que Albert é um dos melhores alunos de química da história da Madison High; neste caso, não seria feliz dizer¹⁶⁵:

(60) **Even** Albert passed the exam.¹⁶⁶

Suponha, porém, que a colega de Albert, Marie, tenha ainda mais probabilidade de passar, visto que é a melhor aluna de química: (60) ainda permaneceria infeliz. Porém se considerarmos “Marie passou no exame” como sentença vizinha, a análise de Bennett (1982) produziria o resultado incorreto de que (60) é adequado, pois é mais surpreendente Albert passar no exame do que Marie (FRANCECOTTI, 1995).

De acordo com o autor, uma maneira óbvia de solucionar o problema acima relatado é exigir que S^* seja mais surpreendente do que todos os seus vizinhos). Ele argumenta, porém, que, embora a análise de Bennett (1982) seja muito fraca, a modificação desta teoria para uma abordagem universal é muito forte: suponha que todos na classe falhem no exame de química, e isso inclui Albert, o que é muito surpreendente, dado suas habilidades acadêmicas; seria feliz, neste caso, dizer (66)¹⁶⁷:

(61) **Even** Albert failed the exam.¹⁶⁸

A sentença (61) permaneceria feliz mesmo havendo outra pessoa que tenha menos probabilidade do que Albert de ser reprovada no exame. Assim, e seguindo o exemplo (61), de Kay (1990), é possível reconhecer não ser necessário, para a felicidade de S , que S^* seja

¹⁶⁵ Francescotti (1995, p. 155).

¹⁶⁶ Tradução: EVEN Albert passou no exame.

¹⁶⁷ Francescotti (1995, p. 156).

¹⁶⁸ Tradução: EVEN Albert reprovou no exame.

mais surpreendente do que todos os seus vizinhos. A partir desses exemplos, é possível constatar que uma leitura de *even* na qual seu foco é mais surpreendente do que apenas um vizinho é fraca; porém, também não é o caso de exigir que seu foco seja mais surpreendente do que todos os vizinhos, sendo esta visão muito forte.

Ciente dessas problemáticas, Francescotti (1995) retoma outra visão de *even*: a visão quantificacional de Lycan (1991). Conforme visto na seção 2.4, a descrição de Lycan sobre este lexema é motivada pelas semelhanças sintáticas existente entre *even* e *only*. Dadas essas semelhanças, e considerando o fato de que *only* é um quantificador, Lycan propõe que *even* também o é. Para Lycan, *only* é um quantificador que significa “nenhum, exceto” e *even* é um quantificador que significa “todos, incluindo”

Francescotti (1995) apresenta, então, alguns problemas para a abordagem quantificacional de Lycan: suponha que o tio Jed acabou de fazer o chili mais picante de todos os tempos, desejando não o insultar, a maioria de nós, incluindo a vovó, conseguiu ter coragem suficiente para experimentá-lo; supondo que a vovó é muito mais reservada culinariamente do que a pessoa reservada na média, seria feliz neste caso dizer¹⁶⁹:

(62) **Even** Granny tried the chili.¹⁷⁰

Na análise de Lycan, devemos parafrasear (67) como¹⁷¹:

(62a) Everyone in the group tried the chili, and that includes Granny.¹⁷²

Todavia, (67a) seria verdadeiro mesmo se houvesse uma ou duas pessoas do grupo que não experimentaram o chili. Conforme Francescotti (1995), quando afirmamos (67a), nós implicamos que a avó experimentou o chili, o que é surpreendente, visto que este não é o comportamento esperado: apesar do que dita Lycan (1991) sobre a quantificação de *even*, seria possível haver alguém no grupo que não o experimentou, talvez ainda menos aventureiro que a vovó.

Ainda, Francescotti (1995) ressalta a diferença dos problemas encontrados nas análises de Karttunen e Peters (1979) e Lycan (1991): para os primeiros, o problema está no

¹⁶⁹ Francescotti (1995, p. 158).

¹⁷⁰ Tradução: EVEN vovó experimentou o chili.

¹⁷¹ Francescotti (1995, p. 158).

¹⁷² Tradução: Todos no grupo provaram o chili, inclusive a vovó

fato de que “*even A is F*¹⁷³” pode ser verdadeira e feliz mesmo quando algum outro item tem menos probabilidade de ser F; para o segundo, “*even A is F*” pode ser verdadeira e feliz mesmo quando algum dos itens relevantes não são F.

Lycan, A fim de evitar contraexemplos da não universalidade de *even*, modifica sua análise inicial defendendo que *even* é um quantificador que significa “tudo o que razoavelmente esperamos, mais...” em vez de “tudo, incluindo”. Assim, (67) seria parafraseado por¹⁷⁴:

(62b) Everyone in the group whom you would reasonably expect to try the chili did, plus Granny tried the chili.¹⁷⁵

Francescotti (1995), inspirado nas considerações de Berckmans (1993), propõe uma mudança de contexto, em que uma pessoa provável de provar o chili, não o prova: considere que Clint é uma das pessoas mais prováveis de provar o chili, no entanto ele muda de ideia. Neste caso, (62) ainda seria verdadeiro e feliz, mesmo que nem todos que esperávamos provar o chili assim o fizessem. Assim, “*even A is F*” pode ser verdadeiro e feliz quando algum dos itens relevantes que razoavelmente se esperaria ser F não são. Isso contraria, pois, a proposta alternativa de Lycan (1991).

O autor sugere que, a partir das considerações acima, interpretar *even* como quantificador máximo seria uma sugestão natural. Assim, (62) seria parafraseado por (62c) ou (62d)¹⁷⁶:

(62c) Most people in the group tried the chili, and that includes Granny.¹⁷⁷

(62d) Most people in the group whom you would reasonably expect to try the chili did try the chili, plus Granny tried the chili.¹⁷⁸

Suponha, porém, que a vovó é a única pessoa do grupo que você esperaria que não provasse o chili, mas apenas metade do grupo o experimentou: embora seja falso que a maioria experimentou, (62) ainda é perfeitamente aceitável (FRANCESCOTTI, 1995).

¹⁷³ EVEN A é F.

¹⁷⁴ Francescotti (1995, p. 159).

¹⁷⁵ Tradução: Todos no grupo que você esperaria que provassem o chili provaram, mais a vovó provou o chili.

¹⁷⁶ Francescotti (1995, p. 160).

¹⁷⁷ A maioria das pessoas do grupo provou o chili, inclusive a vovó.

¹⁷⁸ A maioria das pessoas do grupo que você razoavelmente esperaria que provasse o chili o provou, mais a vovó provou o chili.

Ainda, o autor propõe tratar *even* como um quantificador múltiplo, significando “many..., including...”¹⁷⁹. Porém, também parece não ser este o caso: suponha que apenas três pessoas do grupo experimentaram o chili, e o restante não o fez, como Clint; considerando que a vovó fosse uma das três, e que isso fosse muito surpreendente, (62) ainda seria feliz e verdadeiro. Como um grupo de três pessoas dificilmente pode ser considerado por *many*, (62) não poderia ser interpretado como (62d) ou (62e)¹⁸⁰.

(62d) Many people in the group tried the chili, and that includes Granny.¹⁸¹

(62e) Many people in the group whom you would reasonably expect to try the chili did, plus Granny tried the chili.¹⁸²

Francescotti (1995) conclui, então, que *even* parece não ser um quantificador universal, nem máximo ou múltiplo. Berckmans (1993) também apresenta uma análise quantificacional de *even*, na qual o autor constata que os usos deste lexema capazes de refutar a análise modificada de Lycan apresentam, ao menos, uma afirmação quantificada existencialmente, conforme explicado na seção *Análise Quantificacional Universal de Lycan* (1991). Como apresentado anteriormente, Berckmans conclui que alguns casos de *even* possuem leitura universal e outros existencial, evidenciando, assim, uma ambiguidade no significado do lexema.

Sobre a análise de Berckmans (1993), a crítica de Francescotti se concentra na implicação universal defendida pelo autor, mesmo se tratando de conhecimento do contexto ou crença. Retomemos a sentença (61):

(61’): **Even** Albert failed the exam.

De acordo com Francescotti (1995), o fato de que todos reprovaram no exame não é suficiente para mostrar que (61’) implica esse fato, pois o significado seria o mesmo em situações nas quais um ou dois alunos foram aprovados. Na visão de Berckmans, somos forçados ao resultado altamente implausível de que se todos foram aprovados ou não, realmente afeta o que quero dizer ao proferir (61’) (FRANCESCOTTI, 1995).

¹⁷⁹ Tradução: “muitos..., incluindo...”

¹⁸⁰ Francescotti (1995, p. 160).

¹⁸¹ Tradução: Muitas pessoas do grupo provaram o chili, inclusive a vovó.

¹⁸² Tradução: Muitas pessoas no grupo que você poderia esperar que experimentassem o chili, o fizeram, mais a vovó provou o chili.

Francescotti explica que, talvez, a visão de Berckmans seja que (61') tem implicação universal apenas quando é perceptível que todos reprovaram; porém, segundo Francescotti, esta não pode ser o que motiva o uso de (61') visto que o motivo para o proferir seria exatamente o mesmo se eu soubesse que um ou dois alunos foram aprovados. Parece, pois, que em nenhuma situação há a insinuação, logicamente ou convencionalmente, de uma declaração universalmente quantificada com o uso de *even*.

Feitas as críticas à abordagem quantificacional, Francescotti retoma a visão tradicional, IA. O autor começa revisando a análise de Bennett (1982) e compara sua própria visão de “contextualmente determinado” ao requisito de saliência proposto por Bennett. Suponha que Albert é um aluno da primeira série e acabou de ser reprovado no teste de ortografia: se a falha de Albert fosse suficientemente surpreendente, então (66') seria perfeitamente apropriada, apesar do fato de haver inúmeras pessoas no mundo que são muito menos propensas a falhar em tal teste.

Francescotti (1995) ressalta que casos nos quais o uso de *even* não se refere a algo mais surpreendente de uma maneira geral, mas dentro de um determinado contexto, são casos não mais considerados problemáticos, uma vez que é possível compreender e justificar o uso deste lexema ao considerar o contexto do enunciado. No caso de Albert, embora haja inúmeras pessoas com menos probabilidade de falhar no exame, seu desempenho está comparado a de seus colegas.

Ainda, o autor ressalta que uma sentença *even* varia em grau de felicidade em, pelo menos, duas maneiras distintas: (i) uma sentença-*even* pode ser mais feliz do que outra, porque seu foco supera seus vizinhos de surpresa em maior grau; e (ii) o grau de felicidade pode não ser apenas uma função de quanto S* supera seus vizinhos em surpresa, mas também quantos vizinhos ele supera.

Para o primeiro caso, de variação de surpresa, o autor apresenta o seguinte exemplo: suponha que Andre seja, de longe, a pessoa mais alta da classe de referência determinada contextualmente, e ele não pode alcançar a prateleira do armário sem subir em uma cadeira. Neste caso, seria verdadeiro e apropriado dizer¹⁸³:

(63) **Even** Andre cannot reach the top shelf.¹⁸⁴

¹⁸³ Francescotti (1995, p. 163).

¹⁸⁴ Tradução: **EVEN** Andre não pode alcançar a prateleira de cima.

De acordo com o autor, se Andre fosse a pessoa mais alta, mas apenas por uma pequena margem, ainda seria feliz, mas não tão apropriada. Este primeiro grau de felicidade é capturado pela maioria das variedades de IA, visto que a maioria das análises desse tipo de abordagem caracterizam o significado de *even* em termos de surpresa ou probabilidade subjetiva (FRANCESCOTTI, 1995).

Suponha, todavia, a seguinte classe de referência: metade do grupo tem mais de 6', 5", a outra metade tem menos de 5' e Andre pertence à subclasse maior (mas por pouco, medindo 6', 5" e um quarto), e a altura média do grupo é 5', 7". Neste caso, (63) não seria feliz, apesar do fato de que Andre é significativamente mais alto do que a média. Francescotti (1995) explica o motivo:

The reason why this sentence is infelicitous is that Andre is not taller than the majority of people in the group. Thus, degree of felicity is not only a function of how much S* surpasses its neighbors in surprise, but also how many neighbors it surpasses.¹⁸⁵ (FRANCESCOTTI, 1995, p. 164)

O caso acima referido pertence ao segundo caso, de variação de quantidade, proposto por Francescotti. Ainda, o autor sugere que esse elemento adicional de escalaridade é bem capturado pela vagueza do lexema *most*¹⁸⁶.

Sobre a violação de expectativa, Francescotti (1995) retoma Kay (1990), que argumenta embora ser comum analisar o significado de *even* em termos de surpresa, deve-se resistir a essa prática. Kay (1990) critica que *even* implique convencionalmente surpresa, sugerindo que a implicatura está, muitas vezes, a nível conversacional. Esse parecer de Kay pode ser verificado no exemplo (21) da seção “Análise Escalar de Kay (1990)”.

Considere, porém, a sentença a seguir¹⁸⁷:

(64) And she **even** reads French.¹⁸⁸

Francescotti (1995) argumenta que, se estivéssemos listando aleatoriamente os idiomas que ela é capaz de ler, sem nenhuma preocupação com improbabilidade, a sentença (64), vista desta forma, seria inapropriada, enquanto a sentença sem *even* “And she reads

¹⁸⁵ Tradução: A razão pela qual esta sentença é infeliz é que Andre não é mais alto do que a maioria das pessoas no grupo. Assim, o grau de felicidade não é apenas uma função de quanto S * ultrapassa seus vizinhos em surpresa, mas também de quantos vizinhos ele ultrapassa.

¹⁸⁶ Tradução: a maioria.

¹⁸⁷ Francescotti (1995, p. 165).

¹⁸⁸ Tradução: E ela EVEN lê francês.

French.”¹⁸⁹ seria completamente aceitável. A razão para isso, de acordo com o autor, é, justamente, a indicação de surpresa veiculada por *even*. Assim, Francescotti defende que o elemento surpresa em questão é mais do que uma violação da Máxima de Quantidade como defendera Kay.

Ainda, Kay (1990) defende que o elemento surpresa não é o único a ser veiculado pelo lexema, mas apenas um entre os vários recursos que podem justificar seu uso. Assim, Francescotti (1995) reelabora a segunda cláusula da análise de *even*¹⁹⁰:

(ii₂) S* encontra-se mais adiante em alguma escala determinada contextualmente (em alguma direção determinada contextualmente) do que a maioria das S_{is}.

Todavia, embora (ii₂) seja plausível, a cláusula deixa uma importante questão sem resposta: o que exatamente é encontrar-se mais adiante em uma escala e mais adiante em outra que torna o uso de *even* apropriado em ambos os casos? Francescotti (1995) retoma Kay (1990) para responder a este questionamento, atualizando-a conforme a noção de informatividade proposta por ele¹⁹¹:

(ii₃) S* é mais informativo do que a maioria das S_{is} desde que seja a evidência mais forte para a verdade de alguma proposição determinada contextualmente.

Francescotti (1995) argumenta, ainda, não ser claro que esta cláusula vá contra a ideia de que *even* é sempre um indicador de surpresa (p. 166): “It might be that S* is more surprising than most of its true neighbors precisely because condition (ii₃) obtains”.¹⁹² O autor defende que a felicidade de *even* depende não só da imprevisibilidade do evento, mas também a respeito do quão inesperado é o evento, como em relação a implicações morais e legais ou em termos de frequência geral¹⁹³:

(65) Granny was accused of kidnapping, and **even** murder.¹⁹⁴

(66) Granny was accused of murder, and **even** kidnapping.¹⁹⁵

¹⁸⁹ Tradução: E ela lê francês.

¹⁹⁰ Francescotti (1995, p. 166).

¹⁹¹ Francescotti (1995, p. 166).

¹⁹² Tradução: Pode ser que S* seja mais surpreendente do que a maioria de seus vizinhos verdadeiros precisamente porque a condição (ii₃) obtém.

¹⁹³ Francescotti (1995, p. 167).

¹⁹⁴ Tradução: Vovó foi acusada de sequestro e EVEN assassinato.

Para o autor, o uso de *even* em (65) é explicado pelo fato de que, apesar de sequestro ser menos frequente do que assassinato, em muitos contextos, encontram-se implicações morais e legais mais salientes no assassinato do que sua frequência. Por outro lado, se classificarmos as ações da vovó em termos de frequência geral, sem relação à moral, então a sentença (66) seria mais apropriada. Francescotti (1995) atualiza, portanto, sua segunda cláusula sobre *even*:

(ii₄) há algum aspecto X determinado contextualmente, de modo que S* é mais surpreendente do que a maioria das S_{is} em relação a X.

O autor rebate, também, o exemplo (24) de Kay, o qual retomaremos aqui:

(22') Everyone is remarking on Mary's improvement. Last week she beat the number ten player, and this week, just as everyone expected, she **even** beat the number three player.

Para Kay, o elemento surpresa não é o que garante a felicidade a (22') visto a conquista de Mary já ser esperada. Todavia, de acordo com Francescotti, parece haver algum elemento surpresa envolvido nesta sentença, algo como “esperamos o inesperado”: devido a sua grande melhora, não é surpreendente Mary ter vencido o jogador número dois, porém a surpresa está relacionada, justamente, a sua enorme melhora, garantindo esta superação. O autor ressalta, porém, que isso não significa rejeitar a análise de Kay (Francescotti, 1995, p. 168): “What he has done [...] is provide a very insightful way of explaining what it is about the use of 'even' that elicits surprise”¹⁹⁶. Assim, ele volta a defender a cláusula (ii₃), na qual *even* serve para indicar surpresa.

Francescotti retoma os exemplos de Barker (1991), apresentados na seção 2.5, propostos com a finalidade de refutar a análise de Bennett (1982). O autor explica que, se estes exemplos estiverem corretos, são capazes de refutar sua análise também. Barker argumenta que o ato de fala que *even* implica que estamos engajados está afirmando que S é

¹⁹⁵ Tradução: Vovó foi acusada de assassinato e EVEN sequestro.

¹⁹⁶ Tradução: O que ele fez [...] foi fornecer uma maneira muito perspicaz de explicar o que é sobre o uso de *even* que provoca surpresa.

uma instância de uma quantificação universal implícita ou asseverada. Assim, retomando (62) em (62'), para Barker, a verdade de (62e) seria necessária para a felicidade de (62')¹⁹⁷:

(62') **Even** Granny tried the chili.

(62f) Everyone in the group tried the chili.¹⁹⁸

De acordo com o autor, seguindo sua análise de *even*, isso acontece porque (62') é a S_u do qual S^* é uma instância extrema. Francescotti (1995) argumenta, assim, que a verdade de (62f) não é necessária para a verdade nem para a felicidade de (62'). Ainda, (62') permaneceria verdadeira e feliz mesmo que uma ou duas pessoas do grupo não tivessem experimentado o chili.

Ainda, Francescotti propõe uma solução para o exemplo de Barker. Retomemo-lo:

(40') A: Only three people won a prize out of a hundred this year. Brain and Smart won a prize, of course, but last year's worst student was the other, Smith!

B: **Even** Smith won a prize!

Francescotti argumenta que apesar de (40B) parecer inadequado, conforme sugere Barker, a inadequação não possui relação direta com o uso de *even*: uma vez que “*Smith won a prize*”¹⁹⁹ tem apenas dois vizinhos verdadeiros, podemos tratá-lo apenas no sentido de “a maioria”; e o uso de *even* parece perder totalmente o ponto do falante. Assim, (40B) seria adequado apenas se o falante estivesse enfatizando a vitória inesperada de Smith em relação a Brain e Smart, o que não ocorre em (40A). De acordo com o autor, o que está sendo enfatizado é o fato de que, surpreendentemente, poucas pessoas ganharam o prêmio e o fato de Smith o ganhar é ainda mais surpreendente. O autor sugere então um uso mais apropriado para *even* neste contexto²⁰⁰:

(67) You mean **even** Smith won a prize when so few were able to do so!²⁰¹

Ainda, retomando o segundo contraexemplo de Barker:

¹⁹⁷ Francescotti (1995, p. 171).

¹⁹⁸ Tradução: Todos no grupo experimentaram o chili.

¹⁹⁹ Tradução: Smith ganhou um prêmio.

²⁰⁰ Francescotti (1995, p. 171).

²⁰¹ Tradução: Você quer dizer que EVEN Smith ganhou um prêmio quando tão poucos foram capazes de fazê-lo!

(39') Looking out the window expecting to find only family members in the front yard, I see three figures and remark.

A: There's Pa and Grandma outside and **even** Ronald Reagan! My audience rejoins

B: Even Reagan is outside!

Francescotti argumenta que este caso é mais complicado que o anterior, justamente por não ter uma classe de referência clara. O autor argumenta, então, que, se a preocupação é apenas com a presença de não-membros da família, o uso de *even* para expressar surpresa com a presença de Reagan seria infeliz visto que “Reagan is outside”²⁰² não teria vizinhos verdadeiros; todavia, se havia vários outros membros não familiares no quintal e a presença de Reagan ainda fosse a mais surpreendente, o uso do lexema seria feliz. O autor sugere, então, que a felicidade do uso de *even* em (39') depende da classe de referência sobre a qual o ouvinte está se referindo e o grau de felicidade deste uso está relacionado a quantos membros estão nesta classe.

Francescotti (1995) conclui que sua análise de *even*, assim como a de Bennett (1982), inclui as seguintes intuições (FRANCESCOTTI, 1995, p. 172):

(i) a palavra *even* não faz diferença funcional de verdade, estando apenas a nível de implicatura convencional: *even* não funciona como um quantificador universal, contrariando Lycan (1991), nem máximo ou múltiplo. A única afirmação quantificada de “*even A is F*” é a afirmação existencial, cuja implicação é a própria Tese da Equivalência;

(i) *even* possui caráter epistêmico, implicando imprevisto, surpresa ou improbabilidade, sendo esta implicação parte de seu significado, o que contraria Kay (1990);

(iii) *even* é um termo escalar, visto que o inesperado pode estar correlacionado a diferentes níveis;

(iv) a felicidade de uma sentença-*even* S requer que S* seja suficientemente mais surpreendente em comparação a seus vizinhos verdadeiros.

Ainda, ao contrário do que postulara Bennett (1982) a respeito da superação de apenas um vizinho verdadeiro, esta condição, para Francescotti, não satisfaz o uso apropriado deste lexema. Porém, também não é o caso de exigir que *even* seja mais surpreendente do que

²⁰² Tradução: Reagan está lá fora.

todos os vizinhos, contrariando Barker (1991). Assim, de acordo com Francescotti, basta que S^* seja mais surpreendente do que a maioria dos vizinhos verdadeiros.

Apresentamos, a seguir, um resumo deste capítulo. Para este resumo, foram elaborados um quadro-resumo contendo as sete análises aqui apontadas, evidenciando as principais características destas análises e uma linha do tempo, indicando, como estas se dão cronologicamente e o principal exemplo utilizados pelos autores para refutar as análises anteriores.

2.8 RESUMO DO CAPÍTULO

Apresentamos, a seguir, um quadro indicando a ordem cronológica dos estudos aqui apresentados e seus principais fundamentos. Esse quadro tem por objetivo facilitar a compreensão de como as análises sobre *even* foram desenvolvidas, visto que, conforme apresentado ao longo do capítulo, é possível afirmar que seu avanço ocorreu por meio de exemplos e contraexemplos, nos quais, em cada nova análise, retomaram-se questões apresentadas nas anteriores de forma a solucionar as principais lacunas existentes, como o aprimoramento de Bennett (1982) por Francescotti (1995), ou de apresentar críticas substanciais, evidenciando os problemas teóricos das análises anteriores, como fizeram Berckmans (1993) e Francescotti (1995).

Ainda, evidenciamos o principal contraexemplo utilizado por cada autor ao defender sua análise: as sentenças junto aos autores evidenciam como estes defendem sua análise, de modo a ressaltar as propriedades por eles defendidas. Assim, Fauconnier (1975) apresenta um exemplo que evidencia a propriedade escalar universal de *even*, na qual Alceste é o ponto mais baixo da escala, demonstrando a mais baixa probabilidade de ir à festa; Bennett (1982) aponta a propriedade existencial de *even* por meio de seu exemplo, o qual é necessário que haja apenas um vizinho verdadeiro para Max, e Max seja o mais surpreendente de ter experimentado as calças; Kay (1990) apresenta seu exemplo referente aos tenentes-coronéis questionando a proposta de Fauconnier de que o elemento junto a *even* estaria sempre em final de escala: para Kay, isto não é necessário e seu exemplo é capaz de corroborar sua percepção visto que, apesar de tenentes-coronéis não serem elementos de final de escala, o uso de *even* é completamente satisfatório neste caso.

Lycan (1991) constrói sua análise em uma perspectiva teórica distinta das demais, defendendo o valor vericondicional de *even* e comparando-o ao quantificador *only*, o autor

apresenta, ao final de sua análise, duas versões modificadas, *with reason theory* e *plus theory*; Barker (1991) apresenta, dentre seus contraexemplos, uma situação capaz de desbancar a visão de Bennett, defendendo que, para a uso apropriado de *even*, o elemento sob seu escopo deve superar todos os vizinhos verdadeiros definidos contextualmente; Berckmans (1993) defende a ambiguidade deste lexema, a qual seria solucionada contextualmente, evidenciando esta dependência contextual e ambiguidade quantificacional em seu exemplo; por fim, Francescotti (1995) faz importantes contrapontos às análises anteriores, defendendo que o uso apropriado de *even* não pode ser garantido com a superação de apenas um vizinho verdadeiro, mas que não é o caso de necessitar ser mais surpreendente que todos seus vizinhos, o autor faz, pois, um aprimoramento da análise de Bennett mantendo a abordagem convencional proposta pelo autor.

Considere, pois, a seguir, a fim de melhor resumir as principais propriedades e distinções de cada análise, o quadro-resumo sobre as análises retratadas neste capítulo:

Quadro 01: Quadro-resumo das Análises de *Even*

	Tipo de Abordagem	Implicatura Aditiva	Implicatura Escalar	Natureza do Lexema	Exemplo
Fauconnier (1975)	Convencional Escalar	Universal	Probabilidade	Marcador de formação de escala pragmática	Even Alceste came to the party.
Bennett (1982)	Convencional	Existencial	Surpresa	Operador aditivo-escalar	Even Max tried on the trousers.
Kay (1990)	Conversacional Escalar	-	Informatividade	Operador escalar com interpretação pragmática direta	The administration was so bewildered that they even had lieutenant

					colonels making major policy decisions.
Lycan (1991)	Quantificacional	Universal	Razoabilidade	Quantificador	
Barker (1991)	Convencional	Universal	Definida contextualmente pela classe de referência	Modificador de instanciação universal do ato de fala	Even Smith won a prize!
Berckmans (1993)	Quantificacional	Ambígua (depende de recursos contextuais)	Surpresa	Intensificador de comparação entre indivíduos	Even at Max's they're only \$4.50!
Francescotti (1995)	Convencional	Existencial	Surpresa	Termo escalar de caráter epistêmico	Even Andre cannot reach the top shelf.

Fonte: A autora (2022)

No próximo capítulo, apresentamos abordagens mais recentes acerca de *even*. Estas abordagens aprofundam alguns questionamentos presentes nas análises deste capítulo, aperfeiçoando as análises intuitivas aqui apresentadas em análises de base lógico-formal, investigando aspectos como escopo, aditividade e escalaridade do lexema.

3 ANÁLISES RECENTES

Neste capítulo, nos dedicamos a apresentar fatores que influenciam no uso de EVEN e procuramos ir além das análises semântico-pragmáticas apresentadas no capítulo anterior. As considerações presentes neste capítulo servem de auxílio para uma análise mais completa do lexema, na qual se busca compreender as relações sintagmáticas deste operador, principalmente no que se refere a escopo, e as distintas formas de uso nas variadas línguas.

Apresentamos, neste capítulo, análises mais recentes do lexema, as quais apresentam maior preocupação com formalização semântica e relação sintática com teorias de escopo, como *Scope Theory* (Karttunen & Peters, 1979) e *NPI Theory* (Rooth, 1985). As análises a seguir apresentam uma visão menos intuitiva de *even*, a qual foi apresentada no capítulo anterior na revisão de literatura; a partir destas análises de base, semanticistas e pragmaticistas dedicaram-se a propor uma análise formal de *even* que desse conta de diferentes tipos de uso desse lexema e seus significados intuitivos com análises passíveis de formalização.

Seguindo as contribuições sintáticas para o uso de *even* propostas por Karttunen e Peters e Rooth, os autores apresentam diferentes visões de como este lexema pode ser explicado e formalizado. Assim, consideramos importante destacar os principais pontos dessas teorias e suas divergências: na *Scope Theory* há duas variações de leitura de *even*, as quais são definidas pelas leituras de escopo, amplo ou restrito; na *NPI Theory*, no entanto, *even* pode variar em dois tipos: normal²⁰³ e negativo, agindo como um item de polaridade negativa, conservando a leitura de escopo restrito. Ambas serão explicadas a seguir.

Sobre as variações de EVEN nas diversas línguas, apresentamos uma breve comparação entre este lexema em inglês, grego (GIANNAKIDOU, 2007), espanhol (Schwenter, 2002; Chamorro, 2008; Herburger, 2013) e português brasileiro (PB) (Fontes e Moreira, 2020).

3.1 SCOPE THEORY X NPI THEORY

Nesta seção, abordaremos artigos que analisam as propriedades de *even* a partir de questões sintático-semânticas, como o escopo e a polaridade negativa. Esta seção se faz necessária, pois, apesar de as questões sintáticas não serem o foco desta tese, muitas das

²⁰³ Também chamado de positivo ou regular.

análises recentes de *even* partem de questões relacionadas ao escopo e aos tipos de *even*, abordados inicialmente por Karttunen & Peters (1979) e Rooth (1985).

Karttunen & Peters (1979) e Rooth (1985) apresentam diferentes maneiras de explicar e solucionar a ambiguidade de *even*, como a *Scope Theory* e a *Negative Polarity Item Theory* (doravante, *NPI Theory*). Ambos os estudos compartilham a ideia de que duas implicaturas ocorrem a partir do uso de *even*, sendo elas uma implicatura aditiva existencial e uma implicatura escalar, porém os primeiros autores buscam solucionar a ambiguidade do lexema por meio das leituras de escopo, amplo ou restrito, enquanto o segundo estudo defende a existência de dois tipos de *even*, sendo um de polaridade positiva e outro de polaridade negativa, resolvendo, assim, o problema da ambiguidade do lexema em contextos negativos.

Apresentam-se, a seguir, as seções referentes a estas duas abordagens. Inclui-se, ainda, uma seção dedicada às análises de Wilkinson (1996) e Rullmann (1997), visto que esses autores complementam a *Scope Theory* e a *NPI Theory*, respectivamente, e, ainda, artigos recentes contam com suas análises.

3.1.1 Scope Theory: Karttunen & Peters (1979)

Karttunen & Petters (1979), doravante K&P, escrevem sobre implicaturas convencionais, argumentando que há um grande conjunto de casos chamados de pressuposição que são, no entanto, instâncias de implicatura convencional. Esses casos estão associados a partículas como *too*, *either*, *also*, *even* e *only* (K&P, 1979).

Os autores desenvolvem sua análise a partir dessas partículas. Focaremos, aqui, na análise de *even*: K&P apresentam o significado da sentença-*even*, o qual está relacionado a duas implicaturas, uma implicatura aditiva e uma implicatura escalar. A implicatura aditiva apresenta, de acordo com eles, leitura existencial, enquanto a implicatura escalar está relacionada à probabilidade, veiculando o sentido de menor probabilidade à sentença.

Assim, entrando em uma análise mais detalhada de *even*, os autores destacam que a implicatura associada a este lexema dependerá de dois fatores: o foco e o escopo de *even*. Para K&P, o foco refere-se ao constituinte ao qual *even* está associado na sentença, enquanto o escopo é determinado trivialmente pela escolha do foco. Considere os exemplos a seguir²⁰⁴:

²⁰⁴ Karttunen & Peters (1979, p. 24).

(68a) **Even** BILL likes Mary.²⁰⁵

(68b) Bill likes **even** MARY. (= Bill even likes MARY.)²⁰⁶

Imagem (02): Escopo de *even* segundo K&P (1979)²⁰⁷

*There are other x under consideration besides
a such that . . . x . . .*
FOCUS SCOPE

Fonte: Karttunen & Peters (1979, p. 25)

A partir da imagem (02), é possível compreender os distintos focos de *even* em (68a) e (68b): na primeira sentença, o foco de *even* é Bill, enquanto, na segunda, seu foco é Mary. Conforme explicam os autores, a escolha do foco desse lexema restringe o alcance do quantificador existencial que está implicitamente associado à partícula. O escopo de *even*, por sua vez, é compreendido pelos autores como a sentença aberta, limitada pelo quantificador. O escopo da sentença pode ser obtido deletando o lexema e substituindo o constituinte em foco por uma variável: em sentenças simples, como (68a) e (68b), tem-se como escopo de *even*, respectivamente, *x likes Mary* e *Bill likes x*.

Em sentenças mais complexas, todavia, o escopo de *even* pode apresentar leitura variada. Considere²⁰⁸:

(69) It is hard for me to believe that Bill can understand **even** SYNTACTIC STRUCTURES.²⁰⁹

K&P (1979) explicam que, apesar de o foco não ser ambíguo, marcado por Syntactic Structures, a sentença apresenta duas leituras. Essas leituras diferenciam-se pelo escopo de *even*: em uma leitura, a sentença implica, entre outras coisas, que há outros livros sobre os quais é difícil, para mim, acreditar que Bill possa entendê-los, como (70a); outra leitura possível implica que há outros livros entendidos por Bill ao lado de Syntactic Structures, (70b):

²⁰⁵ Tradução: EVEN Bill gosta de Mary.

²⁰⁶ Tradução: Bill gosta EVEN de Mary (= Bill EVEN gosta de Mary).

²⁰⁷ Tradução: Existem outros x em consideração além de tal que ...x...

²⁰⁸ Karttunen e Peters (1979, p. 25)

²⁰⁹ Tradução: É difícil para mim acreditar que Bill possa entender EVEN SYNTACTIC STRUCTURES.

(70a) It is hard for me to believe that Bill can understand x.²¹⁰

(70b) Bill can understand x.²¹¹

Assim, em sentenças simples temos a possibilidade apenas de leitura de escopo restrito, como visto em (68a) e (68b). Porém as sentenças mais complexas, como (69), em que há mais possibilidades de escopo, apresentam a ambiguidade relatada em (70a) e (70b).

Conforme explicam K&P sobre as sentenças simples, *even* tende a apresentar escopo restrito. Assim, intuitivamente, a sentença (68a) implica que Bill é um caso extremo, menos provável de ter a propriedade de gostar de Mary dentre qualquer outro indivíduo em consideração. Da mesma forma ocorre em (68b), visto que esta sentença implica que Mary é a menos provável dentre as pessoas em consideração de ser objeto da afeição de Bill. Assim, apresenta-se a análise da sentença *even*, considerando foco, escopo e implicaturas²¹²:

(71) Bill likes **even** MARY.²¹³

Foco de EVEN: Mary.

Escopo de EVEN: Bill gosta de Mary.

Implicatura Aditiva Existencial: Há outros x em consideração além de Mary, de modo que Bill gosta de x.

Implicatura Escalar de Probabilidade: Para todos os x em consideração, exceto Mary, a probabilidade de Bill gostar de x é maior do que a probabilidade de Bill gostar de Mary.

Considere, porém, as implicaturas escalares produzidas por (69). Em casos de sentenças complexas, como esta, é possível haver um escopo alternativo, obtendo-se assim, além da esperada leitura de escopo restrito, uma leitura de escopo amplo²¹⁴:

(69') It is hard for me to believe that Bill can understand **even** SYNTACTIC STRUCTURES

(69a) For all x under consideration besides Syntactic Structures, the likelihood that it is hard for me to believe that Bill can understand x is greater than the likelihood that it is hard for me to believe that Bill can understand Syntactic Structures.²¹⁵

²¹⁰ Tradução: É difícil para mim acreditar que Bill possa entender x.

²¹¹ Tradução: Bill pode entender x.

²¹² Karttunen & Peters (1979, p. 26).

²¹³ Tradução: Bill gosta EVEN de Mary.

²¹⁴ Karttunen e Peters (1979, p. 27).

(69b) For all x under consideration besides Syntactic Structures, the likelihood that Bill can understand x is greater than the likelihood that Bill can understand Syntactic Structures.²¹⁶

Assim, na leitura de escopo de amplo, apresentada em (69a), (69) sugere que Syntactic Structures é um livro fácil de ser compreendido. Na leitura de escopo restrito, todavia, apresentada em (69b), (69) aponta uma implicatura que sugere o oposto, sendo Syntactic Structures um livro difícil de ser compreendido. K&P ressaltam, portanto, que a possibilidade de alternativa de escopo explana um curioso fenômeno no qual a sentença em questão pode ser compreendida implicando coisas completamente opostas a partir de suas diferentes leituras.

Por fim, voltando às sentenças simples, considere²¹⁷:

(68a') **Even** BILL likes Mary.

(72) **Even** Bill doesn't like Mary.²¹⁸

K&P argumentam que a diferença marcante no que é convencionalmente implicado pelas duas sentenças, (68a') e (72) é inteiramente devido ao fato de *even* ter escopo sobre uma sentença afirmativa em (68a') e sobre a sentença negativa correspondente em (72). Assim, sobre o significado do lexema, em (68a') tem-se as seguintes implicaturas: (i) há outras pessoas além de Bill que não gostam de Mary, e (ii) Bill seria a pessoa mais provável de gostar de Mary, isto é, o menos provável de não gostar de Mary. Portanto, conforme postulam os autores, estas duas sentenças implicam algo oposto sobre Bill, assemelhando-se ao fenômeno da ambiguidade de escopo, em que seria possível aplicar a regra de *even* em diferentes pontos na derivação da sentença.

A seguir, apresenta-se a NPI Theory, de Rooth (1985). Rooth defende que a análise de K&P (1979) está incompleta, visto que o comportamento de fixação de escopo de *even* na posição auxiliar pode ser demonstrado examinando contextos de polaridade não-negativa, porém, dada a fixação de escopo, é problemático que em sentenças com gatilhos de

²¹⁵ Tradução: Para todos os x em consideração além Syntactic Structures, a probabilidade de que seja difícil, para mim, acreditar que Bill possa entender x é maior do que a probabilidade de que seja difícil, para mim, acreditar que Bill possa entender as Estruturas Sintáticas.

²¹⁶ Tradução: Para todos os x em consideração além de Syntactic Structures, a probabilidade de Bill entender x é maior do que a probabilidade de Bill entender Syntactic Structures

²¹⁷ Karttunen e Peters (1979, p. 30-31).

²¹⁸ EVEN Bill (NEG) gosta de Mary.

polaridade negativa e *even* em posição auxiliar, a ambiguidade permaneça. Assim, o autor propõe uma análise a partir de derivações de polaridade negativa, defendendo dois tipos de *even*, comum e negativo.

3.1.2 NPI Theory: Rooth (1985)

Em sua dissertação de doutoramento, Rooth (1985) apresenta uma análise de *even* na qual este lexema apresenta duas formas de ocorrência, *even* comum²¹⁹, utilizado em sentenças de polaridade positiva, e *even* negativo, utilizado em sentenças de polaridade negativa. Sua análise diferencia-se da ideia de K&P (1979), visto que estes propõem duas leituras de escopo para *even*, restrito ou amplo.

Para K&P (1979), essas leituras ambíguas de sentenças complexas, em que há duas possibilidades de implicaturas geradas pelo uso de *even*, como em (3a) e (3b), são geradas pela ambiguidade de escopo, que pode ser restrito ou amplo. Rooth (1985) argumenta, porém, que a proposta de K&P não é capaz de solucionar os casos de ambiguidade de sentenças-*even*, principalmente no que se refere às sentenças negativas. Assim, o autor sugere a existência de dois tipos de *even*, um de polaridade positiva e outro de polaridade negativa.

Para Rooth, portanto, a ambiguidade gerada em alguns casos de uso desse lexema não se dá por uma ambiguidade de escopo, como defendem K&P (1979), mas por uma ambiguidade lexical entre *even* comum e *even* de polaridade de negativa. O autor explica que essa ambiguidade lexical é responsável pela ausência de ambiguidade em contextos que não são de acarretamento descendente, uma vez que os itens de polaridade negativa não podem ocorrer nesses contextos²²⁰.

O autor destaca, ainda, que a importância da polaridade de *even* pode ser observada, de maneira implícita, em Fauconnier (1975). A relevância da ideia de escala presente em Fauconnier sugere que, em contextos de polaridade negativa, a extremidade oposta da escala pode ser invocada (ROOTH, 1985).

Para Rooth, a expressão lógica intensional se dá da seguinte forma²²¹:

(73) Its hard to believe that John **even** understands [Syntactic Structures]_F²²²

²¹⁹ O autor sugere dois tipos de *even*, “*normal and negative polarity versions of even*” (Rooth, 1985, p. 149).

²²⁰ O autor faz uma ressalva para casos em que *even* faz parte de um constituinte NP, visto que, nesses casos, além da polaridade negativa, é prevista uma derivação de escopo amplo.

²²¹ Rooth (1985, p. 153-154).

(74) [John **even_n** understands [Syntatic Structures]_F]^I

(74') $\exists p [\exists y [p = \text{'understand' (j, y)}] \& \neg p \& p \neq \text{'understand' (j, s)}] \&$

$\forall p [\exists y [p = \text{'understand' (j, y)}] \& p \neq \text{'understand' (j, s)}]$

$\rightarrow \text{'exceed' (likelihood' (^understad' (j, s)), likelihood' (p))}]$

(75) [John **even_p** understands [Syntatic Structures]_F]^I

(75') $\exists p [\exists y [p = \text{'understand' (j, y)}] \& \forall p \& p \neq \text{'understand' (j, s)}] \&$

$\forall p [\exists y [p = \text{'understand' (j, y)}] \& p \neq \text{'understand' (j, s)}]$

$\rightarrow \text{'exceed' (likelihood' (p)), likelihood' (^understand' (j, s))}]$

Em (73) é possível observar, na sentença-*even* a ser derivada, as duas formas intensionais: em (74) e (74') observam-se a forma intensional e forma lógica a partir da leitura de *even* de polaridade negativa; enquanto, em (75) e (75'), apresentam-se a leitura de *even* de polaridade positiva.

Ainda, a implicatura de polaridade negativa refere-se a alguma proposição da forma “John understands y” distinta de “John understands Syntactic Structures” ser falsa e “John understands Syntactic Structures” ser a proposição mais provável desta forma. A implicatura associada à versão positiva de *even*, por sua vez, é que alguma proposição da forma “John understands y” é verdadeira e que “John understands Syntactic Structures” é a proposição menos provável dessa forma (ROOTH, 1985). Rooth, a partir disso, argumenta que a análise de escopo de K&P não dá conta dos casos de ambiguidade, visto que há casos nos quais há derivação de polaridade negativa sem que haja derivação de escopo amplo.

Rooth (1985) considera, portanto, incompleta a análise de escopo de K&P, embora admita que sua análise discute corretamente os exemplos fornecidos por eles. O autor levanta a questão se diferentes implicaturas convencionais são detectáveis nas sentenças a seguir, que devem ser inequívocas²²³:

(76a) Its hard to believe that he **even** understands SYNTACTIC STRUCTURES.²²⁴

(76b) Its **even** hard to believe that he understands SYNTACTIC STRUCTURES.²²⁵

²²² É difícil acreditar que John EVEN entende [Syntactic Structures]_F.

²²³ Rooth (1985, p. 156).

²²⁴ É difícil acreditar que ele EVEN entende SYNTACTIC STRUCTURES.

²²⁵ É EVEN difícil acreditar que ele entende SYNTACTIC STRUCTURES.

Em (76a) e (76b) é possível perceber a diferença de implicatura: em (76a) há implicatura de que há algo além de *Syntactic Structures* que John não compreende, enquanto (76b) implica somente que é algo difícil de acreditar que John compreenda. Ainda, (76b), conforme argumenta o autor, tem uma derivação de polaridade negativa, mas não uma derivação de escopo amplo.

Ainda, sobre a implicatura gerada por *even* de polaridade negativa, considere²²⁶:

(77) The censorship committee kept John from **even** reading *Syntactic Structures*.²²⁷

(78) The censorship committee kept John from reading **even_n** *Syntactic Structures*.²²⁸

A implicatura gerada por (77) é que há algum livro diferente de *Syntactic Structures* que John não leu, e que *Syntactic Structures* é o livro com maior probabilidade de John ler, dentre os livros relevantes. De acordo com Rooth, isso difere da implicatura associada à derivação de escopo amplo, de acordo com a qual a implicatura de que há um livro diferente de *Syntactic Structures* que o comitê de censura impediu John de ler. Ainda, a proposta de K&P tem como consequência que a implicatura convencional de (78) não seria satisfeita pelos pressupostos estabelecidos pelo discurso em (79)²²⁹:

(79) Because they had been stolen from the library, John couldn't read "The logical Structure of Linguistic Theory" or "Cartesian Linguistics". Because it was checked out, he didn't read "Current Issues in Linguistic Theory".²³⁰

(78') The censorship committee kept John from reading **even_n** *Syntactic Structures*.

A leitura de escopo amplo, conforme ditam K&P, é apresentada em (80). Considere a diferença entre esta derivação e a derivação de escopo restrito de polaridade negativa proposta por Rooth em (81)²³¹:

(80) The censorship committee **even** kept John from reading *Syntactic Structures*.²³²

²²⁶ Rooth (1985, p. 157).

²²⁷ O comitê de censura impediu John **EVEN** de ler *Syntactic Structures*.

²²⁸ O comitê de censura impediu John **EVEN_n** de ler *Syntactic Structures*.

²²⁹ Rooth (1985, p. 157).

²³⁰ Tradução: Por terem sido roubados da biblioteca, John não conseguia ler "The logical Structure of Linguistic Theory" ou "Cartesian Linguistics". Por ter sido verificado, ele não leu "Current Issues in Linguistic Theory".

²³¹ Rooth (1985, p. 158)

²³² Tradução: O comitê de censura **EVEN** impediu John de ler *Syntactic Structures*.

(81) The censorship committee kept John from **even** reading Syntactic Structures.²³³

Rooth finaliza sua análise ressaltando que o estudo de K&P (1979) está incompleta: o comportamento de fixação de escopo de *even* na posição auxiliar pode ser demonstrado examinando contextos de polaridade não-negativa; porém, dada a fixação de escopo, é problemático que em sentenças com gatilhos de polaridade negativa e *even* em posição auxiliar, a ambiguidade permaneça. A solução para este problema encontra-se, pois, na análise a partir de derivações de polaridade negativa: sentenças nas quais escopo amplo e derivações de polaridade negativa produzem implicaturas convencionais distintas suportam a análise de polaridade negativa.

Ainda, Fauconnier (1975) já apresentara uma versão de polaridade negativa de *even*, porém ainda incipiente. Com isso, esta visão do autor é aprimorada por Rooth (1985) a fim de suprir as lacunas deixadas tanto por Fauconnier, seguindo a ideia inicial do autor, quanto por K&P (1979) visto que, de acordo com Rooth, eles não resolvem o problema da ambiguidade em sentenças com itens de polaridade negativa.

Na seção a seguir, apresentam-se estudos que contribuíram para as análises de K&P e de Rooth. Wilkinson (1996) aprimora a *Scope Theory*, de K&P, negando a existência dos dois tipos de *even* que difeririam na pressuposição e na distribuição sintática; Rullmann (1997), por sua vez, aprimora e defende a *NPI Theory*, de Rooth, argumentando que a ambiguidade lexical de *even* parece superior à variação de escopo no que se refere ao licenciador de polaridade.

3.1.3 Contribuições: Wilkinson (1996) e Rullmann (1997)

Wilkinson (1996) retoma os principais postulados de K&P (1979) e Rooth (1985) a fim de analisar seus estudos sobre *even*, propondo uma contribuição à *Scope Theory* de K&P. A autora retoma a ideia de K&P acerca da ambiguidade de escopo, na qual, ao incorporar um licenciante de polaridade negativa com o operador *even*, de acordo com os autores, obtém-se duas leituras distintas, que se diferenciam por sua abrangência de escopo, conforme visto em (69). Retomaremos aqui:

(82) It is hard for me to believe that Bill can understand **even** SYNTACTIC STRUCTURES.

²³³ Tradução: O comitê de censura impediu John de EVEN ler Syntactic Structures.

- (82a) There is something other than Syntatic Structures that Bill understands.
 (82b) Syntatic Structures is the least likely thing for Bill to understand.
 (82c) There is something other than Syntatic Structure that it is hard to for me to believe thst Bill understands.
 (82d) Syntatic Structures is the least likely thing that it is hard for me to believe that Bill understands (i.e., Syntatic Structures should be easy for Bill to understand)

As implicaturas (82a-d) são derivadas da sentença (82). Em (82a) e (82b) é possível observar as implicaturas na visão da leitura de escopo restrito, em que o NP *even Syntatic Structures* une-se ao S mais baixo. Em (82c) e (82d), por sua vez, tem-se a leitura de escopo amplo.

Rooth (1985), por sua vez, aborda a implicatura descendente do lexema *even* por meio da NPI *Theory*, argumentando que, *even*, nesse contexto, é um item de polaridade negativa. Retomemos o contraexemplo elaborado por ele, apresentando, em seguida, as implicaturas de escopo amplo:

- (83) The censorship committee kept John from reading even SYNTACTIC STRUCTURES.
 (83a) There is something other than Syntactic Structure that the censorship committee kept John from reading.
 (83b) Syntactic Structures is the least likely thing for the censorship committee kept John from reading.

Nesse caso, a implicatura existencial (83a) não é garantida pelo contexto de (83), apresentando em (79); portanto, se apenas a interpretação de escopo amplo estivesse disponível, a sentença (83) seria infeliz a partir de seu contexto, o que não ocorre.

Wilkinson (1996) ressalta, então, que, de forma geral, leituras de escopo restrito estão ausentes quando *even* e a negação, ou o licenciador de polaridade negativa, estão na mesma sentença. Assim, a leitura desse tipo de escopo parece não estar disponível em (83), dependendo do tratamento dado ao NP: na análise de Rooth (1985), por alçamento do quantificador, pode-se juntar um NP a outro NP, produzindo uma estrutura como (84) (WILKINSON, 1996, p. 197):

- (84) [[**even** Syntactic Structures]_i [_{NP} PRO_j reading x_i]]

Wilkinson (1996) explica que, se PRO_j é correferencial com John, então a sentença (83), tendo escopo como em (84), implicaria que John leu algo diferente de Syntactic Structures, e que Syntactic Structures é a coisa menos provável de ele ler, o que é intuitivamente indisponível. Por isso, (84), a partir do contexto fornecido por Rooth, em (79), não seria aceito por Karttunen e Peters.

Ainda, seguindo no conceito de polaridade negativa de Rooth, as implicaturas de (83), tendo ‘*even Syntactic Structures*’ como escopo, conforme (84), são:²³⁴

(83c) There is something other than Syntactic Structures that John did not read.²³⁵

(83d) Syntactic Structures is the most likely thing for John to read.²³⁶

Para Rooth, (83) também possui interpretação de polaridade negativa para *even*, visto que o lexema está contido em um NP que passa por alçamento de quantificação, obtendo interpretação de escopo amplo com *even* normal e interpretação de escopo restrito com interpretação de polaridade negativa e com *even* normal.

Em (83) tem-se, pois, uma questão explicada por Rooth que não é capaz de ser explicada pela teoria de escopo de K&P. Wilkinson argumenta, porém, que não foi levado em consideração que o comitê de censura é uma nova informação no contexto:

Suppose that there is a focus also on the censorship committee [...], but not a focus that gets associated with the *even*. It is outside the scope of the *even* (which only has scope over the NP it is adjoined to). I am suggesting that this focus carries an existential implicature that is introduced into the existential and scalar implicatures.²³⁷ (WILKINSON, 1996, p. 202)

A partir dessas considerações, Wilkinson acrescenta com base em (83), as seguintes possíveis implicaturas, oferecendo uma versão de leitura de escopo amplo para *even*²³⁸:

(83e) There is something other than Syntactic Structures that John was kept from reading (by someone).²³⁹

²³⁴ Wilkinson (1996, p. 198)

²³⁵ Tradução: Há algo além de Syntactic Structures que John não leu.

²³⁶ Tradução: Syntactic Structures é a coisa mais provável para John ler.

²³⁷ Tradução: Suponha que haja um foco também no comitê de censura [...], mas não um foco que seja associado a *even*. Ele está fora do escopo de *even* (que tem escopo apenas sobre o NP ao qual está adjacente). Estou sugerindo que esse foco carrega uma implicatura existencial que é introduzida nas implicaturas existencial e escalar.

²³⁸ Wilkinson (1996, p. 204).

(83f) Syntactic Structures is the least likely thing for someone (or something) to keep John from reading.²⁴⁰

Ressalta-se, segundo a autora, que as implicaturas de *even* devem ser observadas combinando o lexema e seu escopo com o fechamento de foco do restante da sentença. Essa proposta solucionaria o problema encontrado pela *Scope Theory* na sentença (83) e seu contexto (79), contribuindo para a teoria de K&P.

Rullmann (1997), por outro lado, defende a análise de Rooth, contribuindo com a *NPI Theory*. O autor retoma as teorias de interação entre licenciadores de polaridade uniforme e negativa, de Rooth (1985) e de Wilkinson (1996). Segundo ele, a análise de Rooth, a qual dita que *even* é lexicalmente ambíguo, parece ser superior à de Wilkinson e outros, nas quais *even* pode variar em escopo com relação ao licenciador de polaridade.

Rullmann explica que os argumentos contra Wilkinson vêm principalmente de considerações sobre as restrições gerais na atribuição de escopo, propondo uma explicação alternativa ao argumento de Wilkinson contra Rooth. Essa alternativa baseia-se na ideia de que a pressuposição existencial introduzida por *even* não é parte do significado lexical da partícula, mas derivada indiretamente.

Wilkinson (1996) nega a existência dos dois tipos de *even* que difeririam na pressuposição e na distribuição sintática. Em (86) é possível perceber que além do *even* comum, há o *even* de polaridade negativa que aparece apenas em contextos em que NPIs podem ocorrer. Para Wilkinson, todavia, a potencial ambiguidade do lexema em contextos de polaridade negativa se dá por *even* ser capaz de assumir escopo restrito ou amplo em relação ao gatilho de polaridade negativa.

Considere as seguintes sentenças²⁴¹:

(85) John **even** invite [_F Bill].²⁴²

(86) John didn't **even** invite [_F Bill].²⁴³

Em (85), conforme esclarecem K&P, a pressuposição introduzida por *even* é existencial e escalar: deve haver pelo menos uma proposição alternativa além da proposição

²³⁹ Tradução: Há algo além de Syntactic Structures que John foi impedido de ler (por alguém).

²⁴⁰ Tradução: Syntactic Structures é a coisa menos provável para alguém (ou algo) impedir John de ler.

²⁴¹ Rullmann (1997, p. 43).

²⁴² Tradução: John EVEN convidou Bill.

²⁴³ John NEG EVEN convidou Bill.

alvo que seja verdadeira e a proposição alvo deve ser a menos provável dentre todas as proposições alternativas. Assim, (86) pressupõe que havia outra pessoa além de Bill que John convidou e que Bill era a pessoa menos provável de ser convidada por John; (86), porém, indica que havia alguém além de Bill que John não convidou, pressuposto existencial, e que Bill era a pessoa mais provável de ser convidada por John, pressuposto escalar.

A sentença (86) não poderia, portanto, ser a negação de (85) visto que, na negação, os pressupostos de seu complemento permanecem inalterados, o que não ocorre em (85). Assim, a *Scope Theory* descarta a suposição de que, na forma lógica de (86), *even* está no escopo da negação, enquanto a *NPI Theory* descarta a ideia de que esta sentença introduz a pressuposição dada em (85) (RULLMANN, 2017).

A forma lógica de *even* e suas pressuposições podem ser conferidas nos itens a seguir, os quais (87) e (87a) referem-se às noções da *Scope Theory* e (88) e (88a) da *NPI Theory*²⁴⁴:

(87) **even** [not [John invited [_F Bill]]]

(87a) i. There is someone x ($x \neq \text{Bill}$) such that John did not invite x .

ii. For all x ($x \neq \text{Bill}$) it is less likely that John didn't invite Bill than that John didn't invite x .

(88) not [**even**_{NPI} [John invited [_F Bill]]] / **even**_{NPI} [John invited [_F Bill]]

(88a) i. There is someone x ($x \neq \text{Bill}$) such that John did not invite x .

ii. For all x ($x \neq \text{Bill}$) it is more likely that John invited Bill than that John invited x .

Rullmann (1997), por fim, esclarece que a maioria dos autores parece concordar que *even* é uma partícula escalar, a qual classifica a proposição alvo ao longo de uma certa escala em relação ao conjunto de proposições alternativas, porém parecem discordar, principalmente, em 3 aspectos: (i) no princípio que determina a classificação escalar das proposições alternativas; (ii) na força quantificacional da pressuposição escalar; e (iii) no questionamento de qual tipo de leitura quantificacional *even* carrega.

Na seção a seguir, serão apresentados artigos recentes sobre *even*. Estes artigos, em sua maioria, abordam o lexema a partir de seus princípios sintático-semânticos, relacionando-os à teoria de K&P (1979) ou Rooth (1985) e buscam resolver os problemas descritivos deixados pelos autores apresentados no segundo capítulo, *Revisão de Literatura*, propondo

²⁴⁴ Rullmann (1997, p.43-44).

análises de *even* em uma perspectiva formal, indo além das intuições pragmáticas já apresentadas.

3.2 ANÁLISES RECENTES DE EVEN

Esta seção destina-se à apresentação de estudos recentes sobre *even*, os quais têm por objetivo apresentar uma análise descritiva contundente, indo além da análise intuitiva apresentada no capítulo anterior para uma análise descritiva formal do lexema. Os estudos aqui presentes voltam-se, além das propriedades semântico-pragmáticas de *even*, às noções sintático-semânticas, como o escopo de *even*.

Em Luka Crnić (2011), discute-se sobre a distribuição do lexema *even* e seu caráter aditivo e escalar, concluindo que (i) as pressuposições escalar e aditiva podem ser acionadas em diferentes posições, e (ii) a pressuposição aditiva é programada para evitar a contraditoriedade ou trivialidade, conforme fora proposto por Rullmann (1997). Wagner (2015) discorre sobre a aditividade e escalaridade de *even* e as diferenças entre NP-*even* e VP-*even*. O autor defende que as considerações em relação à aditividade do lexema podem ser resolvidas ao atentar-se para as diferenças sintáticas entre VP e NP-*even*, visto que NP-*even* é, necessariamente, aditivo, enquanto VP-*even* não.

Por fim, Greenberg (2015, 2017) apresenta uma análise revisada de probabilidade comparativa por meio da gradabilidade contextual de *even*, fornecendo uma consistente descrição formal de *even*: a autora oferece diferentes versões construídas ao longo de sua análise, ressaltando que estas devem ser utilizadas de acordo com o emprego de *even*, dependendo da variação de grau e padrão envolvidos.

3.2.1 A distribuição de *even* e seu caráter aditivo e escalar: Luka Crnić (2011)

Crnić (2011) apresenta, em sua tese de doutorado, considerações sobre a distribuição de *even*, argumentando que restrições na ordem de probabilidade ou saliência - ou de informatividade (cf. Kay, 1990) - de alternativas restringem efetivamente a distribuição do

lexema: se a cláusula mínima em que ocorre *even* na estrutura de superfície denota uma proposição mais provável entre as alternativas, essa ocorrência consiste em um *even* fraco; se a cláusula estiver embutida em operador de acarretamento descendente, porém, *even* pode ser aceitável. O autor identifica três tipos de *even* fraco: (i) *even* fraco sob quantificadores não-monotônicos; (ii) *even* fraco sob predicados de desejo; e (iii) *even* fraco em imperativos.

O autor explica que *even*, apesar de ser uma partícula escalar, não apresenta a mesma distribuição em todos esses contextos, sendo proeminentes as partículas escalares concessivas, como *esto ke*, em grego e *aunque sea*, em espanhol: essas expressões ocorrem somente em ambientes modais e de acarretamento descendente. Crnič (2011) argumenta, a fim de explicar essa diferença, que essas partículas consistem em um componente escalar e um componente existencial que podem ter escopos distintos em LF, não sendo, sintaticamente e semanticamente, uniformes.

O autor argumenta, ainda, que embora a condição de ordenamento de alternativas salientes imposto por *even* desempenhe um papel decisivo na restrição de sua distribuição, esta não é a única inferência gerada: *even* também impõe uma condição aditiva ao contexto. A explicação para isso baseia-se em três suposições: (i) *even* é composto por um componente escalar e um componente aditivo; (ii) os dois componentes podem ter escopos distintos em LF; e (iii) o componente aditivo pode não gerar *pathological inferences*. (CRNIČ, 2011).

O lexema opera, pois, em um conjunto de alternativas determinado pela estrutura de foco da cláusula à qual está adjacente, sendo sua principal contribuição semântica o acionamento de um pressuposto de natureza epistêmica: *even* identifica o valor informacional do significado de sua cláusula prejacente como maior do que valores informacionais de um número apropriado de alternativas sobre as quais quantifica. Assim, o autor questiona (i) que tipo de valor informativo *even* está operando; e (ii) o que conta como um número apropriado de alternativas.

Respondendo à questão (i), o autor argumenta que *even* está relacionado à noção de probabilidade, sendo esta condicionada a um estado de informação relevante no contexto. Assim, assume-se que *even* pressupõe que o significado de seu prejacente é menos provável do que um número apropriado de alternativas sobre as quais este lexema quantifica. Ainda, essa relação de ordenação está sujeita às implicações lógicas entre as alternativas. Sobre a questão (ii), Crnič (2011) adota a versão existencial mais fraca de pressuposição escalar, adotada, também, por Bennett (1982). O autor ressalta, porém, que nem todas as ocorrências de *even* são acompanhadas por uma inferência aditiva, sofrendo influência de dois aspectos:

(i) se as alternativas no domínio de *even* são compatíveis entre si; e (ii) se *even* é fraco ou não. Considere²⁴⁵:

(89) Yesterday at the party, John **even** danced only with SUE²⁴⁶.

No caso de (94), segundo o autor, não há uma inferência aditiva em questão. De acordo com ele, as alternativas de domínio de *even* são mutuamente exclusivas e a inferência de que John dançou apenas com outra pessoa na festa não é gerada.

Considere, ainda, as seguintes sentenças:

(90a) John is sorry that he attended the class **even** ONCE.²⁴⁷

(90b) John is **even** sorry that he attended the class ONCE.²⁴⁸

Crnič (2011) explica que, em (90a), *even* deve mover-se acima de *sorry*: nesse caso, nenhuma inferência sobre a frequência com que John assistiu à aula é acionada, podendo esta sentença ser utilizada em casos nos quais John assistiu à aula exatamente uma vez. Em (90b), por outro lado, tem-se uma configuração em que *even* permanece *in situ*. Assim, em (90a), não há o acionamento de uma inferência aditiva, enquanto (90b) veicula esse tipo de inferência: John lamenta ter assistido à aula duas, ou mais, vezes.

Com isso, o autor conclui que (i) as pressuposições escalar e aditiva podem ser acionadas em diferentes posições, e (ii) a pressuposição aditiva é programada para evitar a contraditoriedade ou trivialidade, conforme fora proposto por Rullmann (1997).

Por fim, sobre a escalaridade de *even*, o autor destaca que este lexema é membro de uma família de partículas escalares, estas se caracterizam por serem morfologicamente complexas, formando escalas e competindo por sua inserção. Ainda, o autor observa que *even* se decompõe em um componente escalar e outro aditivo. O componente escalar pode, então, se mover em LF e encadear o componente aditivo, o que não desencadearia a inferência aditiva em casos de preajacentes fracos (Crnič, 2011, p. 161): “weak *even* under non-monotone quantifiers, under desire predicates, in imperatives and under factive predicates provides new

²⁴⁵ Crnič (2011, p. 23).

²⁴⁶ Tradução: Ontem na festa, John EVEN dançou somente com a SUE.

²⁴⁷ Tradução: John está arrependido de ter assistido à aula EVEN UMA VEZ.

²⁴⁸ Tradução: John está EVEN arrependido de ter assistido à aula UMA VEZ.

evidence for the following observation: scoped even does not trigger an additive inference.

²⁴⁹ .

A seguir apresenta-se o estudo de Wagner (2015) sobre a aditividade e escalaridade de *even* e as diferenças entre VP-*even* e NP-*even*. O autor defende que é possível resolver algumas problemáticas em relação à aditividade de *even* ao atentar-se para as diferenças sintáticas entre VP e NP-*even*.

3.2.2 Aditividade e escalaridade de even e as diferenças entre NP-even e VP-even: Wagner (2015)

Wagner (2015) inicia seu estudo retomando a posição de Horn (1969) e Karttunen e Peters (1979) sobre o significado de *even*, o qual envolve uma asserção, correspondente à sentença semelhante sem *even*, uma pressuposição de probabilidade, definida por *least likely*, e uma pressuposição aditiva, responsável pela leitura existencial de *even*.

A fim de verificar se *even* apresenta mesmo sentido aditivo, o autor compara-o a outros operadores aditivos, como *too* e *also*. Ainda, o autor apresenta sentenças com *even* em diversas posições sintáticas e as testa adicionando modais. Assim, conclui-se que a pressuposição aditiva é veiculada em alguns casos, mas não em todos.

A partir disso, o autor propõe a seguinte hipótese de generalização de *even*: NP-*even* é necessariamente aditivo, vide (96a), (96b) e (97a), porém VP-*even* não o é (96c), (97b). Considere²⁵⁰:

Contexto: Os resultados na Maratona foram bastante surpreendentes. Um russo ganhou a medalha de ouro.

(91a) #**Even** a Canadian won the silver medal.²⁵¹

(91b) #The silver medal was won **even** by a Canadian.²⁵²

(91c) The silver medal was **even** won by a Canadian.²⁵³

²⁴⁹ Tradução: [...] *even* fraco sob quantificadores não monótonos, sob predicados de desejo, em imperativos e sob predicados factivos fornece novas evidências para a seguinte observação: o que está sob escopo de *even* não desencadeia uma inferência aditiva.

²⁵⁰ Wagner (2015, p. 3).

²⁵¹ Tradução: #EVEN um canadense ganhou a medalha de prata.

²⁵² Tradução: #A medalha de prata foi conquistada EVEN por um canadense.

²⁵³ Tradução: A medalha de prata foi EVEN conquistada por um canadense.

Contexto: Na semana passada, fizemos apenas metade do trabalho que deveríamos fazer.

(92a) #This week, we did **even** nothing.²⁵⁴

(92b) This week, we **even** did nothing.²⁵⁵

Em (91) e (92), nas sentenças cujo escopo de *even* encontra-se um NP (91a), (91b) e (92a), é possível perceber uma leitura de sentido aditivo, pois causam estranhamento quando pensamos tratar-se de apenas um vencedor. Porém, em (91c) e (92b) esse sentido não é licenciado: a sentença (91c), por exemplo, é apropriada apenas quando há somente um vencedor.

O autor propõe, ainda, outra verificação referente ao sentido aditivo de *even*, associando-o a universais. Wagner sugere que NP-*even* não pode estar associado a operadores universais²⁵⁶:

(93a) I was hoping that at least some of the students would be able to pass the test. # But in the end, **even** everyone was able to do it.²⁵⁷

(93b) I was hoping that the students would be able to solve at least some of the problems. # But in the end, they solved **even** all of the problems.²⁵⁸

(94a) Did John read some of the books? #He read **even** all of the books.²⁵⁹

(94b) Did John read some of the books? He **even** read all of the books.²⁶⁰

Em (93a-b), é possível observar um caso de inapropriação de uso, que ocorre devido à presença de *even* junto a um quantificador universal na sentença: esse não licenciamento pode ocorrer com quantificadores como *everyone*, *all of them*, *most of them*, *each* (WAGNER, 2015).

Em (94a-b), apresentam-se duas sentenças, a primeira (94a), na qual *even* tem escopo sobre o quantificador universal, sendo esta sentença inapropriada pragmaticamente. Em (94b), porém, o lexema tem escopo sobre o verbo, *read*, e, mesmo havendo um quantificador universal na sentença, por este não estar em seu escopo, a sentença é perfeitamente possível.

²⁵⁴ Tradução: #Esta semana, nós fizemos EVEN nada.

²⁵⁵ Tradução: Esta semana, nós EVEN fizemos nada.

²⁵⁶ Wagner (2015, p. 4).

²⁵⁷ Tradução: Eu esperava que pelo menos alguns dos alunos fossem capazes de passar no teste. #Mas no final, EVEN todos conseguiram.

²⁵⁸ Tradução: Eu esperava que os alunos fossem capazes de resolver pelo menos alguns dos problemas. # Mas no final, eles resolveram EVEN todos os problemas.

²⁵⁹ Tradução: John leu alguns dos livros? #Ele leu EVEN todos os livros.

²⁶⁰ Tradução: John leu alguns dos livros? Ele EVEN leu todos os livros.

Em suma, nos exemplos acima, podemos observar que *even*-NP + quantificador universal não é apropriado, enquanto *even*-VP + quantificador universal funciona adequadamente.

Outro tema controverso em relação ao sentido aditivo é caso de DE. Para isso, o autor retoma as duas teorias de escopo apresentadas anteriormente: *NPI Theory* e *Scope Theory*, a qual ele chama de *movement*.

Wagner (2015) retoma um exemplo de Wilkinson (1996), no qual ela apresenta um argumento contra a abordagem NPI²⁶¹:

(100) I'm sorry I **even** opened the book.²⁶²

Nesse exemplo, se *even* for aditivo e um NPI com a escala invertida, *most likely*, então seria necessário ter feito algo com o livro além de abri-lo. Ainda, Rullmann (1997) e Giannakidou (2007) questionam se *even* necessariamente introduz um pressuposto aditivo. Wagner (2015) ressalta, porém, que o exemplo de Wilkinson envolve VP-*even*, o qual já vimos apresentar comportamento distinto de NP-*even*.

Assim, o autor questiona se *even* sempre, e necessariamente, introduzirá uma pressuposição aditiva em contexto DE. Seguindo o teste de universais apresentado anteriormente, Wagner (2015) conclui que sim:

Contexto: Quase todo mundo lê vários livros didáticos de semântica para estudar para o exame, alguns mais e outros menos relacionados ao conteúdo do curso²⁶³.

(95a) #John didn't read **even** any book.²⁶⁴

(95b) John didn't **even** read any book.²⁶⁵

(96a) John didn't show up **even** once.²⁶⁶

(96b) John didn't win **even** a bronze medal.²⁶⁷

Ainda, por meio de (96a-b), Wagner (2015) argumenta que a pressuposição aditiva de *even* pode ser cumprida se *even once* se mover acima da negação, mas não se for

²⁶¹ Wagner (2015, p. 5).

²⁶² Tradução: Lamento ter EVEN aberto o livro.

²⁶³ Wagner (2015, p. 6).

²⁶⁴ Tradução: #John não leu EVEN nenhum livro.

²⁶⁵ Tradução: John (NEG) EVEN leu nenhum livro.

²⁶⁶ Tradução: John não apareceu EVEN uma vez.

²⁶⁷ Tradução: John não ganhou EVEN uma medalha de bronze.

interpretada *in-situ* com significado NPI. Assim, em (96a), não há a pressuposição de que John apareceu algumas vezes e, em (96b) não se pressupõe que ele ganhou alguma outra medalha.

A partir disso, o autor explana hipóteses que podem explicar a generalização sintática: (i) *even* sempre é aditivo – mas, quando se liga ao VP, as alternativas podem criar a ilusão de que não há pressuposto aditivo; (ii) há dois *even* – um é de cunho adverbial sentencial, como *probably*, que tem a pressuposição de improbabilidade, mas não a aditiva, e o outro é um advérbio de foco semelhante sintaticamente a *only*, apresentando os dois tipos de pressuposição; (iii) *even* é sempre não-aditivo – mas, quando se vincula ao NP, as alternativas consideradas levam a uma inferência aditiva (WAGNER, 2015).

O autor conclui, a partir da análise destas três hipóteses, que (i) é difícil de sustentar a abordagem de que *even* sempre apresenta sentido aditivo; (ii) uma descrição da generalização sintática em termos de dois *even*'s parece viável; (iii) se a hipótese de escala for verdadeira, então a generalização sintática segue: o prejacente afirma que a alternativa real é verdadeira, e a alternativa verdadeira não é o item mais baixo na escala de subconjunto, então deve haver pelo menos mais um item que seja verdadeiro.

Ainda, sobre a escalaridade relacionada à terceira hipótese, *even* apresentaria comportamento escalar quando licencia sentido aditivo (98) e comportamento não-escalar em sentido excludente (97). Considere²⁶⁸:

(97) A: Do you have a queen?

B: I **even** have an ace.²⁶⁹

(98) A: Do you have an ace?

B: Yes. And I **even** have a queen.²⁷⁰

Em (97), a resposta de B pode indicar que ele tem apenas uma carta; porém, em (98), há uma inferência aditiva, indicando que B ter, pelo menos, duas cartas, uma dama e um ás, é melhor do que apenas o ás. O autor explica, então, que *even* requer uma escala e se seu

²⁶⁸ Wagner (2015, p. 10).

²⁶⁹ Tradução: A: Você tem uma rainha?

B: Eu EVEN tenho um ás.

²⁷⁰ Tradução: A: Você tem um ás?

B: Sim. E eu EVEN tenho uma rainha.

associado não for intrinsecamente superior, como rainha < ás, então uma escala de subconjunto é necessária para dar sentido a isso²⁷¹:

(99a) Escala Intrínseca: queen < king < ace b. ‘subset scale’ over ace:

(99b) Escala de Subconjunto: {ace} < {ace, queen} < {ace, king} < {ace, queen, king}

A fim de testar a hipótese escalar, Wagner (2015) propõe analisar esta hipótese com *just*, visto que, de acordo com o autor, a restrição de escala NP/VP deve ser verdadeira para outros operadores; caso contrário, o correto é considerar que NP-*even* é aditivo, mas VP-*even* não. Considere, pois, o teste com *just a* seguir²⁷²:

A: Do you have a queen?²⁷³

(100a) B: I don’t just have a queen. I have an ace.²⁷⁴

(100b) #B: I don’t have just a queen. I have an ace.²⁷⁵

Conforme esperado pelo autor, com base na hipótese de escala, NP-*just* é aditivo²⁷⁶:

(101) B: I don’t have just a queen. I have an ace, too.²⁷⁷

Isso indica que NP-*just* só pode operar em escalas de subconjunto, enquanto VP-*just* pode operar em escalar inerentes, como NP-*even*, como previsto na hipótese escalar. Ainda, a análise referente a *even* como sempre sendo sempre não aditivo poderia capturar alguma assimetria ao adotar a hipótese escalar, mas continua com questões não resolvidas.

Em suma, o autor defende que estas considerações em relação à aditividade de *even* podem ser resolvidas ao atentar-se para as diferenças sintáticas entre VP e NP-*even*, pois NP-*even* é, necessariamente, aditivo, enquanto VP-*even* não. Ainda, considerando as análises apresentadas, a análise escalar parece, de acordo com ele, mais promissora.

Apresenta-se a seguir, a análise revisada de probabilidade de Greenberg (2015, 2017). A autora oferece uma análise de *even* considerando sua gradabilidade contextual;

²⁷¹ Wagner (2015, p. 10).

²⁷² Wagner (2015, p. 11).

²⁷³ Tradução: A: Você tem uma rainha?

²⁷⁴ Tradução: B: Eu não tenho apenas uma rainha. Eu tenho um ás.

²⁷⁵ Tradução: #B: Eu não tenho apenas uma rainha. Eu tenho um ás.

²⁷⁶ Wagner (2015, p. 11).

²⁷⁷ Tradução: B: Eu não tenho apenas uma rainha. Eu também tenho um ás.

assim, defendem-se diferentes análises sobre o lexema, variando de acordo com os diferentes graus e padrões envolvidos no uso de *even*.

3.2.3 Análise Revisada e Probabilidade Comparativa por meio da Gradabilidade Contextual de *even*: Greenberg (2015, 2017)

Em *Even, comparative likelihood and gradability*, Greenberg (2015) inicia sua análise retomando a visão semântica popular de *even*, a qual leva a pressupor que seu prejacente, *p*, é menos provável do que todas as alternativas de foco contextualmente relevantes, *q*. A autora aponta, a partir disso, três problemas sobre a visão de probabilidade comparativa, relacionados a: (i) casos em que *even p* é feliz, embora *p* não seja considerado menos provável do que *q*; (ii) casos em que *even p* é infeliz, embora *p* acarrete assimetricamente e seja menos provável do que *q*; e (iii) casos em que *even* interage com predicados graduais, indicando que a exigência apenas de que *p* seja mais alto do que *q* na escala não é suficiente para a felicidade de *even p*. Segundo a autora, *p* e *q* também devem produzir graus tão altos quanto o padrão de comparação.

Assim, Greenberg desenvolve uma pressuposição escalar revisada que se assemelha à semântica de condicionais comparativas, exigindo que, para um *x* saliente, recuperado de *p*, e uma propriedade graduável saliente *G*, o grau de *x* em *G* é maior em todos os mundos *p* acessíveis do que em todos os mundos *q* e não-*p* acessíveis; e nos últimos mundos este grau é pelo menos tão alto quanto o padrão em *G*.

A autora argumenta que algumas falhas na visão de probabilidade comparativa levaram os autores a sugerir que a escala de *even* deveria ser baseada em vínculo pragmático, informatividade, notabilidade, entre outros, ao invés de (im)probabilidade. Porém, de acordo com Greenberg (2015), essas ideias não eram integradas às análises de *even* por permanecerem intuitivas e sem desenvolvimento formal. Ainda, de acordo com ela, não estava claro se esses dados são realmente problemáticos para a visão de probabilidade.

Assim, a autora se propõe a analisar a visão de probabilidade comparativa, propondo uma versão revisada de pressuposição escalar de *even* baseada na gradabilidade fornecida contextualmente, fazendo referência a padrões de comparação.

Retomemos os desafios da probabilidade comparativa levantados pela autora: (i) casos em que *even* é aceito, embora *p* não seja menos provável que *q*; (ii) casos de *even p* com alternativas de acarretamento; e (iii) casos de *even* e padrões de comparação.

Para o caso (i), considere a seguinte situação²⁷⁸:

(102) Client: I need a strong tool for this work. What materials are these two tools made of?

Seller: Both are strong enough for what you need. The red one is made of strong aluminum and the blue one is **even** [made of steel]_F.²⁷⁹

De acordo com a autora, dadas as perspectivas gerais sobre as ferramentas em (108), *p*, ‘a ferramenta azul é feita de aço’, não parece menos provável, pelo contrário: *p* parece mais provável do que *q*, ‘a ferramenta é feita de alumínio resistente’. Apesar dessa contrariedade, visto que a probabilidade comparativa dita que *p* deve ser menos provável do que *q*, (108) é perfeitamente feliz. Greenberg (2015) conclui, assim, que esta não é uma condição necessária para a felicidade de *even p*.

Sobre o caso (ii), a autora retoma que uma predição da visão de probabilidade comparativa é que *even p* será sistematicamente feliz sempre que *p* acarretar assimetricamente *q*. Isso ocorre porque a probabilidade respeita o acarretamento: se *p* acarreta assimetricamente *q*, então, a menos que sejam contextualmente equivalentes, *p* é menos provável do que *q*. Essa visão, porém, não se confirma. Confira²⁸⁰:

Contexto: Qualquer princesa que dê à luz pode ficar no palácio. Se ela der à luz um menino, ela também se torna uma rainha (ou seja, em média 50% das que dão à luz se tornam rainhas):

(103) A: What’s happening with Princess Jane?

B: She gave birth. She (**even**) gave birth to [a boy]_F / #[a girl]_F.²⁸¹

Contexto: Estávamos em uma festa onde apenas duas bebidas alcoólicas (cerveja e uísque) foram servidas.

(104) A: John drank beer or whisky in the party. He better not drive now

B: Yea. He **even** drank #[whisky]_F / #[beer]_F.²⁸²

²⁷⁸ Greenberg (2015, p. 2).

²⁷⁹ Tradução: Cliente: Preciso de uma ferramenta forte para este trabalho. De que materiais são feitas essas duas ferramentas?

Vendedor: Ambas são fortes o suficiente para o que você precisa. A vermelho é feita de alumínio forte e a azul é EVEN [feito de aço]_F.

²⁸⁰ Greenberg (2015, p. 2).

²⁸¹ Tradução: A: O que está acontecendo com a princesa Jane?

B: Ela deu à luz. Ela (EVEN) deu à luz [um menino]_F / #[uma menina]_F.

²⁸² Tradução: A: John bebeu cerveja ou uísque na festa. É melhor ele não dirigir agora.

B: Sim. Ele EVEN bebeu #[whisky]_F / #[cerveja]_F.

Em (103), vemos um caso em que a felicidade de *even p* com alternativas de acarretamento variam: nesse caso, tanto dar à luz uma menina quanto um menino acarretam e são menos prováveis do que dar à luz. Em (104), com um acarretamento de disjunção, *even* é sistematicamente infeliz. Assim, a segunda conclusão de Greenberg (2015) é que a probabilidade comparativa não é apenas uma condição necessária, mas também não é uma condição suficiente para a felicidade de *even*.

Em relação ao caso (iii), sobre os padrões de comparação, considere²⁸³:

Contexto: plástico—<—alumínio—<—**padrão**—<—ferro—<—aço— → Resistência Física

Cliente: Eu preciso de uma ferramenta forte. E as ferramentas vermelhas e azuis ali?

(105a) Seller: Well, the red one is made of iron and the blue one is (**even**) made of [steel]_F.²⁸⁴

(105b) Seller: Well, the red one is made of plastic and the blue one is (??**even**) made of [aluminum]_F.²⁸⁵

(105c) Seller: Well, the red one is made of plastic and the blue one is (??**even**) made of [steel]_F.²⁸⁶

De acordo com a autora, o enunciado do vendedor (105a) é satisfatório dado o contexto indicado e assumida uma escala de força física, enquanto os enunciados dos vendedores (105b) e (105c) não são: esse contraste de felicidade entre (105a), (105b) e (105c) indica que, para *even p* ser feliz, a comparação entre *p* e suas alternativas *q* não é suficiente. Ainda, não é suficiente um grau mais alto em *p* do que em *q*. Os graus em *p* e *q* devem ser, portanto, tão altos quanto o padrão na escala de força.

Assim, nos dois primeiros casos, é possível observar problemas em relação ao componente “probabilidade” na abordagem de probabilidade comparativa. No terceiro caso, porém, a problemática concentra-se no componente “comparativo”.

A partir disso, Greenberg (2015) propõe algumas mudanças para a felicidade do uso de *even*, de forma a propor uma visão revisada da abordagem de probabilidade comparativa

²⁸³ Greenberg (2015, p. 4).

²⁸⁴ Tradução: Vendedor: Bem, a vermelha é feita de ferro e a azul é (EVEN) feita de [aço]_F.

²⁸⁵ Tradução: Vendedor: Bem, a vermelha é feita de plástico e a azul é (??EVEN) feita de [alumínio]_F.

²⁸⁶ Tradução: Vendedor: Bem, a vermelha é feita de plástico e a azul é (??EVEN) feita de [aço]_F.

(108). Essa proposta relaciona-se à análise de correlativos comparativos (106) como condicionais comparativos (107)²⁸⁷:

(106) The better Otto is prepared, the better his talk is...

(107) In all accessible worlds w_1, w_2 where Otto's maximal degree of preparation in $w_2 >$ his maximal degree of preparation in w_1 , his degree of success in $w_2 >$ his degree of success in w_1 .

(108) Análise Revisada de Even por meio de Gradabilidade Comparativa (Greenberg, 2015)²⁸⁸: *even* (C)(p)(w) é definido sse, dada uma propriedade graduável saliente acomodada, G, terminada por um objetivo saliente no discurso e/ou por uma Question Under Discussion (QUD) e uma entidade x, denotada por algum constituinte de tópico não focado/contrastivo em p, o seguinte é válido:

$$\forall q \in C \ q \neq p \rightarrow \forall w_1, w_2 [w_1 R w_2 \wedge w_2 \in p \wedge w_1 \in [q \wedge \neg p]] \rightarrow [\text{the max}(\lambda d_2. G(d_2)(x)(w_2) > \text{the max}(\lambda d_1. G(d_1)(x)(w_1)) \wedge \text{the max}(\lambda d_1. G(d_1)(x)(w_1)) \geq \text{stand}_G]$$

Em suma, a visão revisada de Greenberg (2015) difere da pressuposição de probabilidade comparativa de *even* em três características principais: (i) a visão revisada não compara diretamente as proposições p e q , mas entidades x em mundos onde essas proposições são válidas; (ii) a dimensão da escala não é de probabilidade, mas uma dimensão variável baseada na propriedade saliente acomodada por G; e (iii) a relação entre as entidades medidas não é meramente comparativa, mas relacionada ao padrão de comparação.

Em *A revised, gradability-based semantics for even*, Greenberg (2017) avança sua análise sobre a gradabilidade contextual de *even*, recorrendo sobre a pressuposição escalar de *even*, p , na qual o item sob escopo do lexema é mais forte do que suas alternativas relevantes de foco, q . Para isso, a autora analisa a probabilidade comparativa entre p e q no âmbito da relação “mais forte que”, passando por questões como dependência de contexto e sensibilidade aos padrões de comparação.

A partir das considerações sobre a problemática da probabilidade comparativa, a autora ressalta que há dois fatores importantes a serem considerados na felicidade do uso de

²⁸⁷ Greenberg (2015, p. 5).

²⁸⁸ Greenberg (2015, p. 5).

even: a dependência de contexto e a sensibilidade a padrões de uso. A fim de explicar suas considerações acerca da dependência de contexto, Greenberg (2017) oferece os seguintes exemplos²⁸⁹:

Contexto: O galho tem 2,50 m de altura. Nem John nem Bill podem pegar o chapéu. João tem 1,70 m de altura.

(109a) He is definitely not tall enough for that. And Bill is **even** [shorter]_F.²⁹⁰

Contexto: O galho tem 1,50 m de altura. Tanto John quanto Bill podem pegar o chapéu. João tem 1,70 m de altura.

(109b) He is definitely tall enough for that. And Bill is **even** [taller]_F.²⁹¹ (Greenberg, 2015)

De acordo com a autora, o que mais parece contribuir para a felicidade de *even*, dado o contexto da altura do galho e da altura dos meninos, nesses casos, não é o grau de improbabilidade, mas o grau de (in)adequação, em que (109a) é licenciado por inadequação e (109b) pela adequação de Bill buscar o chapéu em comparação a John. Ainda, Greenberg destaca a dependência do contexto em casos nos quais o prejacente de *even*, *p*, acarreta assimetricamente e é menos provável do que a sua alternativa contextualmente saliente, *q*, vide exemplo (103)²⁹²:

Contexto: Qualquer princesa que dê à luz pode ficar no palácio. Se ela der à luz um menino, ela se torna uma rainha.

(103') Princess Jane gave birth. She (**even**) gave birth to [a boy]_F/#[a girl]_F.²⁹³

A autora observa, também, que a felicidade de *even* pode ser facilmente invertida com mudanças em fatores contextuais²⁹⁴:

Contexto: Estamos verificando qual ônibus pegar para chegarmos ao filme na hora.

²⁸⁹ Greenberg (2017, p. 55).

²⁹⁰ Tradução: Ele definitivamente não é alto o suficiente para isso. E Bill é EVEN [mais baixo]_F.

²⁹¹ Tradução: Ele é definitivamente alto o suficiente para isso. E Bill é EVEN [mais alto]_F.

²⁹² Greenberg (2017, p. 56).

²⁹³ Tradução: A princesa Jane deu à luz. Ela (EVEN) deu à luz [um menino]_F/#[uma menina]_F.

²⁹⁴ Greenberg (2017, p. 56).

(110a) A: I think that there is a bus leaving around 7. If we take it we'll get to the movie on time.

B (checking): Right. It **even** leaves 5 min [before 7]_F/#[after 7]_F.²⁹⁵

(110b) A: I think that the only bus is leaving around 7. I am not sure that if we take it we will get to the movie on time.

B (checking the schedule): Right. It **even** leaves 5 min #[before 7]_F/[after 7]_F.²⁹⁶

Os exemplos (109b), (103') e (110) indicam, pois, a não suficiência de um grau mais alto de *p* em uma escala de improbabilidade, em relação a *q*, para garantir a felicidade de *even* *p*. Greenberg (2017) destaca que o que ocorrem nesses exemplos parece ser a comparação de grau de indivíduos em escalas que são destacadas no contexto, como a importância/felicidade de Jane em (103') e a adequação do horário do ônibus ao horário do filme em (121) e (122).

Sobre a sensibilidade a padrões de uso, a autora destaca casos em que a visão da probabilidade comparativa prediz erroneamente a felicidade de *even*. Considere²⁹⁷:

Contexto: John é um contador, trabalhando em um escritório padrão do governo ocidental, onde os funcionários devem usar camisas, ternos e gravatas oficiais:

(111a) John wore his usual white shirt to work yesterday, and he (??**even**) wore [a funny old hat]_F.²⁹⁸

(111b) John wore a colorful T-shirt to work yesterday, and he (**even**) wore [a funny old hat]_F.²⁹⁹

As sentenças (111a) e (111b) oferecem um bom exemplo de contraste na felicidade de *even*. Em (111a), *p* (John wore a funny old hat) é claramente menos provável que *q* (John wore his usual white shirt); nesse caso, a visão da probabilidade comparativa prediz de forma errada a felicidade de *even* visto que, de acordo com essa visão, o uso de *even* seria feliz aqui. Ainda, em (111b), parece ser o caso de que a felicidade de *even* *p* não está relacionada apenas

²⁹⁵Tradução: A: Acho que tem um ônibus saindo por volta das 7. Se pegarmos, chegaremos ao cinema na hora.

B (verificando): Certo. Ele **EVEN** sai 5 min [antes de 7]_F/#[depois de 7]_F.

²⁹⁶Tradução: A: Acho que o único ônibus está saindo por volta das 7. Não tenho certeza de que, se o pegarmos, chegaremos ao cinema a tempo.

B (verificando a programação): Certo. Ele **EVEN** deixa 5 min #[antes de 7]_F/[depois de 7]_F.

²⁹⁷ Greenberg (2017, p. 57).

²⁹⁸Tradução: John vestiu sua habitual camisa branca para trabalhar ontem, e ele (??**EVEN**) usou [um chapéu velho engraçado]_F.

²⁹⁹Tradução: John usava uma camiseta colorida para trabalhar ontem, e ele (**EVEN**) usava [um chapéu velho engraçado]_F.

a ser menos provável do que q , mas de p e q serem, ambos, improváveis ou surpreendentes, isto é, além da maior improbabilidade de p , a improbabilidade de p e q deve ser tão alta quanto o padrão contextualmente fornecido da escala de improbabilidade. Esse comportamento pode ocorrer também em casos nos quais a escala não é baseada em probabilidade³⁰⁰:

Contexto: John e Bill querem se juntar ao nosso time de basquete, no qual o padrão de altura do jogador é de 1,90 m.

Treinador: Então, e John e Bill?

(112a) Agent: John is 1.95 m tall and Bill is (**even**) [2.10]_F.³⁰¹

(112b) Agent: John is 1.70 m tall and Bill is (??**even**)[1.75]_F.³⁰²

(112c) Agent: John is 1.75 m tall and Bill is (??**even**) [1.95]_F.³⁰³

A autora observa que, intuitivamente, o que ocorre nesse caso é que para *even* p ser feliz não basta que p envolva um grau mais alto do que o envolvido em q . Ambos p e q , de alguma forma, devem envolver um grau tão alto ou mais alto quanto o padrão de comparação contextualmente fornecido, como o padrão de altura em (112).

Considerando os exemplos dados acima, relacionados à dependência de contexto e ao padrão no uso de *even*, é possível observar que:

[...] first, that the dimension and ordering of the scale for *even* are highly context dependent, and second, that for *even* p to be felicitous, both p and q must “lead to” or “involve” a degree which is at least as high as the standard on that contextually supplied scale.³⁰⁴ (GREENBERG, 2017, p. 59)

Essas constatações de Greenberg são, pois, desafios à visão apresentada pela probabilidade comparativa. Assim, a autora, seguindo Rullmann (2007), que classifica as alternativas de forma a correlacioná-las a uma propriedade graduada saliente no contexto usada para alegar que a propriedade classificada se mantém em grau extremo, elabora sua primeira versão da pressuposição escalar de *even* baseada na gradabilidade, apresentada em (114).

³⁰⁰ Greenberg (2017, p. 58).

³⁰¹ Tradução: Agente: John tem 1,95 m de altura e Bill tem (EVEN) [2,10]_F.

³⁰² Tradução: Agente: John tem 1,70 m de altura e Bill tem (??EVEN)[1,75]_F.

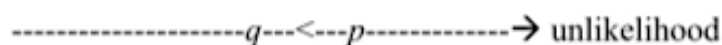
³⁰³ Tradução: Agente: John tem 1,70 m de altura e Bill tem (??EVEN)[1,75]_F.

³⁰⁴ Tradução: [...] primeiro, que a dimensão e a ordenação da escala para *even* são altamente dependentes do contexto, e segundo, que para *even* p ser feliz, tanto p quanto q devem “levar a” ou “envolver” um grau que seja pelo menos tão alto quanto o padrão nessa escala fornecida contextualmente

Conforme observado em (114), em relação a x , um elemento não focado no prejacente de *even*, p , e G , uma propriedade graduável fornecida contextualmente, as duas condições são válidas: (i) o grau máximo de x na escala associada a G é maior em todos os mundos acessíveis p do que em todos os mundos acessíveis p -e-não- q ; e (ii) no último tipo de mundo, o grau de x em G é pelo menos tão alto quanto o padrão de G (GREENBERG, 2017).

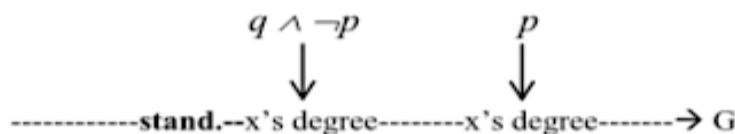
Ainda, a mudança em relação a visão tradicional da probabilidade comparativa pode ser mais bem compreendida pelos itens a seguir:

Imagem (03): Pressuposto baseado na probabilidade comparativa: p é menos provável que q :



Fonte: Greenberg (2017, p. 61)

Imagem (04): Pressuposto baseado na gradabilidade (versão 1):



Fonte: Greenberg (2017, p. 61)

A autora destaca, a partir dessa proposta de escala, que (i) ao contrário da pressuposição baseada na probabilidade, a dimensão da escala não é necessariamente baseada em (im)probabilidade, mas está associada a uma propriedade G graduável fornecida contextualmente, como força física, sucesso, altura, importância, etc.; (ii) o que está sendo comparado na pressuposição baseada na gradabilidade não são diretamente graus de improbabilidade de proposições, mas graus de entidades recuperadas do tópico contrastivo em relação a acessibilidade de mundos p contra q -mas-não- p ; e (iii) enquanto a pressuposição tradicional rege a comparação simples de graus de improbabilidade, restringe-se à comparação de graus, pelo menos, tão altos quanto o padrão na escala saliente na pressuposição baseada na gradabilidade.

Greenberg (2017) aponta, todavia, alguns desafios para a o pressuposto baseado na gradabilidade, como³⁰⁵:

³⁰⁵ Greenberg (2017, p. 67).

Contexto: Mary visita os Smiths e conhece seu filho, John, que tem 1,60 m de altura.

(113) Mary: I see that John is tall. No wonder about that, since both of you are tall as well.

How old is he? 10 years old?³⁰⁶

Mrs. Smith: No. He is 7!

Mary: Wow! So he is **even** VERY tall!

Com base no pressuposto de gradabilidade, a pressuposição em (113) é atendida sse (i) o grau de altura de John nos mundos acessíveis em que ele é muito alto é mais alto que nos mundos em que ele é apenas alto; e (ii) nos últimos mundos, seu grau de altura é pelo menos tão alto quanto o padrão. Porém, se partir desse pressuposto, obtém-se um resultado errado visto que o primeiro conjunto seria falso devido ao grau de altura de John que é fixo, fazendo com que não haja diferença de altura entre os mundos p e os mundos q-e-não-p.

A partir disso, a autora argumenta que não há uma relação entre a altura dos mundos p e p-e-não-q e sim uma comparação entre a altura e um padrão mais baixo definido não pela altura real de John, mas pela esperada para o padrão de sua idade. Assim, como a pressuposição baseada na gradabilidade não compara extensões, mas graus absolutos de x em uma escala G, não é capaz de capturar essa intuição.

Greenberg (2017) argumenta ser necessário, então, revisar o *insight* da gradabilidade em dois aspectos: (i) comparando as extensões no que se refere a diferenças entre graus e padrões; e (ii) permitindo informações sobre tópicos contrastivos, podendo determinar diferentes padrões de comparação. A autora analisa que os casos em que não é possível utilizar a versão 1 da gradabilidade parecem indicar que a comparação em sentenças com *even* não se dá por graus absolutos de x em G nos mundos p e p-e-não-q, mas por extensões nas quais o grau de x excede o padrão G nesses mundos. Assim, a autora apresenta a segunda versão do pressuposto escalar baseado em gradabilidade:

(114) Análise Revisada de even por meio de Gradabilidade Comparativa - versão 2 (Greenberg, 2017):³⁰⁷

³⁰⁶Tradução: Mary: Vejo que John é alto. Não é de admirar isso, já que vocês dois também são altos. Quantos anos ele tem? 10 anos?

Sra. Smith: Não. Ele tem 7 anos!

Mary: Uau! Então ele é EVEN MUITO alto!

³⁰⁷ Greenberg (2017, p. 71).

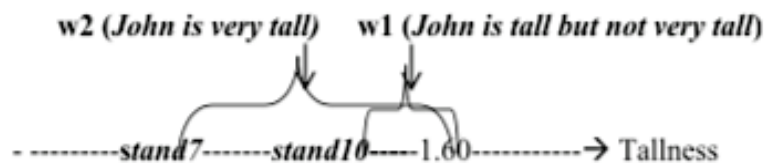
$\forall w_1, w_2 [w_1 R w \wedge w_2 R w \wedge w_2 \in p \wedge w_1 \in [q \wedge \neg p]] \rightarrow \text{DIFF}(\text{the max } (\lambda d_2. G(d_2)(x)(w_2), \text{stand}_{1,G}) > \text{DIFF}(\text{the max } (\lambda d_1. G(d_1)(x)(w_1), \text{stand}_{1,G}) \wedge \text{the max } d_1 (\lambda d_1. G(d_1)(x)(w_1)) \geq \text{stand}_{1,G} \wedge \text{the max } (\lambda d_2. G(d_2)(x)(w_2) \geq \text{stand}_{2,G}$

A formalização apresentada em (114) representa que a diferença entre o grau máximo de x em G e o padrão em todos os mundos p acessíveis é maior do que a diferença entre o grau de x e o padrão em todos os mundos acessíveis q -e-não- p , mas sim extensões em que o grau de x excede o padrão de G nesses mundos, ou, a diferença entre o grau de x e o padrão relevante.

Considere o exemplo (113): nesse caso, a diferença entre o grau fixo da altura de John e os padrões de altura, de 7 e 10 anos, tornam-se salientes nos dois tipos de mundos. Nos mundos p , em que John é muito alto, considera-se que ele tem 7 anos, comparando-se a diferença entre o padrão de altura de criança de 7 anos e a altura do menino. Nos mundos p -e-não- q , porém, considera-se a idade de John como 10 anos, fazendo com que ele não seja considerado tão alto. Assim, visto que a diferença de p é maior do que a de p -e-não- q e sabendo que em ambos os mundos a altura de John é pelo menos tão alta quanto o padrão, (114) cumpriria todos os requisitos para a felicidade de *even*.

Seguindo as imagens (03) e (04), observe como se dá a escala para a segunda versão da gradabilidade:

Imagem (05): Pressuposto baseado na gradabilidade (versão 2):



Fonte: Greenberg (2017, p. 72)

Há, porém, outro problema a ser observado: o uso de *even* com dois graus e dois padrões. Nesse caso, comparar extensões em vez de padrões, como proposto na segunda versão, ainda não é suficiente para garantir resultados como em (115)³⁰⁸:

³⁰⁸ Greenberg (2017, p. 73).

Contexto: Bart é um aluno ruim que geralmente tira C - ou menos, e Lisa é uma aluna nota A. O falante foi perguntado como Lisa e Bart se saíram no exame de ontem:

(115a) Lisa got a B, and Bart (**#even**) got an A.³⁰⁹

(115b) Lisa got an A, and Bart **even** got a B.³¹⁰

Em (115), tem-se um caso com dois graus e dois padrões, em que os dois padrões parecem ser contribuídos por informações sobre tópico contrastivo. Intuitivamente, (115b) é feliz visto que, embora Bart tenha tirado uma nota mais baixa do que Lisa, a extensão em que ele superou seu padrão de sucesso é maior do que a extensão de superação de Lisa; assim, Bart pode ser considerado mais bem-sucedido do que Lisa no exame. Os tópicos contrastivos constituem-se, nesse caso, de Bart e Lisa.

Na versão vista até o momento, parece impossível garantir que os dois padrões relevantes, determinados pelos tópicos contrastivos, sejam fixos. Assim, a autora ancora-se na análise de Wagner (2012) e Zimmermann (2014) no que se refere à associação de *even* com tópicos contrastivos. Para Zimmermann (2014), o uso de *even* é adequado, dada uma bipartição da proposição-*even* em tópico contrastivo e comentário sse houver uma proposição $Q(a)$, de tal modo que Q é uma alternativa não trivial para o comentário que contém o foco, ou a é a alternativa não-trivial para o tópico contrastivo; e se o valor de comentário comum acarretar todos os valores de comentários alternativos salientes P em alguma escala contextualmente dada.

A partir disso, Greenberg (2017) conclui que a pressuposição escalar de *even* é caracterizada como sensível aos padrões de comparação e a associação de *even* com tópicos contrastivos é relevante para essa pressuposição, na qual as informações sobre tópicos contrastivos devem ser utilizadas para determinar padrões distintos de comparação. Propõem-se, então, integrar a associação com tópicos contrastivos na pressuposição baseada na gradabilidade de *even*:

³⁰⁹Tradução: Lisa tirou B e Bart (**#EVEN**) tirou A.

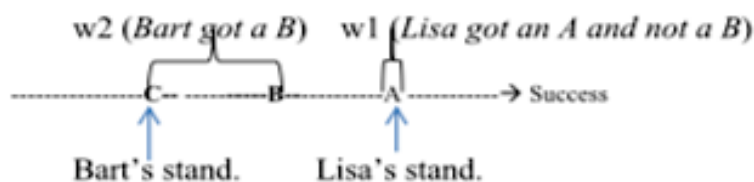
³¹⁰Tradução: Lisa tirou A e Bart **EVEN** tirou B.

(116) Análise Revisada de Even por meio de Gradabilidade Comparativa – versão 3 (Greenberg, 2017):³¹¹

$\text{Even}_{\text{ALT}}(\text{CT})(\text{COMMENT})(w)$ is true in w iff $w \in \|\text{COMMENT}_F\|^0 (\|\text{CT}\|^0)$ Defined iff:
 $\forall P \forall x [P \in \|\text{COMMENT}_F\|^{\text{ALT}} \wedge P \neq \|\text{COMMENT}_F\|^0 \wedge x \in \|\text{CT}\|^{\text{ALT}}] \rightarrow \forall w_1, w_2 [w_1 R w_0 \wedge w_2 R w_0 \wedge w_2 \in \|\text{COMMENT}_F\|^0 (\|\text{CT}\|^0) \wedge w_1 \in P(x) \wedge w_1 \notin \|\text{COMMENT}_F\|^0 (x)] \rightarrow [\text{DIFF}(\text{the max } (\lambda d2. (G)(d2) (\|\text{CT}\|^0)(w_2)), \text{stand},_G) > \text{DIFF}(\text{the max } (\lambda d1. (G)(d1)(x) (w_1), \text{stand},_G) \wedge \text{the max } (\lambda d2. (G)(d2) (\|\text{CT}\|^0)(w_2) \geq \text{stand},_G \wedge \text{the max } (\lambda d1. (G)(d1) ((x) (w_1) \geq \text{stand},_G]$

Assim, em (116), a pressuposição escalar é definida pela diferença entre o grau de sucesso de Bart nos mundos w_2 onde ele obteve um B e o padrão saliente nesses mundos é maior do que a diferença entre o grau de sucesso de Lisa nos mundos w_1 em que ela obteve A e o padrão saliente nesses mundos. Ainda, os sucessos de Bart e Lisa são pelo menos tão altos quanto seus próprios padrões:

Imagem (06) Pressuposto baseado na gradabilidade (versão 3):



Fonte: Greenberg (2017, p. 77)

De acordo com Greenberg (2017), o pressuposto (116) pode explicar casos desafiadores em que há dois padrões distintos de comparação definidos pelas informações sobre tópico contrastivos. Essa versão é, pois, a mais complexa dentre as apresentadas e tem como objetivo satisfazer casos mais distintos do uso de *even*.

Assim, sobre as diferentes versões construídas ao longo de sua análise, a autora ressalta que elas devem ser utilizadas de acordo com o emprego de *even*: (i) em casos com dois graus e dois padrões, é necessário utilizar a terceira, e mais complexa, versão; (ii) em casos com um grau e dois padrões, é possível utilizar a segunda versão; e, (iii) em casos mais simples de dois graus e um padrão, a primeira versão já satisfaz a previsão de felicidade de *even*.

³¹¹ Greenberg (2017, p. 77).

Apresentamos, até o momento, estudos referentes à análise de *even* em língua inglesa devido à ampla discussão do lexema nesta língua. Porém, consideramos importante abordar, mesmo que brevemente, as diferenças de EVEN entre as línguas a fim de analisar o comportamento deste lexema além do panorama visto até agora. Cientes disso, apresentamos, a seguir, estudos sobre EVEN em grego, espanhol e português.

3.3 AS DIFERENÇAS DE EVEN ENTRE AS LÍNGUAS

Nesta seção, encontra-se um recorte com alguns estudos sobre os lexemas aditivo-escalares nas variadas línguas, como grego, espanhol e português brasileiro. Em inglês, como foi evidenciado neste capítulo e no capítulo anterior, há uma vasta literatura que abrange estudos pragmáticos e semântico-pragmáticos sobre as implicaturas do lexema e seu funcionamento, investigando questões como probabilidade comparativa, aditividade, escalaridade e escopo.

Os estudos a seguir relacionam os lexemas aditivo-escalares de suas línguas às questões estudadas sobre *even*, principalmente no que se refere à escalaridade e polaridade. Iniciamos com a subseção EVEN em grego.

3.3.1 EVEN em grego

Giannakidou (2007) explora o papel desempenhado pelas propriedades escalares e as pressuposições de *even* na criação de significados sensíveis à polaridade de forma interlinguística. A autora discute o comportamento de três contrapartes gregas lexicamente distintas, referentes a *even* em sentenças positivas, negativas e subjuntivas.

Esses itens são sensíveis à polaridade (Rooth, 1985), sendo postas três distinções: EVEN de polaridade positiva (*akomi ke*), EVEN de polaridade negativa (*oute*) e EVEN com escala flexível (*esto*). Este último lexema, *esto*, não introduz probabilidade, estando associado a escalas tornadas salientes pelo contexto. Assim, em grego, existem, pelo menos, três itens lexicais que podem ser traduzidos para o inglês como *even*³¹²:

³¹² Giannakidou (2007, p. 43).

- (117a) I Maria efaje **akomi ke** to pagoto. (positive EVEN)
 the Maria ate even the ice cream.
- (117b) *I Maria efaje **oute** to pagoto. (NPI-EVEN)
 the Maria ate even the ice cream
- (117c) ?#I Maria efaje **esto** to pagoto. (flexible scale EVEN)
 The Maria ate even the ice cream

Note que as expressões *oute* e *esto* não funcionam bem em sentenças positivas. Com *oute* (117b) é possível observar que o lexema é agramatical em sentenças positivas, o que é esperado de um NPI; em (117c), com *esto*, a sentença positiva apresenta, de acordo com a autora, um desvio pragmático mais forte do que mera estranheza, porém não chega a nível de agramaticalidade. A agramaticalidade se inverte em sentenças negativas com *akomi ke* e *oute*³¹³:

- (118a) ?#I Maria dhen efaje **akomi ke** to pagoto. (positive EVEN)
 the Maria didn't eat even the ice cream.
- (118b) I Maria dhen efaje **oute (kan)** to pagoto. (NPI-EVEN)
 the Maria didn't eat even the icecream.
- (118c) ?#I Maria dhen efaje **esto** to pagoto. (flexible scale EVEN)
 the Maria didn't eat even the ice cream.

Com a negação, é possível observar que *oute* (118b) torna-se gramatical, enquanto *esto* (118c) permanece ruim. Ainda, *akomi ke* (118a) torna-se agramatical visto ser um item de polaridade positiva (PPI). Compreende-se, assim, que apenas *oute* é um NPI, já que melhora com a negação, conforme visto em (118b), enquanto *esto* permanece ruim (118c). De acordo com a autora, devido ao fato de haver itens como *akomi ke* e *esto*, referentes a *even*, que permanecem ruins na negação, é difícil sustentar a teoria do escopo (Karttunen e Peters, 1979).

Giannakidou reforça que a probabilidade não é suficiente para caracterizar os tipos de escalas de EVEN em inglês, porém, esta diferença é lexicalizada em grego:

³¹³ Giannakidou (2007, p. 43).

[...] likelihood alone is not enough to characterize the kinds of scales EVEN items associate with. Some EVEN items are indeed defined on a scale of likelihood (=possibility), but there are EVEN expressions that are flexible with respect to the scale they rank alternatives on, and depend on the context to provide it. The difference, again, may be blurred in English, but is lexicalized in Greek (*esto*).³¹⁴ (GIANNAKIDOU, 2007, p. 45)

A autora propõe que a probabilidade envolvida em *even* nem sempre é do tipo positivo *versus* negativo (PPI x NPI), sendo a escala flexível *esto* uma polaridade sensível de *EVEN* que, ao contrário de NPI-*EVEN*, não depende da negação para sua gramaticalidade ou felicidade. Giannakidou propõe, a partir desta observação, que alguns *EVENs* são absolutos nas escalas que introduzem e outros são flexíveis; assim, prevê-se a existência de mais significados de *EVEN* do que os três apresentados.

Iniciemos pela diferença entre *akomi ke* e *even*: ao contrário de *akomi ke*, *even* permanece aceitável no escopo superficial da negação, conforme pode ser verificado em (1a). Ainda, ao contrário de *akomi ke*, *even* (i) permanece aceitável em sentenças positivas e negativas quando combinadas ao cardinal *um*; (ii) é compatível com expressões de alta probabilidade; e (iii) apresenta ambiguidade entre em significado aditivo, que não produz viés negativo na sentença, e não-aditivo, responsável pelo viés negativo (GIANNAKIDOU, 2007).

(119) The Dean didn't invite even Bill.³¹⁵

(1a) $\exists x [x \neq \text{Bill} \wedge \neg \text{invited}(\text{Dean}, x)] \ \& \ \forall x [x \neq \text{Bill} \rightarrow \text{likelihood}(\text{Dean inviting Bill}) > \text{likelihood}(\text{Dean inviting } x)]$

Ainda, dado o fato de, ao contrário de *akomi ke*, *even* ser adequado com negação local e, possivelmente, também produzir leitura de escopo restrito com negação de longa distância, conclui-se que este não pode ser idêntico àquele, e não precisa ficar acima da negação como *akomi ke*.

Consideremos, agora, o NPI *oute*: *oute* é um NPI-*even* associado a altos valores escalares, licenciado via *agreement*³¹⁶ com núcleo negativo. A autora afirma que isso explica

³¹⁴ Tradução: [...] a probabilidade por si só não é suficiente para caracterizar os tipos de escalas às quais os itens *EVEN* associam. Alguns itens *EVEN* são de fato definidos em uma escala de probabilidade (=possibilidade), mas existem expressões *EVEN* que são flexíveis em relação à escala em que classificam as alternativas e dependem do contexto para fornecê-las. A diferença, novamente, pode ser nebulosa em inglês, mas é lexicalizada em grego (*esto*).

³¹⁵ Tradução: O reitor não convidou *EVEN* Bill. Giannakidou (2007, p. 41).

³¹⁶ Para saber mais sobre *agreement*, consulte Chomsky (2000).

sua distribuição muito restrita em contextos negativos e não-verídicos, bem como o fato de que, quando ilícito, *oute* é, claramente, agramatical (GIANNAKIDOU, 2007).

Assim, para EVEN com negação, o grego sempre apresenta *oute* com o adicional *kan*, que, segundo o autor, mais tarde se revelará outra instância de EVEN. Considere³¹⁷:

(120) O Janis **dhen** dhiavase **oute (kan)** tis Sindaktikes Dhomes.

the John not read.3sg even the Syntactic Structures

John didn't read even Syntactic Structures.

(121) *O Janis dhiavase **oute (kan)** tis Sindaktikes Dhomes.

the John read.3sg even the Syntactic Structures

John read even Syntactic Structures.

Giannakidou explica, ainda, que *oute* contém uma característica morfológica negativa -ou, sendo licenciado apenas com negação e operadores antiverídicos, e não simplesmente por acarretamento descendente (*downward entailment* – DE) ou ambientes não verídicos. Assim, ele explica que o lexema parece ser um autêntico NPI. O grego, portanto, suporta lexicalmente o NPI-*even* de Rooth (1985) e mostra, além disso, que a antivericidade é necessária para o licenciamento, e não a mera DE (GIANNAKIDOU, 2007).

A autora explica que, além da distinção lexical apresentada acima, a evidência de que esse item contribui com a pressuposição do topo da escala, e não com o da base da escala de *even* positivo, é perceptível em casos como³¹⁸:

(122) # O pritanis dhen proskalese oute (kan) tin katharistria.

the dean not invited even the cleaning lady.

The Dean did not invite even the cleaning lady.³¹⁹

A impossibilidade de *oute* no contexto neutro sugere, pois, que este lexema se associa não com a alternativa menos provável, mas com a alternativa mais provável³²⁰:

³¹⁷ Giannakidou (2007, p. 53).

³¹⁸ Giannakidou (2007, p. 54).

³¹⁹ Tradução: O reitor não convidou EVEN a faxineira.

³²⁰ Giannakidou (2007, p. 54).

(123) $[[\text{NOT } \text{oute} (\text{kan}) (x) (P)]] = 1 \text{ iff } \neg P(x) = 1; (\text{assertion})$

$\exists y [y \neq x \wedge C(y) \wedge \neg P(y)] \wedge$

$\forall y [y \neq x \rightarrow \text{likelihood}(P(x)) > \text{likelihood}(P(y))]$ (presupposition)

Giannakidou sugere, a partir destas considerações, a seguinte entrada lexical para *oute*³²¹:

(124) $[[\text{oute} (\text{kan})]] = \lambda x \lambda P: \exists y [y \neq x \wedge C(y) \wedge \neg P(y)] \wedge \forall y [y \neq x (\text{likelihood } P(x) > \text{likelihood}(P(y)))] . P(x)$

Sobre a relação entre *oute* e *akomi ke*, a autora explica:

We could thus suggest that there is one basic lexical item meaning EVEN in Greek with the semantics we assigned to *akomi ke*, and assume further that this expression can be optionally associated with a negative feature. When this happens, EVEN is pronounced *oute*; if there is no association with a negative feature, the expression is pronounced *akomi ke*.³²² (GIANNAKIDOU, 2007, p. 63)

Ainda, a partícula *kan*, vista até o momento acompanhada de *oute*, por sua vez, quando nua, parece combinar a pressuposição existencial de *even* positivo com a pressuposição de topo de escala de NPI-EVEN³²³:

(125) $[[\text{Metaniosa pu aniksa } \textbf{kan} \text{ to vivlio/ I regret that I } \textbf{so much as} \text{ opened the book}]] = 1 \text{ iff}$
I opened the book.³²⁴

Presupposition:

$\exists Q [Q \neq \textbf{open the book} \wedge \text{I Q-ed the book}] \wedge \forall Q [Q \neq \textbf{open the book} \rightarrow \text{likelihood}(\textbf{I open the book}) > \text{likelihood}(\text{I Q-ed the book})]$

Assim, *kan* é aceitável em contextos com negação, quando combinado a *oute*, e em contextos de polaridade não negativa, sob verbos factivos negativos, perguntas e condicionais, quando nu. Conforme explica Giannakidou, a pressuposição desse item é aceitável com a

³²¹ Giannakidou (2007, p. 54).

³²² Tradução: Poderíamos, portanto, sugerir que há um item lexical básico que significa EVEN em grego com a semântica que atribuímos a *akomi ke*, e assumir ainda que essa expressão pode ser opcionalmente associada a um traço negativo. Quando isso acontece, EVEN é pronunciado *oute*; se não houver associação com um traço negativo, a expressão é pronunciada *akomi ke*.

³²³ Giannakidou (2007, p. 61).

³²⁴ $[[\text{Lamento ter aberto o livro}]] = 1 \text{ sse eu abri o livro.}$

negação porque ele é escalarmente alto, assim como a pressuposição de NPI-*oute*. *Akomi ke*, por outro lado, é um item escalar baixo, apresentando problemas em contextos negativos.

Passemos, agora, para a análise do EVEN de escala flexível. *Esto*, conforme argumenta a autora, é uma instância de EVEN que não se associa com a probabilidade (como ocorre com PPI e NPI EVEN), mas depende do contexto para fornecer uma escala saliente. Ainda, *esto* é, muitas vezes, parafraseado por *toulaxiston* (*at least*), que também não é sensível à polaridade³²⁵:

(126) ?#O Janis dhiavase **esto** tis *Sindaktikes Dhomes*.

the John read.3sg even the Syntactic Structures

John read even *Syntactic Structures*.

(127) O Janis dhiavase **toulaxiston** tis *Sindaktikes Dhomes*.

the John read.3sg at least the Syntactic Structures

John read *Syntactic Structures* at least.³²⁶

A autora explica, sobre *esto*, que a forma inadequada do item em um contexto positivo é um efeito mais fraco, isto é, não é agramatical, podendo ser corrigido. Ainda, a adição de *ke* pode ser, marginalmente, possível, mas é consideravelmente mais restrita do que com *akomi*. *Esto* é inaceitável em uma sentença positiva; porém, ao contrário de *oute*, não melhora com a negação³²⁷:

(128)?#**Esto (ke)** i Maria dhen ipe kalimera.

even and the Maria not said.3sg hello

Not even Maria said hello.³²⁸

O lexema também permanece inaceitável com quantificadores DE. Considere³²⁹:

(129) ?# To poli pende fitites diavasan **esto (ke)** tis *Sindaktikes Dhomes*.

?at most five students read even *Syntactic Structures*.³³⁰

³²⁵ Giannakidou (2007, p. 64).

³²⁶ Tradução: John leu *Syntactic Structures* pelo menos.

³²⁷ Giannakidou (2007, p. 64).

³²⁸ NEG EVEN Maria disse olá.

³²⁹ Giannakidou (2007, p. 65).

³³⁰ Tradução: no máximo cinco alunos lêem EVEN *Syntactic Structures*.

(130) ?#LIJI fitites diavasan **esto (ke)** tis *Sindaktikes Dhomes*.

?few students read even *Syntactic Structures*.³³¹

Segundo Giannakidou, a ideia principal é que, ao contrário de outros EVENs que se associam com probabilidade, *esto* é flexível no que diz respeito à escala de classificação de alternativas, não apresentando uma escala própria como os outros lexemas, sendo, pois, dependente do contexto para tornar uma escala saliente. Ainda, a ordem desse lexema é semelhante à de EVEN positivo, associando-se ao elemento mais baixo³³²:

(131) $[[\text{esto (ke)} (x) (P)]] = 1$ iff $P(x) = 1$; (assertion)

$\exists y [y \neq x \wedge C(y) \wedge \neg P(y)] \wedge$

$\exists Q_{\text{scalar}} [C(Q) \wedge \forall y [y \neq x \rightarrow Q(y) > Q(x)]]$ (presupposition)

(132) Lexical entry for *esto (ke)*:

$[[\text{esto (ke)}]] = \lambda x \lambda P: \exists y [y \neq x \wedge C(y) \wedge \neg P(y)] \wedge \exists Q_{\text{scalar}} [C(Q) \wedge \forall y [y \neq x \rightarrow Q(y) > Q(x)]] . P(x)$

A autora completa a análise de *esto* comparando-o a *akomi ke* e a *only*:

The scalar presupposition is reminiscent of *akomi ke*, comprising a bottom-of-scale condition; but *esto* combines this bottom-of-scale condition with the negative existential presupposition of *oute*. The negative presupposition of *esto* and *oute* is very much like the assertion of *only* [...].³³³ (GIANNAKIDOU, 2007, p. 68)

Ainda, Giannakidou explica que a chave para entender a estranheza de *esto* em uma sentença positiva, e seu contraste com *akomi ke*, está na forma de sua pressuposição existencial: ao contrário de *akomi ke*, *esto* requer contexto para estabelecer uma proposição negativa, semelhante à implicatura de *at least*. O status dessa proposição negativa como pressuposição cria o desvio, não sendo possível presumir que uma afirmação tão forte seja prontamente satisfeita ou acomodada em um contexto neutro (GIANNAKIDOU, 2007).

Giannakidou argumenta, por fim, ser problemático abordar EVEN apenas sob o dilema de escopo (K&P, 1979) *versus* ambiguidade lexical (Rooth, 1985). Assim, em vez de

³³¹ Tradução: poucos alunos lêem EVEN *Syntactic Structures*.

³³² Giannakidou (2007, p. 68).

³³³ Tradução: A pressuposição escalar é uma reminiscência de *akomi ke*, compreendendo uma condição de final de escala; mas *esto* combina essa condição de final de escala com o pressuposto existencial negativo de *oute*. A pressuposição negativa de *esto* e *oute* é muito parecida com a afirmação de *only* [...].

abordar EVEN em perspectiva de probabilidade unitária, é preferível delimitar uma família de possíveis pressuposições a depender da escala representada, que pode ser de probabilidade ou não, de como a escala é estruturada e se há uma condição negativa das alternativas: a partir desses fatores, a autora identificou quatro lexicalizações de EVEN em grego, ressaltando a possibilidade de mais um lexema, *kan*: *akomi ke*, *oute*, *esto* e *kan*. Confira o quadro-resumo a seguir:

Quadro (02): os quatro tipos de EVEN em grego

EVEN	Tipo de EVEN	Principais características
<i>Akomi ke</i>	PPI-EVEN	EVEN de baixa probabilidade que deve se estender acima da negação
<i>Oute</i>	NPI-EVEN	Item de polaridade negativa de alta escalaridade licenciado no escopo da negação
<i>Esto</i>	EVEN de escala flexível	EVEN de baixa escalaridade relacionado a uma escala especificada contextualmente
<i>Kan</i>	EVEN de alta escalaridade	EVEN de alta escalaridade, licencia pressuposição existencial positiva (contrário de <i>oute</i>)

Fonte: quadro elaborado pela autora (Rosa, 2022) com base em Giannakidou (2007)

Considere, por fim:

***Akomi ke:** é um PPI-EVEN, a ele estão relacionadas as seguintes percepções: (i) é um item de baixa escalaridade de EVEN, permanecendo estranho no escopo da negação - a menos que abertamente tenha escopo acima dele; (ii) pode estar junto a NPs, PPs ou outros AdvPs, VPs e CPs; (iii) possui sentido semelhante a *still/yet and*.

***Oute:** é um NPI-EVEN, possui as seguintes características: (i) é um EVEN de alto grau escalar, sujeito a licenciamento sintático; (ii) contém característica morfológica negativa, o que explica por que as ocorrências ilícitas de *oute* são agramaticalidades em vez de desvios sistemáticos; (iii) deve estar em uma relação local com a negação; e (iii) possui sentido semelhante a *not-and*.

***Esto:** é um lexema flexível na escala que descreve. A ele estão relacionadas às seguintes questões: (i) não se associa com probabilidade (PPI/NPI, como os EVENs), dependendo de contexto para fornecer uma escala saliente; (ii) não é aceitável em sentença positiva - mas, ao contrário de *oute*, *esto* não melhora com a negação; (iii) é usado em *yes/no questions*, *wh-questions*, imperativo, condicionais, subjuntivo, verbos modais e habituais; (iv) possui sentido semelhante a *at least*.

***Kan:** é um item de alta escalaridade. Este lexema (i) está a nível de IP; (ii) é aceitável em contextos com negação (combinado a *oute*), e em contextos de polaridade não negativa, sob verbos factivos negativos, perguntas e condicionais (quando nu); (iii) possui sentido semelhante a *so much*.

A seguir, apresentam-se as possibilidades de EVEN em espanhol. A partir das análises de Herburger (2003), Schwenter (2002), Lahiri (2008) e Chamorro (2008) acerca dos lexemas EVEN em espanhol, constata-se seis possibilidades de tradução do lexema: *siquiera*, *ni siquiera* e *ni* são as possibilidades de EVEN negativo, sendo *siquiera* um NPI-even, *ni siquiera* ambíguo entre NPI e NE e *ni* um even de escala relativa; *hasta* e *incluso*, por sua vez, são EVENs positivos, sendo *hasta* de escala absoluta e *incluso* de escala relativa, como o PPI-even; e *aunque sea* representando o EVEN concessivo.

3.3.2 EVEN em espanhol

Herburger (2003) defende que o lexema em espanhol *ni siquiera* é como outras *n-words* (*nadie*, *nada* e *nunca*) no que se refere à ambiguidade. *Ni siquiera* poderia ter, pois, uma leitura genuinamente negativa ou correspondente ao NPI even. Assim, a partir da análise

de *ni siquiera*, a autora defende ser este um argumento translinguístico a favor da NPI *theory* (Rooth, 1985):

It is implausible that both *incluso* and *ni siquiera* have the meaning of “regular” even and that they only differ in what scope they take; it is unlikely because there is independent evidence that in the relevant contexts *ni siquiera* is a NPI. This evidence derives from the fact that *ni siquiera* is a full member of the *n*-word paradigm.³³⁴ (HERBURGER, 2003, p. 243)

Sobre a relação entre *ni siquiera* e as *n-words*, a autora explica que estas palavras são ambíguas entre NPIs e NE³³⁵. Considere, então, o comportamento de *ni siquiera* nesses contextos³³⁶:

(133a) **Ni siquiera** Héctor lo sabía.

n even Hector it knew.

(133b) ***(No)** lo sabía **ni siquiera** Héctor.

not it know n even Hector

‘Not even Hector knew it.’

Em (133), é possível observar que, quando *ni siquiera* aparece em posição pré-verbal, ele se comporta como um NE, tornando, por si só, a sentença negativa; porém, quando o lexema aparece em posição pós-verbal, a sentença requer uma negação pré-verbal separada (*no*), indicando que, neste caso, ele é a contraparte NPI do homófono NE.

Esse exemplo (133) sugere que, como outras *n-words*, *ni siquiera* é lexicalmente ambíguo entre um NPI e um NE correspondente. Ainda, em ambos os casos o componente *even* sinaliza que o elemento correspondente ocupa a extremidade superior de uma escala de probabilidade ou expectativa.

A autora chama atenção, também, para o item *ni* de *ni siquiera*: em alguns casos ele é opcional, em outros não. De acordo com ela (HERBURGER, 2003, p. 248): “the relevant

³³⁴Tradução: É implausível que tanto *incluso* quanto *ni siquiera* tenham o significado de *even* “regular” e que eles diferem apenas no escopo que assumem; é improvável porque há evidências independentes de que nos contextos relevantes *ni siquiera* é um NPI. Essa evidência deriva do fato de que *ni siquiera* é um membro pleno do paradigma de *n-word*.

³³⁵ NE: elementos negativos. São lexemas genuinamente negativos.

³³⁶ Herburger (2003, p. 247). Tradução: NEG EVEN Hector sabia.

pattern can be characterized by saying that *ni* is optional in instances where *ni siquiera* is a NPI and that it is obligatory where *ni siquiera* is a NE in its own right.”³³⁷ Observe³³⁸:

(134^a) ***(Ni) siquiera** Héctor lo sabía.³³⁹

(134b) No lo sabía **(ni) siquiera** Héctor.³⁴⁰

Ressalta-se que tanto a interpretação negativa quanto a interpretação NPI são possíveis nas *n-words*. Quando *ni* é omitido, porém, conforme pode ser observado nos exemplos acima, apenas a leitura NPI é possível. Assim, (134) só pode ter interpretação de negação simples.

A autora explica, ainda, que *ni* combina com minimizadores da mesma forma que combina com *siquiera*. Considerando que os minimizadores podem ser caracterizados como expressões do tipo NPI, cuja distribuição na leitura idiomática é frequentemente restrita a contextos negativos centrais e denotam um ponto mais baixo em uma escala de quantidade, embora sejam entendidos como se contivessem um *even* implícito (no sentido de mais alto na escala de probabilidade), este *even* não é literalmente presente, mas resultado de contextos paralelos nos quais minimizadores e expressões-*even* relevantes são utilizados (HERBURGER, 2003).

Assim, conforme argumenta Herburger, *siquiera* é um NPI que classifica seu associado no ponto mais baixo da escala de surpresa (o mais provável), correspondendo em significado e distribuição a *even* em sua leitura NPI. Ainda, esse lexema pode ocorrer com *ni* (*ni siquiera*), em que *ni* é uma *n-word*, sendo ambíguo entre um NE e seu NPI correspondente: quando *ni* é NE, é interpretado como negação não-oracional, como *not even*, sendo obrigatório; quando *ni* é um NPI, porém, ele não carrega significado, sendo opcional. Ainda, *siquiera* seria, pois, o NPI-*even* em espanhol.

Schwenter (2002) apresenta uma análise sobre dois lexemas escalares em espanhol, *hasta e incluso*, a partir da discussão de Kay (1990) sobre a escalaridade de *even* no que se refere a não obrigatoriedade de a proposição marcada por esse lexema estar em condição de final de escala pragmática.

³³⁷ Tradução: o padrão relevante pode ser caracterizado dizendo que *ni* é opcional nos casos em que *ni siquiera* é um NPI e que é obrigatório quando *ni siquiera* é um NE.

³³⁸ Herburger (2003, p. 248).

³³⁹ Tradução: (NEG) EVEN Héctor o sabia.

³⁴⁰ Tradução: Não o sabia (NEG) EVEN Héctor.

Sobre esses lexemas, Schwenter explica que são próximos de sinônimos, porém correspondem a diferentes tipos de escalaridade, absoluta e relativa. Os lexemas de escalaridade absoluta não requerem uma proposição de contexto acessível, sinalizando, invariavelmente, pontos de final de escala; os lexemas relativos, por sua vez, requerem uma proposição de contexto acessível na mesma escala pragmática e não indicam, necessariamente, final de escala.

A análise do autor concentra-se nos lexemas aditivos em espanhol, *incluso* e *hasta*, que são, em alguns aspectos, intercambiáveis e podem ser considerados equivalentes na tradução de *even*. Considere³⁴¹:

(135) **Incluso** Pablo vino a clase.

(136) **Hasta** Pablo vino a clase.

O autor explica que o significado desses lexemas é similar em dois aspectos: (i) são escalares, podendo situar Pablo, (135) e (136), em ponto extremo de uma escala pragmática de classificação de alunos de acordo com sua (im)probabilidade de vir à aula; (ii) são aditivos, forçando a interpretação de que pelo menos outro aluno mais provável de vir à aula, em relação a Pablo, também veio.

Há, porém, diferenças claras entre *hasta* e *incluso* no que diz respeito ao grau de dependência contextual da partícula. *Incluso* requer que a proposição marcada seja mais informativa do que outra proposição já acessível no contexto; *hasta*, por sua vez, não apresenta esse requisito (SCHWENTER, 2002). Considere os casos a seguir³⁴²:

(137a) A: ¿Quién ha comido oreja de cerdo?

B: **Hasta** mi abuela la ha comido.

(137b) A: ¿Quién ha comido oreja de cerdo?

B: **#Incluso** mi abuela la ha comido.

³⁴¹ Schwenter (2002, p. 122). Tradução: EVEN Pablo veio à aula.

³⁴² Schwenter (2002, p. 123). Tradução: A: Quem comeu orelha de porco?
B: EVEN minha avó comeu.

Contexto: Mãe assistindo seu filho brincando com um brinquedo novo. Nada mais foi dito sobre o brinquedo de antemão.

(138) Ese juguete es **hasta** (**#incluso**) peligroso.³⁴³

Outra diferença entre *hasta* e *incluso* é que não há contradição ao repetir a partícula *incluso*. E, embora *incluso* seja compatível como ponto de final de escala, ele não se limita a marcá-lo. (Kay, 1990). *Hasta*, porém, é infeliz quando repetido, visto que sua repetição resulta em uma interpretação contraditória dos dois elementos focalizados. Observe a obrigatoriedade de marcação do ponto final de escala em sentenças com *hasta* (SCHWENTER, 2002)³⁴⁴:

(139) A: ¿Vino X a tu fiesta?

B: #No sólo X, **hasta** vino Y y **hasta** Z.³⁴⁵

O autor ressalta que, apesar de não ser obrigatório, *incluso* pode marcar final de escala. Essa possibilidade, mas não obrigatoriedade, ocorre quando o lexema marca uma proposição que, pragmaticamente, implica uma proposição ativada anteriormente na mesma escala pragmática, isto é, quando o requisito de uma cp acessível é atendido; *hasta*, por sua vez, sempre marca, inerentemente, final de escala.

Considere a sentença a seguir. Em (140), *incluso* marca a proposição “Marta ganó la final” que, pragmaticamente, implica a proposição “Marta ganó em la tercera ronda”, ativada anteriormente, cumprindo, assim, o requisito para o lexema marcar, assim como *hasta*, final de escala³⁴⁶:

(140) A: ¿Ganó Marta en la tercera ronda?

B: ¡Pues claro! ¡**Incluso/Hasta** ganó la final!³⁴⁷

Conclui-se, portanto, que há uma distinção tipológica entre o lexema escalar absoluto *hasta*, que marca, inerentemente, o ponto de final de escala, e o lexema escalar relativo

³⁴³ Tradução: Esse brinquedo é EVEN perigoso.

³⁴⁴ Schwenter (2002, p. 126).

³⁴⁵ Tradução: A: X veio à sua festa?

B: #Não só X, EVEN veio Y e até Z.

³⁴⁶ Schwenter (2002, p. 128).

³⁴⁷ Tradução: A: Marta ganhou na terceira rodada?

B: Claro! EVEN ganhou a final!

incluso, cuja marcação é dependente de contexto. Ainda, Schwenter, prevê, em uma perspectiva interlinguística, que se uma língua tem apenas uma partícula aditiva escalar, ela será relativa.

Voltemos aos lexemas *ni* e *ni siquiera* com a análise de Chamorro (2008). Partindo das premissas de que existe um *ni* conector em alguns contextos e um *ni* que convoca escalas pragmáticas, este de nosso interesse, a autora defende que *ni* escalar e *ni siquiera* são partículas de foco que, junto aos enunciados em que estão inseridas, convocam escalas pragmáticas.

Contrariando Fauconnier (1975) sobre a inversão de escala afirmativa para negativa correspondente, a autora argumenta que *ni* e *ni siquiera* não pertencem à mesma escala invertida, mas a escalas diferentes. Ainda, a escala positiva seria uma escala pragmática inclusiva/aditiva, referente a *incluso* e *hasta*, enquanto a escala negativa seria exclusiva, para *ni* e *ni siquiera*.

Sobre essa diferença no tipo de escala, Chamorro explica:

En cuanto a la denominación “escalas aditivas”, en el contexto de las partículas escalares negativas, consideramos más apropiado decir que convocan escalas “sustractivas”, puesto que no solo sustraen o niegan el elemento focalizado, sino que además las implicaturas que se derivan de sus proposiciones son también negativas [...]. En resumen, el valor sustractivo de las partículas negativas es semántico mientras que el valor de extremo de escala es pragmático.³⁴⁸ (CHAMORRO, 2008, p. 208)

Com base no estudo de Schwenter (2002), em que se estabelece uma distinção entre a partícula relativa *incluso* e a partícula absoluta *hasta*, a autora propõe uma análise de *ni* como partícula relativa e de *ni siquiera* como partícula absoluta. Lembremos que a partícula relativa precisa de uma alternativa ou proposição contextual que pode ser acessada por meio do contexto e que essa partícula não é inerentemente um ponto final da escala pragmática. A partícula absoluta, porém, está sempre inerentemente na posição mais alta ou mais baixa da escala.

Chamorro apresenta, pois, a seguinte análise com *ni* e *ni siquiera* a partir dos exemplos de Schwenter (2002) sobre *hasta* e *incluso*³⁴⁹:

³⁴⁸ No que se refere à denominação “escalas aditivas”, no contexto das partículas escalares negativas, consideramos mais apropriado dizer que convocam escalas “subtrativas”, pois não apenas subtraem ou negam o elemento focalizado, mas também as implicaturas que derivam de suas proposições também são negativas [...]. Em suma, o valor subtrativo de partículas negativas é semântico, enquanto o valor de fim de escala é pragmático.

³⁴⁹ Chamorro (2008, p. 208-209).

Quem já comeu orelha de porco?

(141a) **Ni** mi padre la ha comido.

(141b) **Ni siquiera** mi abuela la ha comido.

(141c) **Ni** mi padre la ha comido y **ni siquiera** mi abuela la ha comido.

(141d) #**Ni siquiera** mi padre la ha comido y **ni siquiera** mi abuela la ha comido.

Em (141a) e (141b) temos pai e avó, respectivamente, como extremos de escala. Os casos (141c) e (141d), porém, apresentam relação proposicional em que, conforme pode ser observado em (141c), *ni siquiera* deve acompanhar o item de final de escala: em (141c), ao incluir o segundo elemento, a primeira proposição, encabeçada por *ni*, não indica final de escala, havendo um ordenamento de força de <pai, avó> dentro da mesma escala. (141d), por sua vez, causa estranhamento visto que *ni siquiera* marca inerentemente o ponto final de uma escala, não podendo estar relacionado, ao mesmo tempo, com pai e avó como ocorre.

Para evitar a estranheza pragmática de (141d), é necessário construir uma sentença como³⁵⁰:

(141e) **Ni siquiera** mi padre la ha comido. Bueno, **ni siquiera** mi abuela la ha comido.³⁵¹

Ao introduzir a segunda oração com o marcador discursivo *bueno*, há uma indicação de que o pai deixou de ser o extremo da escala e essa posição passou a ser ocupada pela avó. Nesse caso, conforme explica a autora, trata-se de duas escalas distintas, cada uma com um elemento extremo: a segunda escala substitui a primeira e avó torna-se o ponto final ocupado anteriormente por pai.

Ni e *ni siquiera*, porém, não respondem aos mesmos requisitos contextuais das partículas aditivas *incluso* e *hasta*: *incluso* exige que a proposição marcada seja mais informativa que outras proposições acessíveis no contexto, enquanto *hasta* não obedece a esta exigência por ser uma partícula absoluta. Considere, agora, o caso de *ni* e *ni siquiera*:

³⁵⁰ Chamorro (2008, p. 209).

³⁵¹ Tradução: NEG EVEN meu pai comeu. Bem, NEG EVEN minha avó comeu.

[...] en el caso de *ni* no es necesario que haya una proposición a la que se pueda acceder por el contexto. Esta partícula sitúa al elemento focalizado en el extremo de la escala a menos que se presupongan o se expresen de manera explícita más elementos, eliminando así esta interpretación. Esta posibilidad no existe en el caso de *ni siquiera* [...] el cual asignará el extremo de la escala pragmática al elemento que focaliza [...].³⁵² (CHAMORRO, 2008, p. 209)

Considere os exemplos fornecidos pela autora:³⁵³

Quem já leu o artigo de amanhã?

(142a) **Ni** Pedro lo ha leído.

(142b) **Ni siquiera** Pedro lo ha leído.

Em ambas as respostas acima, (142a) e (142b), tem-se afirmações com as mesmas implicaturas conversacionais generalizadas (os outros não leram o artigo). Ainda, pode-se interpretar (142a) da mesma forma que (142b), isto é, como uma partícula absoluta, visto que Pedro está na extremidade externa da escala pragmática (CHAMORRO, 2008).

Por meio das análises apresentadas, principalmente nas análises de Herburger (2003) e Schwenter (2002), é possível argumentar a favor da *NPI Theory* (Rooth, 1985) devido à reconhecida existência de dois, ou mais, lexemas correspondentes a *even*. Em Herburger tem-se a análise de *siquiera* e *ni siquiera*, em que o primeiro sempre será NPI-even enquanto o segundo pode apresentar leitura NE; em Schwenter (2002), são apresentados dois EVENs positivos, *hasta* e *incluso*, ambos correspondentes a *even*, evidenciado a possibilidade de mais de um tipo de *even*.

Considere, por fim, o quadro-resumo a seguir. Neste, apresentamos os quatro tipos de EVEN em espanhol, conforme defendem Herburger (2003), Schwenter (2002) e Chamorro (2008).

Quadro (03): os quatro tipos de EVEN em espanhol

	Tipo de EVEN	Principais características
<i>Siquiera</i>	NPI-EVEN	Ponto mais baixo da escala de

³⁵² Tradução: [...] no caso de *ni* não precisa haver uma proposição que possa ser acessada pelo contexto. Essa partícula coloca o item em foco no final da escala, a menos que mais itens sejam assumidos ou declarados explicitamente, eliminando assim essa interpretação. Essa possibilidade não existe no caso de *ni siquiera* [...] o qual atribuirá o fim da escala pragmática ao elemento que focaliza [...].

³⁵³ Chamorro (2008, p. 209). Tradução: NEG EVEN Pedro leu.

		surpresa (mais provável)
Ni Siquiera	Ambíguo entre NPI- <i>even</i> e NE EVEN negativo de escala absoluta	<i>Ni</i> em NPI-EVEN: não carrega significado próprio; opcional. <i>Ni</i> em NE: negação não oracional; obrigatório (<i>not even</i>). Partícula escalar absoluta Contrário de <i>hasta</i>
Ni	EVEN negativo de escala relativa	Partícula escalar relativa. Contrário de <i>incluso</i> .
Hasta	EVEN positivo de escala absoluta	Partícula absoluta que marca final de escala. O lexema não pode ser repetido na sentença. Seu licenciamento não é dependente de contexto (cp).
Incluso	EVEN positivo de escala relativa: PPI- <i>even</i>	Partícula relativa. Pode ou não estar em final de escala. O lexema pode ser repetido na sentença. Seu licenciamento é dependente de contexto (cp).

Fonte: quadro elaborado pela autora (Rosa, 2022) com base em Herburger (2003), Schwenter (2002) e Chamorro (2008).

Na próxima subseção, apresentamos a análise de Fontes e Moreira (2020) sobre EVEN em PB. Os autores descrevem, em seu estudo, o comportamento de *até* e *ainda* e sua relação com escalas discursivo-pragmáticas.

3.3.3 EVEN em português brasileiro

Em seu artigo, Fontes e Moreira (2020) descrevem o uso expansivo de *até* e *ainda* e sua relação com escalas discursivo-pragmáticas. A análise dos autores é feita no âmbito da

Gramática Discursivo-Funcional, distanciando-se de nossa proposta dentro de uma perspectiva semântico-pragmática, de âmbito mais formal. É importante, todavia, apresentar essa análise, visto escassez de estudos semântico-pragmáticos sobre a escalaridade de EVEN em PB.

Fontes e Moreira (2020) defendem que *até* e *ainda* são partículas aditivas ou inclusivas. Essa propriedade é comum às análises sobre *even*. Sobre *até* e *ainda*, considere³⁵⁴:

(143) Como vai ficar o relacionamento com o governo estadual, no caso específico com a Oficina Cultural. Na gestão anterior as rivalidades PSDB x PMDB ou Tuga x Tidei prejudicaram parcerias e **até** a participação da cidade no Mapa Cultural.

(144) O congresso, apesar disso, aprovou propostas pouco realistas e **ainda** mostrou que a direção da CUT não está coesa. Isso vai prejudicar o desempenho da central daqui para a frente?

De acordo com os autores, nas sentenças acima, é possível observar que (Fontes e Moreira, 2020, p. 121): “*até* e *ainda* correspondem a mecanismos linguísticos utilizados pelo falante para sinalizar, a seu ouvinte, a necessidade de expansão de sua (do ouvinte) informação pragmática”, podendo, assim, ser chamado de expansivo.

Além da característica aditiva, ou expansiva, de *até* e *ainda*, estes lexemas apresentam uma relação de escalaridade. Os autores propõem uma análise de *até* e *ainda* a partir do estudo de *incluso* e *hasta* de Schwenter (2002). Conforme visto na seção sobre EVEN em espanhol, as traduções de *even*, *incluso* e *hasta*, são de diferentes tipos de escalaridade, sendo *hasta* uma partícula escalar absoluta, e *incluso*, por sua vez, uma partícula relativa.

Fontes e Moreira argumentam que *até* assemelha-se à partícula escalar *hasta*.³⁵⁵ Considere o seguinte exemplo³⁵⁶:

(145) JC: Como é o apoio da família?

³⁵⁴ Fontes e Moreira (2020, p. 121).

³⁵⁵ Não concordamos com esta posição de Fontes e Moreira (2020), uma vez que nem sempre *até* estará relacionado a uma escala absoluta. Não entraremos, porém, a fundo nesta discussão, pois nossa descrição não tem por objetivo comparar os lexemas nas variadas línguas. Limitaremos-nos a descrever o funcionamento de *até*, *ainda* e *mesmo* em PB.

³⁵⁶ Fontes e Moreira (2020, p. 131).

Oshima: Eu estou desamparado, ninguém está me ajudando e **até** a minha advogada não acredita em mim. Só quer saber de dinheiro. Para ela, a pena que recebi agora está boa. Não é assim, eu estou sozinho.

Os autores explicam que o falante usa *até* para assinalar ao ouvinte que a advogada pertence ao grupo de pessoas que não acreditam nele, gerando uma pressuposição de que outras pessoas além da advogada não acreditam. Ainda, (Fontes e Moreira, 2020, p. 131) “até marca, dentro da escala ali implicada, um ponto fixo para o referente *minha advogada*, situando-o, especificamente, no extremo superior dessa escala [...]” Assim, os autores caracterizam *até* como uma partícula escalar absoluta:

De certa forma, *até*, ao escalonar os argumentos ali evocados e situar um deles como o mais saliente para os propósitos argumentativos do falante, implica, ali, uma relação contrastiva (em termos retóricos) entre os segmentos articulados. Em suma, [...] *até*, independente de seu escopo, corresponde a uma partícula escalar absoluta. (FONTES E MOREIRA, 2020, p. 134)

O lexema *ainda*, por sua vez, de acordo com os autores, pode (i) introduzir um elemento final de uma descrição, isto é, o falante faz uso de *ainda* para seguir com sua linha de raciocínio e sinalizar o fim de sua mensagem; ou (ii) funcionar como um marcador intersubjetivo, sinalizando a introdução de uma informação de especial importância para o ponto específico de desenvolvimento do discurso. Estas duas situações podem ser conferidas, respectivamente, nos exemplos a seguir³⁵⁷:

(146) Rubinho - Analisando as ações culturais do Estado a gente não vê o que via no Governo Joaquim Francisco, que era a Fundarpe e tão somente a Fundarpe fomentando a cultura. Na realidade, hoje tem a Secretaria de Cultura com a embaixada que Ariano desenvolve com maestria; tem a Fundarpe [...]. Há **ainda** a Secretaria de Imprensa desenvolvendo ações culturais como marketing para o Estado [...].

(147) JC: Dá para sobreviver sem promoção?

Fortunato - Não. Antigamente, as liquidações eram anuais, passaram a semestrais e, hoje, têm de ser semanal. A indústria está estocada, ela oferece um lote, dá prazo e **ainda** paga a propaganda. [...]

³⁵⁷ Fontes e Moreira (2020, p. 134; 135).

De acordo com Fontes e Moreira, o caso (147) exemplifica uma escala pragmática interna estabelecida pelo uso de *ainda*. Nesse caso, fazem parte da escala os elementos “oferece um lote”, “dá prazo” e “paga a propaganda” em que, além da função aditiva, é perceptível uma escalaridade pragmática de ações realizadas pela indústria, trazendo um conjunto de fatos associados a esta. Assim, *ainda* sinaliza que (Fontes e Moreira, 2020, p. 136) “o novo Conteúdo Comunicado apresenta estatuto saliente para encerrar o encadeamento de fatos que compõem aquele ponto específico de sua argumentação.”.

Os autores ressaltam que *ainda*, diferentemente de *até*, não marca o conteúdo mais extremo da direção argumentativa do discurso, isto é, não marca inerentemente o ponto final de uma escala:

O uso expansivo de *ainda*, com escopo sobre o Conteúdo Comunicado, não assinala, portanto, o argumento, ou o conteúdo, mais extremo para o desenvolvimento da direção argumentativa do discurso, mas traz um conteúdo relativamente importante para, de alguma maneira, efetivar o movimento retórico do falante. Dessa maneira, nota-se que *ainda* [...] não marca inerentemente o ponto final de uma escala retórica, apenas situa um argumento como especial e proeminente para um ponto específico de seu discurso. (FONTES E MOREIRA, 2020, p. 137)

Os autores concluem, portanto, que *até* corresponde a uma partícula escalar absoluta, sinalizando o conteúdo mais extremo de uma escala. *Ainda*, por sua vez, é uma partícula escalar relativa, visto que a informação junto a ele não marca o ponto extremo de escala, não se tratando, pois, da informação mais central para a argumentação do falante, como ocorre com *até*, mas apenas da marcação de um conteúdo em um ponto específico da argumentação.

Confira, a seguir, o quadro-resumo de EVEN positivo no português brasileiro de acordo com a proposta de Fontes e Moreira (2020):

Quadro (04): EVEN em PB segundo Fontes e Moreira (2020)

	Tipo de EVEN	Principais características
Ainda	EVEN positivo de escala relativa	Marca a informação central do falante.
Até	EVEN positivo de escala absoluta	Sinaliza o conteúdo mais extremo na escala.

Fonte: quadro elaborado pela autora (Rosa, 2022) com base em Fontes e Moreira (2020).

Apresenta-se, a seguir, o resumo deste terceiro capítulo. Nele, observamos as análises mais recentes sobre *even*, em inglês, em especial, da aditividade e escalaridade a ele relacionadas e sobre *EVEN* em grego, espanhol e português brasileiro.

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Apresentamos, nesse capítulo, análises mais recentes do lexema, as quais objetivam-se à compreensão da aditividade e escalaridade de *even*, suas possibilidades e ocorrências. Iniciamos este capítulo com a retomada de duas importantes teorias sobre o escopo de *even*, são elas: *Scope Theory* (K&P, 1979) e *NPI Theory* (Rooth, 1985). Para a *Scope Theory*, há duas variações de leitura de *even*, as quais são definidas pelas leituras de escopo, amplo ou restrito; enquanto, para a *NPI Theory*, *even* pode variar em dois tipos, *even* normal e *even* negativo, havendo uma distinção lexical entre eles.

Na seleção de artigos mais recentes, incluímos os estudos de Crnić (2011) e Wagner (2015) sobre a aditividade e escalaridade de *even*. Crnić (201) defende que esse lexema é uma partícula escalar morfologicamente complexa. Ainda, o autor observa que *even* se decompõe em um componente escalar e outro aditivo. Wagner (2015) dedica-se ao estudo das diferenças entre *VP-even* e *NP-even*, concluindo que *NP-even* é, necessariamente, aditivo, enquanto *VP-even* não.

Greenberg (2015; 2017), escreve sobre a problemática da probabilidade comparativa, defendendo a gradabilidade contextual: a autora argumenta que há distintos casos de ocorrência de *even*, sendo eles: casos com dois graus e dois padrões, casos com um grau e dois padrões e casos mais simples de dois graus e um padrão. A autora apresenta, então, três análises, explicando cada caso de *even*.

Depois, apresentamos as análises sobre *EVEN* em grego, espanhol e PB. Nestes estudos, os autores apresentam a relação entre *even* e os respectivos lexemas aditivos em suas línguas, verificando questões como aditividade e escalaridade. Em grego, conforme Giannakidou (2007), destacam-se os lexemas *akomi ke* (PPI-EVEN), *oute* (NPI-EVEN), *esto* (escala flexível) e *kan* (EVEN de alta escalaridade). Em espanhol, de acordo com Herburger (2003), Schwenter (2002) e Chamorro (2008), tem-se os lexemas *siquiera* (NPI-EVEN), *ni siquiera* (EVEN negativo de escala absoluta), *ni* (EVEN negativo de escala relativa), *hasta* (even positivo de escala absoluta) e *incluso* (EVEN positivo de escala relativa). Em PB,

Fontes e Moreira (2020) destacam os lexemas *até* (EVEN positivo de escala absoluta) e *ainda* (EVEN positivo de escala relativa).

A seguir, desenvolvemos uma análise sobre os lexemas EVEN em PB. Para isso, descrevemos, brevemente, algumas funções e sentidos veiculados pelo uso de *até*, *mesmo* e *ainda*, chegando às funções em comum de aditividade e escalaridade possíveis nesses lexemas, para, com isso, apresentar uma análise sobre (i) escopo e significado e (ii) aditividade e escalaridade de *até*, *mesmo* e *ainda*.

4 EVEN EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: *ATÉ*, *MESMO* E *AINDA*

Apresentamos, nos capítulos anteriores, uma revisão bibliográfica detalhada sobre *even*, explicando questões como o uso do lexema e suas implicaturas aditivas e escalares, no primeiro capítulo; processos sintático-semânticos envolvidos no licenciamento do lexema, bem como sua verificação de aceitabilidade por meio de formalização, no segundo capítulo; e comparativos entre *even* e seus correspondentes em grego e espanhol e sobre o PB numa perspectiva funcionalista, também no segundo capítulo. Essa extensa revisão foi necessária para que chegássemos a nossa análise de EVEN em português brasileiro, visto que muito pouco se sabe sobre o comportamento do lexema na nossa língua.

A partir do que fora apresentado, propomos, neste capítulo, uma análise de *até*, *mesmo* e *ainda* por, assim como *even*, veicularem sentido aditivo-escalar aos elementos sob seu escopo. É evidente que, apesar da aditividade e escalaridade destes lexemas, eles têm suas particularidades e distintos padrões de uso: *até* é possível em todos os casos apresentados desde que seu contexto ou sentença contextual não exijam uma relação concessiva; *mesmo* é adequado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre NP em início de sentença e escopo sobre AdvP; e *ainda*, por sua vez, pode ser utilizado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre V e sobre NP em sentenças coordenadas por conjunção. A partir disso, elaboramos nossa análise sobre a escalaridade e aditividade desses lexemas.

Iniciamos o capítulo com uma breve apresentação do processo de gramaticalização desses três lexemas, verificando quais as funções que cada lexema pode desempenhar. Destacam-se os sentidos aditivo e escalar possíveis de serem veiculados por eles.

4.1 GRAMATICALIZAÇÃO DE EVEN EM PB

Cientes dos possíveis equivalentes tradutórios de *even* no PB, apresentamos, nesta seção, o processo de gramaticalização destes três lexemas: *até*, *ainda* e *mesmo*. Esses lexemas

podem apresentar sentido aditivo-escalar, o que justifica nossa revisão de literatura sobre o lexema aditivo-escalar em língua inglesa, *even*.³⁵⁸

Iniciamos, pois, o estudo de *até*, *mesmo* e *ainda* apresentando seu processo de gramaticalização e principais usos e funções, destacando o possível caráter aditivo-escalar desses lexemas. Apresenta-se, a seguir, a subseção “A gramaticalização de até”. Nesta subseção contamos com os estudos de Baião e Arruda (1996), Silva (2006) e Viaro (2007), destacando o sentido inclusivo, em sua terceira fase de evolução (cf. Baião e Arruda, 1996).

4.1.1 A Gramaticalização de Até

Baião e Arruda (1996) apresentam o processo de gramaticalização de *até* obedecendo à proposta de unidirecionalidade de Heine et al. (1991). Essa proposta caracteriza-se pela escala crescente de abstratização, sendo a expressão de sentido espacial a mais básica e concreta, enquanto as ferramentas de discurso geralmente possuem graus maiores de abstração. Considere a trajetória de *até* de acordo com sua gradação de sentidos³⁵⁹:

(148) **até** espacial > **até** temporal > **até** inclusivo > **até** de contra expectativa

Para melhor compreender os distintos significados do lexema, considere os exemplos a seguir. Os exemplos estão organizados por ordem de gramaticalização; assim, (140) corresponde a *até* espacial, (150) a *até* temporal, (151) *até* inclusivo, (152) de contra expectativa³⁶⁰:

(149) “[...] ele me pediu licença e disse ‘vou **até** o portão e rápido’...”

(150) “[...] ele voltou... aí me procurou e **até** hoje... **até** hoje nós estamos namorando.”

(151) “isso saiu **até** no jornal do Brasil... jornal o Globo... jornal o Dia... saiu em todos...”

(152) “[...] pra mim casamento praticamente é uma rotina já... né? Pelo tempo que peguei de casada... tô quase chegando a boda de prata... então... pra mim não foi tão ruim assim... pra mim aguentá até hoje... foi **até** bom, tá.”

³⁵⁸ É importante ressaltar, porém, que se tratando de línguas diferentes, não é possível haver uma correspondência no comportamento desses lexemas, pois cada lexema e cada língua têm as suas particularidades.

³⁵⁹ Retirado de Baião e Arruda (1996, p.140)

³⁶⁰ Exemplos retirados de Baião e Arruda (1996).

As autoras explicam que o processo de gramaticalização dos operadores argumentativos se dá na relação espaço > tempo > texto, correspondente à trajetória + concreto > - concreto. Ainda, elas acreditam que *até*, ao assumir o sentido de *inclusive*, está passando por um processo de gramaticalização, adquirindo novos sentidos mais abstratos:

[...] elemento *até* em seu sentido básico (de espaço), de percurso, originou uma trajetória possibilitando o emprego desse mesmo elemento em contextos diferentes, nos quais há “marcas” do sentido primeiro percebido em leituras mais abstratas, como no caso de *inclusive*, em cujo significado já vai “desbotando” a idéia concreta de percurso. (BAIÃO E ARRUDA, 1996, p.144)

Silva (2006) apresenta, porém, uma importante ressalva acerca do processo de unidirecionalidade de *até*: considerando este princípio, a mudança categorial do lexema deveria ser advérbio > preposição > conjunção. No entanto, os dados apresentados até o momento mostram que os usos mais concretos do lexema são preposicionais e, nos usos mais abstratos, o lexema funciona como advérbio, conjunção ou operador de contra expectativa.

Ciente disso, o autor explica serem possíveis duas hipóteses: (i) a forma fonte de *até* é preposição, violando o princípio da unidirecionalidade; (ii) *até* desenvolveu-se a partir de duas formas fontes. A segunda hipótese lança a consideração de que *até* não é um único item, contribuindo com os achados de Viaro (2003) e Poggio (2002) sobre este lexema no português quinhentista, no qual ele possuía diversas formas de escrita: *ata*, *atá*, *ataa*, *atees*, *atee*, *ates*, *atem*, *tee*, *té*, *até*. Esse achado aponta, pois, para um duplo percurso de gramaticalização:

Os usos do *até* espacial se observam no nível representacional, localizando termos, entidades ou estado-de-coisas no espaço físico do mundo sensível. O *até* parentético, por outro lado, categorizado como marcador discursivo, desempenha uma função acentuadamente pragmática, constituindo-se um meio pelo qual a atividade interacional projeta-se concretamente no texto. O mesmo ocorre com o *até* operador de contra expectativa que, associado ou não à partícula que, revela conteúdos pressupostos que necessitam do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado dos interlocutores para que haja interação, além de servir como forte atenuador do discurso. (SILVA, 2006, p. 185-186)

Viaro (2007) explica que a preposição *até* tem uma história polêmica. A forma mais antiga, *ata*, é associada à preposição *hasta*, do espanhol. Ainda, a antiga hipótese do *hatta*, do árabe, derivando *ata*, é controversa visto a grande variedade de formas de *até* nos textos antigos. De acordo com o autor, o lexema *até* vem, geralmente, em uma estrutura sintática do tipo (desde/de x) até (a)y: na primeira parte, tem-se a focalização do início da ação, sendo esta uma proposição de origem, relacionada a origem ou tema.

O autor argumenta que, pela etimologia polêmica, é possível compreender que *até* é uma preposição recente, ainda em fase de gramaticalização, podendo o lexema estar relacionado à categoria semântica tempo (153) ou meta (154) e em gradações discretas e mensuráveis (155) ou gradações qualitativas (156):

(153) A directoria tem resolvido admitir um número limitado de internos 9...10 os quaes podem ser matriculados **até** o dia 7 de janeiro de 1879.³⁶¹

(154) Tem uma das canellas **até** o tornozello mais grossa do que a outra.³⁶²

(155) Internato, semi-internato e externato para meninas e meninos **até** 10 annos.³⁶³

(156) Com ele se limpam todos os objectos do uso tanto de metal como de louça ou vidro, **até** de madeiras pintadas, como portas, portadas, etc.³⁶⁴

Assim, com base nas considerações de Baião e Arruda (1996), Silva (2006) e Viaro (2007), destacamos o lexema *até* a ser analisado nesta tese: estamos tratando de um lexema com sentido inclusivo. Nosso recorte de *até* limita-se ao lexema no âmbito de marcador discursivo (Silva, 2006), com gradações qualitativas (Viaro, 2007).

A próxima seção é destinada à gramaticalização de *mesmo*. Nesta seção, apresentamos os estudos de Oliveira e Cacciaguerra (2009) e Pereira e Görski (2016). Os autores apresentam suas análises voltadas às funções desempenhadas por esse lexema, dentre as quais destacam-se as funções de referência, concomitância, conexão, articulação textual, reforço e inclusão/exclusão.

4.1.3 A Gramaticalização de *Mesmo*

Oliveira e Cacciaguerra (2009) procuraram descrever o caminho percorrido pelo adjetivo-advérbio *mesmo* e investigar se esse caminho segue a mesma rota das línguas aparentadas com o português. As autoras explicam que a etimologia desse lexema é quase consenso entre os dicionários etimológicos, vindo do latim vulgar *metipsimus* ou *metipsimu*.

De acordo com as autoras, o lexema pode variar entre adjetivo e advérbio. Como adjetivo, *mesmo* pode apresentar sentido de semelhança (157), reforço pronominal (158) e

³⁶¹ Viaro (2007, p. 139).

³⁶² Viaro (2007, p. 146).

³⁶³ Viaro (2007, p. 148).

³⁶⁴ Exemplo retirado de Viaro (2007, p. 151).

função substantiva (159). Como advérbio, o uso de *mesmo* é relacionado ao sentido de *realmente* (160), podendo apresentar a ideia de proximidade circunstancial (161) e passível de ocorrer como vocábulo cujo papel vai além das relações sintático-semânticas³⁶⁵ (162)³⁶⁶:

(157) Lula fez com Nelson Jobim a **mesmíssima** coisa que fez com Aldo Rebelo: fingiu que foi, mas não foi.

(158) Você **mesma** tava me contando que tinha assistido esse show né?

(159) Nos dias seguintes, sucedeu o **mesmo**.

(160) Nas projeções petistas, a viabilidade maior é **mesmo** a candidatura de Serra

(161) E aqui **mesmo** em São Paulo... tem o M. L. ...

(162) Mas, **mesmo** de longe, acompanhou a polêmica em torno da decoração de seu gabinete

Ainda, o lexema *mesmo* pode estar relacionado a sete diferentes categorias: pessoa (163), objeto (164), processo/atividade (165), espaço (166), tempo (167), qualidade (168) e categoria semântica vazia (169). Na categoria semântica vazia, o lexema aparece desvinculado de qualquer traço semântico, desempenhando papel exclusivamente funcional e indicando o ponto mais avançado de gramaticalização (OLIVEIRA E CACCIAGUERRA, 2009)³⁶⁷.

(163) (...)hã: porque apes/hã: porque eu **mesma** cantei porque(...)

(164) (...)hã:: mas com os **mesmos** instrumentos as mesmas escalas hã: e a língua é uma língua: muito próxima hã: do espanhol(...)"

(165) No **mesmo** trabalho, o pesquisador conclui também que, entre os muito ricos, 40% estão nessa confortável situação

(166) (...)Em 15 de fevereiro de 2003, um artefato a base de pólvora das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) explodiu perto do **mesmo** aeroporto quando a Polícia revistava uma casa [...]

(167) (...)então você pode encontrar digamos no **mesmo** ano uma festa alega com a sua banda(...)

(168) L1: muitos desses franceses não eram agradáveis **mesmo**... outros eram...

³⁶⁵ Noção introduzida pelas autoras (Oliveira e Cacciaguerra, 2009) a partir de definição contida no Houaiss *online*.

³⁶⁶ Oliveira e Cacciaguerra (2009, p. 6-7).

³⁶⁷ Oliveira e Cacciaguerra (2009, p. 9-10).

fantásticos...(…)

(169) Da guerrilha não é difícil passar ao terrorismo, **mesmo** porque para muitos é apenas uma questão de nomenclatura.(…)

Oliveira e Cacciaguerra concluem que as formas menos gramaticais e mais gramaticais de *mesmo* coexistem e, ainda que empregadas com sentidos diversos, todas mantêm traços do sentido original etimológico, podendo ser o traço reflexivo ou o traço enfático. Ainda, é possível aplicar o parâmetro de estratificação no lexema, visto que *mesmo* pode coexistir com lexemas como *ainda que*, *até*, *realmente*, as quais ele substitui em determinados contextos.

Pereira e Görski (2016) argumentam que *mesmo* apresenta um “comportamento camaleônico” no PB devido a sua multifuncionalidade sincrônica. Essa multifuncionalidade ocorre pelas diferentes trajetórias de mudança do lexema, podendo ter uma raiz de identidade, *idem*, ou de reforço, *ipse*. De acordo com as autoras, *idem* desenvolveria casos como as sentenças (170) a (173), enquanto *ipse* derivaria casos como (174) a (178)³⁶⁸:

(170) Todas as peças são criadas em cima do **mesmo** conceito, utilizam as mesmas cores. [...].

(172) Para Kotler (1999) a propaganda é uma das ferramentas mais comuns que as empresas usam para dirigir comunicações persuasivas aos compradores e públicos-alvo. Além disso, o **mesmo** define propaganda como qualquer forma paga de apresentação impessoal e de promoção de ideias.

(173) Era preciso oferecer uma solução para atender a três, quatro e cinco consultórios, *ao mesmo tempo*.

(174) Para comunicação com fornecedores a empresautiliza o Skype, Msn e E-mail. Todas as negociações devem ser registradas por um desses meios, **mesmo** se tratadas por telefone.

(175) A presença de uma dissonância depende da relação de duas cognições, que de acordo com Brown et al. (2002), podem ser entendidas como o conhecimento que a pessoa tem de si **mesma**.

(176) Olha, eu sempre critiquei muito a Universidade, por ela se isolar um pouco no campus, eu dizia **mesmo**, nós não passamos a ponte ainda, nós estamos aqui na Trindade (bairro).

³⁶⁸ Pereira e Görski (2006, p. 32).

(177) A população não sabe mais as distinguir e recordar, *nem mesmo* filtrá-las. (Sujeito 20, 2007, F).

(178) [...] e você aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer *mesmo* a longas distâncias... Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendermos que os amigos mudam. (Sujeito 13, 2006, F).

Esses oito casos relatados enquadram-se em uma hipótese de duas origens do lexema *mesmo*: uma raiz de indetentidade (*idem*) e outra de reforço (*ipse*). Esses casos evidenciam, ainda, a possibilidade das inúmeras funções deste lexema. Confira o quadro elaborado pelas autoras sobre essas funções, dividido por origem, macrocategoria, categoria e microcategoria:

Quadro (05): Funções de *mesmo*

FUNÇÕES			
ORIGEM	Macrocategorias	Categorias (primárias)	Microcategorias
IDEM	REFERÊNCIA/ ANÁFORA	Referência Atributiva	Referência atributiva/nominal
		Referência Nominal	
		Referência nominal Encapsuladora	Referência nominal/ nominal encapsuladora
	CONCOMITÂNCIA	Concomitância temporal	Temporal/inclusiva
			Inclusiva
			Inclusiva/adversativa
			Adversativa
			Relação de oposição
			Comparativa
			De proporcionalidade
	CONEXÃO	Operador argumentativo concessivo	Concessividade condicional
			Concessividade indicativa
		Explicação	Explicação inclusiva
IPSE	ARTICULAÇÃO TEXTUAL	Articulação textual de concessividade	
		Articulação textual de modo comparativo	
	REFORÇO	Intensificador (pro) nominal	Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário
		Reforçador identitário	
		Reforçador	Reforçador argumentativo
			Reforçador argumentativo/ inclusão
	INCLUSÃO/EXCLUSÃO	Inclusão	Inclusão/ articulação textual de concessividade
		Alternância	
		Exclusão	

Fonte: Pereira e Görski (2016, p. 39)

Por fim, a partir das análises propostas, as autoras destacam o *cline* categorial de *mesmo*: pronome>advérbio>advérbio juntivo>conjunção. Ainda, esse *cline* está correlacionado ao *cline* semântico pronome>advérbio>advérbio juntivo>conjunção.

Apresenta-se, a seguir, o estudo de Ferreira (2011) sobre a gramaticalização de *ainda*. Ferreira argumenta que o lexema se encaixa no novo *continuum* corpo > pessoa > instrumento > espaço > tempo > processo > qualidade e pode apresentar diversos sentidos, dos quais destacamos, em comparação a *even*, o sentido aditivo.

4.1.2 A Gramaticalização de *Ainda*

Ferreira (2011) escreve sobre a possível rota de gramaticalização de *ainda* e *sempre*, tradicionalmente classificados como advérbios de tempo. Nos atentaremos, aqui, à gramaticalização de *ainda* visto que é um possível corresponde de *even*, juntamente com *até* e *mesmo*.

A partir de uma amostra de dados de língua falada do projeto NURC-SP, Ferreira (2011) destaca os seguintes padrões funcionais do lexema: (i) caráter adverbial de tempo que inicia e termina no passado, correspondente a *até então*, *até aquele momento*, *recentemente* (1); (ii) caráter adverbial de tempo que inicia no passado indo até o presente, correspondente a *até agora*, *até o presente* (2); (iii) sinaliza a possibilidade de realização futura do evento, sendo um julgamento do falante passível de ser parafraseado por *seguramente*, *tenho certeza*. Há, também, o lexema *ainda* (iv) sinalizando a adição de um tópico em uma discussão, admitindo paráfrases como *também*, *mais* (4); (v) detendo caráter pragmático (5); (vi) sinalizando concessão e ligando orações/ideias, é o *ainda que* (6); (vii) comportando-se como intensificador, admitindo ser parafraseado por *muito* (7); (viii) indicando contraposição, é uma partícula contrastiva de reforço, sendo parafraseado por *mesmo*, *mesmo assim*, *mas* (8). Confira as sentenças a seguir para melhor compreender esses diferentes tipos³⁶⁹:

³⁶⁹ Exemplos de Ferreira (2011, p. 508-511), retirados da amostra de dados falados do projeto NURC-SP. A numeração está como determinada por Ferreira, pois será importante mantê-la para compreensão do quadro a seguir.

- (1) ... as notícias mais imediatas que vêm pelas agências então sabe-se lá outro dia **ainda** vi no Jornal da Globo [...].
- (2) [...] não não temos metrô **ainda** metrô tem que ser uma malha... certo? Nós temos uma linha...coitadinha não sei se dá para chamar ela de metrô...
- (3) ... mudava...eu era das tais que mudava com água oxigenada... uma hora eu estava loira...com água oxigenada...outra hora então diziam “você na sua vaidade você **ainda** vai se prejudicar” [...].
- (4) [...] Que ele é muito ocupado trabalhava o dia inteiro estudava à noite fazia o curso... e **ainda** no fim de semana ia para Minas Gerais fazer o curso de Advocacia...
- (5) ...não ele teve escritório no início da carreira...teve escritório durante...oito anos mais ou menos...depois...**ainda** com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também ... exercia a advocacia do estado né? [...].
- (6) ... o nome de propriedade era o nome do antigo proprietário... então nessas condições havia que se mudar o nome...meu sogro foi imediatamente chamado para residir como primeiro morador **ainda que** nós tivéssemos condições de pagar um caseiro [...].
- (7) ... bom eu sou universitário agora...agora já não está adiantando mais você tem que fazer uma pós para ascender mais **ainda** mas isso... é uma hierarquia não deixa de ser né?
- (8) ... bom eu gosto muito de Veja... ou da revista Veja... eu sou assinante ... eu sou leitor sistemático... acredito que quando leio pouco leio setenta e cinco por cento portanto ter's quartos do conteúdo da revista...mesmo de assuntos que aparentemente eu não leio nos jornais...são determinadas partes que afastam-se assim daquele meu ramo de interesse mas **ainda** assim acabo lendo no Veja...

Assim, ciente desses distintos padrões, e partindo da escala de abstratização metafórica de Heine, Claudi & Hünнемeyer (1991), a autora destaca que o lexema *ainda*, classificado normativamente como advérbio de tempo, passa a representar outros conceitos mais abstratos. Ferreira propõe, então, a seguinte rota de gramaticalização para *ainda*:

Quadro (06): Rota de gramaticalização de *ainda*³⁷⁰

GRAMATICAL	TEXTUAL	EPISTÊMICO
duração → duração (tempo) (assunto) a. 1 → a.2 a. 5	→ partícula contrastiva → concessivo de reforço a. 6 a. 8 → adição de → intensificador informação a. 7 a. 4	→ a. 3: julgamento, qualidade.

Fonte: Ferreira (2011, p. 513)

Compreende-se, com este estudo, que *ainda* se encaixa no novo *continuum* corpo > pessoa > instrumento > espaço > tempo > processo > qualidade. Ferreira justifica esta conclusão por meio da observação de que o lexema parte da esfera gramatical, sendo o tempo a categoria cognitiva básica, passando para a esfera textual, comportando-se como um item epistêmico, entrando, por fim, na categoria qualidade. Por fim, ressaltamos os sentidos de inclusão e contraposição presentes em *ainda* e nos demais lexemas EVEN.

Destacamos os tipos/funções de cada lexema apresentado nesta seção, bem como o tipo/função em comum entre eles no quadro resumo-abixo. Como pode ser observado, o tipo/função em comum entre eles é a inclusão, permitindo-nos considerar que estamos no caminho certo ao considerar esses três lexemas como lexemas EVEN, visto que o próprio *even* também é considerado inclusivo.

Quadro (07): Tipos/Funções dos lexemas EVEN em PB

Lexema	Tipo/Função Específica	Tipo/Função em Comum
<i>Até</i>	Espacial, Temporal, Inclusivo, Contra Expectativa.	Inclusivo/Inclusão
<i>Ainda</i>	Temporal, Inclusivo, Marcador de Tópico, Concessivo, Intensificador,	

³⁷⁰ Explicação dos códigos do quadro: *a* representa o item lexical *ainda* e o número junto a ele representa qual padrão (numeração conforme exemplos acima).

	Reforço.	
Mesmo	Referência, Concomitância, Conexão, Articulação Textual, Reforço, Inclusão/Exclusão.	

Fonte: elaborado pela autora (Rosa, 2022) com base em Baião e Arruda (1996), Ferreira (2011) e Pereira e Görski (2016).

Cientes da gramaticalização e da função desses três lexemas e destacando a função inclusiva como ponto em comum entre eles e entre o lexema *even*, falta-nos confirmar a veiculação da propriedade escalar no uso de *até*, *ainda* e *mesmo*. Essa análise será apresentada na discussão, seção em que analisaremos a aplicação desses lexemas em sentenças propostas por autores como Fauconnier (1975), Bennett (1982), Kay (1990) e Lycan (1991), a fim de propormos uma análise sobre EVEN em PB.

4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE *ATÉ*, *AINDA* E *MESMO*

Inspirados nos estudos sobre EVEN nas variadas línguas, propomos uma descrição do comportamento desses lexemas no que se refere a questões mais gerais de escopo e significado, aprofundando a problemática do padrão de aditividade e escalaridade: *até*, *mesmo* e *ainda* sempre são aditivos? *Até*, *mesmo* e *ainda* sempre são escalares? O contexto influencia nessas questões? Qual a natureza das implicaturas veiculadas por esses lexemas?³⁷¹

A descrição aqui proposta não se intersecciona aos estudos apresentados sobre EVEN nas demais línguas, isto é, não possui uma relação direta entre os lexemas em inglês, grego e espanhol e em PB. Optamos por destacar as propriedades relevantes sobre EVEN - seu comportamento aditivo-escalar, porém sem apresentar as relações entre análises/descrições de outras línguas e nossa descrição sobre *até*, *ainda* e *mesmo*. Esta escolha se dá pela dificuldade de comparação entre os lexemas, considerando os problemas tradutórios e diferenças entre as línguas, como propriedades sintáticas e semânticas

³⁷¹ Limitaremos-nos à descrição do comportamento destes três lexemas - *até*, *ainda* e *mesmo* - por seu comportamento escalar, aparentemente, semelhante a *even*. Assim, consideramos esses lexemas como lexemas EVEN, isto é, lexemas com comportamento aditivo-escalar. É evidente que há outros lexemas com este comportamento no PB; ou melhor, que há outras formas de uso destes lexemas em PB, como *ainda que*, *mesmo se*, *até mesmo*, *ainda por cima*. Porém, seguindo a proposta dos primeiros estudiosos de *even*, focaremos no uso de EVEN em PB em sentenças simples, buscando não perder o foco sobre os objetivos propostos nesta tese. Consideramos de grande valia um estudo futuro sobre as demais formas de uso desses lexemas.

possivelmente distintas. Nesse sentido, não relacionaremos determinado lexema em PB com *even*, ou com *hasta*, ou *incluso*: limitaremos-nos a apresentar as propriedades escalares e aditivas dos lexemas aditivo-escalares em PB - *até*, *ainda* e *mesmo* - incluindo considerações sintático-semânticas de escopo e significado e noções pragmáticas de inferenciação.

Essas questões são apresentadas por meio de duas subseções: escopo e significado, e aditividade e escalaridade. Desenvolvemos uma breve descrição sobre o comportamento dos lexemas em PB, que nos permite concluir as possibilidades de veiculação desses sentidos – aditivo e escalar – e a natureza desta operação. Encontra-se, a seguir, o início de nossa descrição.

4.2.1 Escopo e Significado

Nesta seção, discorreremos sobre o comportamento de *até*, *mesmo* e *ainda* de acordo com seus padrões sintáticos. Para isso, apresentamos seis padrões de escopo, são eles: (i) escopo sobre NP em início de sentença, (ii) escopo sobre V, (iii) escopo sobre NP após verbo, (iv) escopo sobre a sentença, (v) escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção e (vi) escopo sobre PP com função adverbial.

A seguir, desenvolvemos uma breve descrição de cada tipo, buscando observar o comportamento de cada lexema nestes padrões. Esta delimitação de padrões ocorre pela necessidade de recorte do objeto a ser analisado, não indicando, no entanto, que todos os usos de EVEN em PB limitam-se aos padrões aqui apresentados. Ainda, a eleição destes padrões está relacionada aos exemplos apresentados por autores como Fauconnier (1975), Bennett (1982), Kay (1990) e Lycan (1991), que utilizavam, em suas análises, sentenças simples ou comparativas/superlativas, as quais não discutiremos aqui, deixando a possibilidade para estudos futuros. Considere, a seguir, o primeiro padrão.

4.2.1.1 Escopo sobre NP em início de sentença

Em sentenças iniciadas por *even* e seguidas por NP, é possível utilizar dois lexemas EVEN, sendo eles os lexemas *até* e *mesmo*. Considere:

(179) EVEN Alceste came to the party.³⁷²

(180) **Até** Alceste veio à festa.

(181) **Mesmo** Alceste veio à festa.

(182) ***Ainda** Alceste veio à festa.

Em (179), temos a sentença-EVEN original seguida das possíveis traduções por (180) e (181) e (182). Observe que as sentenças (180) e (181), com *até* e *mesmo*, criam uma escala pragmática referente à improbabilidade de Alceste ir à festa. Nesses casos, temos duas implicaturas: (i) outras pessoas além de Alceste foram à festa – implicatura aditiva; e (ii) Alceste era a pessoa menos provável, ou uma das pessoas menos prováveis, de ir à festa – implicatura escalar. Ainda, em (181), com *mesmo*, o lexema parece imprimir caráter concessivo, apresentando sentido levemente distinto de *até*: seu uso parece exigir um conhecimento compartilhado de que Alceste não iria à festa. A sentença com o lexema *ainda* (182), por sua vez, é considerada inadequada.

Considere, também, as seguintes sentenças:

(183) EVEN John swims daily in the winter.³⁷³

(184) **Até** John nada diariamente no inverno.

(185) **Mesmo** John nada diariamente no inverno.

(186) ***Ainda** John nada diariamente no inverno.

É possível observar que as sentenças (184) e (185), com *até* e *mesmo*, indicam uma relação de improbabilidade de John nadar diariamente no inverno. A sentença com o lexema *ainda*, por sua vez, assim como em (186), é inadequada. Considere também:

(187) A: It looks as if Mary is doing well at Consolidated Wiget. George [the second vice president] likes her work.

B: That's nothing. EVEN Bill [the president] likes her work.³⁷⁴

(188) A: Parece que Mary está indo bem na Consolidated Wiget. George [o segundo vice-presidente] gosta do trabalho dela.

B: Isso não é nada. **Até** Bill [o presidente] gosta do trabalho dela.

³⁷² Retirado de Fauconnier (1975p. 364).

³⁷³ Retirado de Kay (1990, p.59).

³⁷⁴ Exemplo retirado de Kay (1990, p. 84).

(189) A: Parece que Mary está indo bem na Consolidated Wiget. George [o segundo vice-presidente] gosta do trabalho dela.

B: Isso não é nada. **Mesmo** Bill [o presidente] gosta do trabalho dela.

(190) A: Parece que Mary está indo bem na Consolidated Wiget. George [o segundo vice-presidente] gosta do trabalho dela.

B: Isso não é nada. ***Ainda** Bill [o presidente] gosta do trabalho dela.

É possível observar, nas sentenças (188) e (189), que os lexemas *até* e *mesmo* possibilitam uma relação escalar referente à profissão: não é evidente, neste caso, uma relação escalar de probabilidade, visto que o uso de EVEN parece ocorrer pelo alto grau de importância de quem gosta do trabalho de Mary – o presidente, e não pela improbabilidade de que ele goste. Novamente, a sentença com *ainda* (190) é inapropriada.

4.2.1.2 Escopo sobre V

Na posição secundária, entre NP e V, EVEN pode receber os equivalentes tradutórios *até* e *ainda*. Nesses casos, *até* mantém a relação de aditividade e escalaridade, enquanto *ainda* apresenta apenas uma relação aditiva. As implicaturas de *até*, nesse contexto, relacionam-se à ação, indicando que (i) outras ações ocorrem além da ação sob seu escopo, e (ii) a improbabilidade de esta ação ocorrer é maior do que outras possíveis ações. Considere:

(191) Max EVEN tried on the trousers.³⁷⁵

(192) Max **até** experimentou as calças.

(193) *Max **mesmo** experimentou as calças.

(194) Max **ainda** experimentou as calças.

Bennett (1982) argumenta que, para o uso de *even* em (191) ser apropriado, é necessário que Max tenha feito outras coisas além de experimentar as calças, como olhá-las, perguntar o preço, observá-las e, ao contrário do esperado, experimentá-las. Nesta sentença (191), EVEN pode equivaler a *até* e *ainda*, respectivamente, (192) e (193). A sentença traduzida com *até*, (192), indica que Max fez outras coisas além de experimentar as calças, implicatura comum à sentença (194), traduzida por *ainda*; porém, com o lexema *até*, além da

³⁷⁵ Exemplo retirado de Bennett (1982, p.407).

implicatura aditiva, há, também, a implicatura escalar de (im)probabilidade, sugerindo que experimentar as calças é uma ação pouco provável de ser executada por Max. É importante ressaltar que essa implicatura não ocorre com o uso de *ainda*, em (194). A sentença com o lexema *mesmo*, por sua vez, é inadequada. Ainda:

(195) Everyone is remarking on Mary's improvement. Last week she beat the number ten player and this week, as everyone expected, she **EVEN** beat the number three player.³⁷⁶

(196) Todos estão comentando sobre a melhora de Mary. Na semana passada ela venceu o décimo jogador e nesta semana, como todos esperavam, **até** venceu o número três.

(197) Todos estão comentando sobre a melhora de Mary. Na semana passada ela venceu o décimo jogador e nesta semana, como todos esperavam, ***mesmo** venceu o número três.

(198) Todos estão comentando sobre a melhora de Mary. Na semana passada ela venceu o décimo jogador e nesta semana, como todos esperavam, **ainda** venceu o número três.

(199) Todos estão comentando sobre a melhora de Mary. Na semana passada ela venceu o décimo jogador e nesta semana, como todos esperavam, venceu **até** o número três.

Na sentença (196), *até* relaciona-se à posição de vitória, indicada pelo número três, podendo haver uma reestruturação dessa sentença para (199). Em (198), o lexema *ainda* indica apenas uma relação aditiva das posições, sem indicar escalaridade, diferentemente do que ocorre com *até*. Ressaltamos, também, a impossibilidade de utilizar o lexema *mesmo* (197) nessa posição.

Considere, também, as seguintes sentenças:

(200) She **EVEN** reads Sanskrit.³⁷⁷

(201) Ela **até** lê Sânscrito.

(202) ***Ela mesmo** lê Sânscrito.

(203) Ela **ainda** lê Sânscrito.

Ao analisarmos as possibilidades desta sentença, é possível observar que a sentença (201) indica que, além, de ler sânscrito, ela era capaz de ler outra, ou outras línguas, sendo sânscrito a língua mais surpreendente de ser lida. A sentença (202), com *mesmo*, como

³⁷⁶ Retirado de Kay (1990, p.84).

³⁷⁷ Retirado de Kay (1990, p.82).

podemos observar, não é possível. Em (203), a sentença com *ainda* é gramatical e feliz, porém não veicula sentido escalar: em (203), *ainda* indica duração ligada à habilidade.

Ainda, observe a diferença dos casos (200) e (195) em relação a (191). Em (200) e (195), o lexema, apesar de estar junto ao verbo, age sobre o NP: sânscrito, em (200), e número três, em (195). No caso de (191), porém, o lexema tem escopo sobre o verbo *experimentar*; assim, seus vizinhos verdadeiros são outras ações que Max pode fazer com as calças, enquanto (200) e (195) possuem por vizinhos outras línguas (200) e outras posições (195). Apesar dessa diferença, nos três casos não é possível utilizar o lexema *mesmo* nessa posição.

4.2.1.3 Escopo sobre NP após verbo

Quando os lexemas *até*, *ainda* e *mesmo* encontram-se após o verbo, é possível utilizar os três lexemas, mas nem sempre o uso de *mesmo* nessa posição apresenta sentido semelhante a *even*, podendo indicar confirmação, com sentido de *realmente*. O lexema *ainda* também pode ser utilizado, apresentando sentido aditivo, sem indicar (im)probabilidade ou surpresa. Confira as sentenças a seguir:

(204) Max tried on EVEN the trousers.³⁷⁸

(205) Max experimentou **até** as calças.

(206) ?Max experimentou **mesmo** as calças.

(207) Max experimentou **ainda** as calças.

(208) Max, realmente, experimentou as calças.

Note que, em (206), apesar de ser possível utilizar o lexema *mesmo*, este não oferece uma leitura aditiva, apresentando significado semelhante à *realmente*, como é apresentado em (208). É possível utilizar, conforme apresentado em (207), o lexema *ainda*, porém este apresenta apenas sentido aditivo, como uma lista de coisas que Max experimentou, deixando as calças por último; sendo assim; *ainda*, nesse caso, oferece um sentido aditivo relacionado à ordem na qual Max experimentou as vestimentas. Agora, observe a sentença (205): com *até*, temos um sentido aditivo, de que Max experimentou outras roupas além da calça, e um

³⁷⁸ Retirado de Bennett (1982, p. 406).

sentido escalar, de as calças serem as últimas roupas prováveis de serem experimentadas por Max. O lexema *mesmo*, em (206), confere sentido de *realmente*.

Considere, ainda, as seguintes sentenças:

(209) The warden told the guard to let EVEN Jones through the gate.³⁷⁹

(210) O diretor disse ao guarda para deixar **até** Jones passar pelo portão.

(211) O diretor disse ao guarda para deixar **mesmo** Jones passar pelo portão.

(212) O diretor disse ao guarda para deixar **ainda** Jones passar pelo portão.

Assim como no exemplo anterior (204), a sentença (209) pode apresentar, gramaticalmente, os lexemas *até* (210), *mesmo* (211) e *ainda* (212); porém, apenas as sentenças com *até* e *mesmo* mantêm o significado de *even* por meio de suas implicaturas de escalaridade. Observe que *ainda*, em (212) desempenha apenas um papel aditivo, semelhante a *também*.

4.2.1.4 Escopo sobre a sentença

Os casos com *even* no final da sentença, isto é, com escopo sobre toda a sentença, nos parecem complicados no PB. Não utilizaríamos casos assim na escrita, por exemplo, restringindo esse uso a contextos mais informais. Considere:

(213) Max tried on the trousers, EVEN.³⁸⁰

(214) #Max experimentou as calças, **até**.

(215) #Max experimentou as calças, **mesmo**.

(216) #Max experimentou as calças, **ainda**.

(217) It is **even** the case that Max tried on the trousers.

As sentenças (214), (215) e (216) causam certa estranheza, visto que não costumamos usar *até*, *mesmo* ou *ainda* em final de sentença, salvo em diálogos. Consideremos, então, o seguinte:

³⁷⁹ Retirado de Kay (1990, p. 102).

³⁸⁰ Retirado de Bennett (1982, p. 407).

(218) Contexto: Max é o noivo do casamento e está agitado para que dê tudo certo; Pierre é o alfaiate de Max e está em dúvida se ele gostou de seu trabalho:

Pierre: Será que Max não gostou das calças que fiz para ele?

João: Claro que gostou. Max experimentou as calças, **até**.

Nesse caso, (218) seria semelhante à sentença (213), Max até experimentou as calças, porém não parece indicar surpresa. Com *even*, como defende Bennett (1982), uma sentença como (213) continuaria licenciando o fator surpresa em comparação a outras possibilidades de sentenças vizinhas, podendo ser transcrita por (217). Nesse caso, *até* parece estar justificando a fala anterior, de que Max gostou das calças, pois poderíamos utilizar apenas “Claro que gostou: Max experimentou as calças.” sem alteração de significado. O lexema *até* está sendo usado, portanto, como reforço ao argumento de João.

4.2.1.5 Escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção

Em casos de sentenças em que o NP modificado integra uma sequência de NPs coordenados por conjunção é possível utilizar os lexemas *até* e *ainda*. Considere:

(219) George drank a little wine, a little brandy, a little rum, a little calvados, and EVEN a little armagnac.³⁸¹

(220) George bebeu um pouco de vinho, um pouco de conhaque, um pouco de rum, um pouco de calvados e **até** um pouco de armagnac.

(221) #George bebeu um pouco de vinho, um pouco de conhaque, um pouco de rum, um pouco de calvados e **mesmo** um pouco de armagnac.

(222) George bebeu um pouco de vinho, um pouco de conhaque, um pouco de rum, um pouco de calvados e **ainda** um pouco de armagnac.

(223) George bebeu um pouco de vinho, um pouco de conhaque, um pouco de rum, um pouco de calvados e, por fim, um pouco de armagnac.

Em (220), o uso de *até* sugere a inclusão de armagnac à lista de bebidas ingeridas por George e implica que esta é uma bebida improvável de que George beba; em (222), *ainda* confere um sentido aditivo à sentença e implica que a bebida junto ao lexema foi a última a

³⁸¹ Retirado de Kay (1990, p. 72).

ser ingerida, como poderia ser transcrito por (223). A sentença (221), com *mesmo*, parece não soar bem. Considere também:

(224) It is fast, it is durable, it is EVEN low in price.³⁸²

(225) É rápido, durável e **até** barato.

(226) ?É rápido, durável e **mesmo** barato.

(227) É rápido, durável e **ainda** barato.

Observa-se que, no caso da sentença (224), é possível, no que se refere à posição sintática, substituir *even* por *até*, *mesmo* e *ainda*; porém, como podemos ver, a sentença (226), com *mesmo*, não soa bem, o que poderia ser melhorado se retomássemos o verbo, como “É rápido, durável e é mesmo barato”. Porém, neste caso, *mesmo* teria sentido de *realmente*, distanciando-se da escalaridade de *even*. É possível observar, também, que *até* está junto ao lexema mais surpreendente, apresentando sentido aditivo e escalar. O lexema *ainda*, novamente, confere apenas sentido aditivo à sentença.

4.2.1.6 Escopo sobre PP com função adverbial

Tratamos, agora, dos casos em que *even* possui escopo sobre sintagma preposicional com função adverbial. Nesses casos, como pode ser observado nas sentenças a seguir, *até* e *mesmo* apresentam escalaridade relacionada à improbabilidade. Considere:

(228) John swims daily EVEN in the winter.³⁸³

(229) John nada diariamente **até** no inverno.

(230) John nada diariamente **mesmo** no inverno.

(231) ?John nada diariamente **ainda** no inverno.

As sentenças (229) e (230) veiculam o sentido de aditividade e escalaridade comumente relacionadas ao escopo do lexema, o sintagma adverbial *no inverno*. Em (231), porém, *ainda* parece indicar temporalidade, distanciando-se da aditividade e escalaridade de *EVEN*.

³⁸² Retirado de Lycan (1991, p.115).

³⁸³ Retirado de Kay (1990, p.59).

Observe, por fim, o caso a seguir. Na próxima sentença, temos dois EVENs a serem analisados:

(232) EVEN John swims daily EVEN in the winter.³⁸⁴

(233) **Até** John nada diariamente, **mesmo** no inverno

(234) **Mesmo** John nada diariamente, **até** no inverno.

Kay (1990) questiona se o caso (232) é possível em inglês, com o lexema *even*. Para ele, parece ser pragmaticamente estranho tal uso. Em PB, usando o mesmo lexema, como ocorre em inglês, também nos parece estranha esta sentença, porém ao utilizar lexemas distintos, conforme apresentado em (233) e (234), tais usos tornam-se adequados.

Em (232), temos, pois, um caso de sentença com dois EVENs: em (233), temos o lexema *até* com escopo sobre NP em início de sentença, seguido de *mesmo* com escopo sobre AdvP; em (234) a situação se inverte, com *mesmo* com escopo sobre NP e *até* sobre AdvP. Não apresentamos, nesse caso, as opções com *ainda*, pois, nas sentenças (182), (186) e (190), já que vimos não ser possível utilizar *ainda* no início da sentença³⁸⁵ e, como visto em (232), ao utilizar o lexema com escopo sobre AdvP, ele não apresenta o sentido de EVEN, sendo pragmaticamente ruim. Assim, seriam adequadas somente as sentenças *até* e *mesmo*, como (233), ou *mesmo* e *até*, como (234).

Referente às possibilidades de escopo de *até*, *mesmo* e *ainda*, a análise apresentada ao longo desta seção permite destacar as seguintes considerações:

Quadro (08): Possibilidades de escopo de *até*, *mesmo* e *ainda*

Escopo/Lexema	Até	Mesmo	Ainda
Escopo sobre NP no início da sentença	Sim	Sim	Não
Escopo sobre V	Sim	Não	Sim
Escopo sobre NP com EVEN após verbo	Sim	É possível, mas nem sempre apresenta	Sim

³⁸⁴ Retirado de Kay (1990, p.59).

³⁸⁵ *Ainda* pode ser usado no início da sentença quando estiver agindo como um elemento coesivo de adição, o que não é caso destas sentenças visto que estamos tratando de sentenças soltas.

		sentido EVEN	
Escopo sobre a sentença	Não	Não	Não
Escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção	Sim	Não	Sim
Escopo sobre PP com função adverbial	Sim	Sim	Sim, mas não apresenta sentido aditivo-escalar

Fonte: A autora (2022)

Analisando as sentenças desta seção, é possível salientar que (i) *até* é possível em todos os casos apresentados desde que seu contexto ou sentença contextual não exijam uma relação concessiva, que, por sua vez, seria melhor expressa pelo uso de *mesmo*; (ii) *mesmo* é adequado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre NP em início de sentença e escopo sobre AdvP; (iii) *ainda*, por sua vez, pode ser utilizado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre V e sobre NP em sentenças coordenadas por conjunção.

Ainda, a partir do que observamos, é possível destacar algumas considerações gerais sobre a aditividade e escalaridade dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*. Considere os quadros a seguir:

Quadro (09): O comportamento do lexema *até*

Escopo/Significado	Aditividade	Escalaridade
Escopo sobre NP no início da sentença	Sim	Sim
Escopo sobre V	Sim	Sim
Escopo sobre NP com EVEN após verbo	Sim	Sim
Escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção	Sim	Sim
Escopo sobre PP com função adverbial	Sim	Sim

Fonte: A autora, Rosa (2021)

Quadro (10): O comportamento do lexema *mesmo*

Escopo/Implicatura	Aditividade	Escalaridade
Escopo sobre NP no início da sentença	Sim	Sim
Escopo sobre NP com <i>mesmo</i> após verbo	Variável	Variável
Escopo sobre PP com função adverbial	Sim	Sim

Fonte: A autora, Rosa (2022)

Quadro (11): O comportamento do lexema *ainda*

Escopo/Implicatura	Aditividade	Escalaridade
Escopo sobre V	Sim	Não
Escopo sobre NP com EVEN pós verbo	Sim	Não
Escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção	Sim	Não
Escopo sobre PP com função adverbial	Não	Não

Fonte: A autora, Rosa (2022)

Conforme pode ser observado nos quadros acima, os lexemas *até* e *mesmo* apresentam, de maneira geral, comportamento aditivo e escalar. O lexema *ainda*, todavia, na maioria dos casos, não apresenta sentido escalar, veiculando apenas sentido aditivo ao sintagma ou lexema sob seu escopo. Assim, diante da variedade de possibilidades do lexema EVEN em PB, apresentamos, a seguir, uma descrição mais detalhada sobre a escalaridade e aditividade dos lexemas *até*, *ainda* e *mesmo*.

4.2.2 Escalaridade e Aditividade

Passemos, agora, para a descrição da escalaridade e aditividade dos lexemas EVEN em PB. Conforme observado no quadro da subseção anterior, os lexemas *até* e *mesmo* tendem a imprimir caráter escalar e aditivo ao lexema ou sintagma sob seu escopo; *ainda*, porém, apresenta, nos casos vistos acima, apenas aditividade, o que o distanciaria, em primeira análise, em relação ao significado, dos lexemas *até* e *mesmo*.

Não discutiremos, aqui, qual tipo de escala *até*, *ainda* e *mesmo* imprimem (probabilidade, supresa, informatividade, razoabilidade), nem qual tipo de leitura aditiva (existencial ou universal) está relacionada ao uso do lexema. Nosso objetivo limita-se a descrever o comportamento dos lexemas no que se refere à veiculação de escalaridade e aditividade à sentença, sintagma ou lexema sob seu escopo e qual o caráter pragmático desta veiculação, isto é, se são necessárias, sendo, portanto, implicaturas convencionais ou se são canceláveis, como implicaturas conversacionais. Para isso, retomamos exemplos já apresentados sobre *even*, os quais, conforme argumentam os autores estudados, tendem a apresentar escalaridade e aditividade.

Considere, pois, os casos a seguir:

(235) Ela **até** lê sânscrito.

(236) Ela **ainda** lê sânscrito.

Em (235), é possível observar que *até* está agindo sobre VP, mais especificamente sobre o NP Sânscrito, gerando a implicatura de que (i) há outras línguas que ela é capaz de ler e (ii) sânscrito é uma língua improvável que alguém saiba. Assim, com o lexema *até*, podemos concluir que estão sendo veiculadas duas implicaturas, uma de aditividade (i) e outra de escalaridade (ii). Em (236), com o lexema *ainda*, temos, porém, apenas a implicatura (i), de aditividade, isto é, o uso de *ainda*, neste contexto, não gera a implicatura escalar. O lexema *mesmo*, por sua vez, não é analisado neste caso, pois, como visto na seção anterior, ele é inapropriado junto a VP.

Passemos para o próximo caso:

(237) **Até** Harry estava sóbrio.

(238) **Mesmo** Harry está sóbrio.

Neste caso, podemos observar a aditividade e escalaridade dos lexemas *até* e *mesmo*, indicando que (i) havia mais pessoas que também estavam sóbrias e (ii) dentre essas pessoas, Harry era a pessoa mais improvável de estar sóbria. O lexema *ainda*, por sua vez, é

inadequado em início de sentença. Considere, ainda, um caso em que é possível utilizar os lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*:

(239) Eu o acertei **até** no olho ontem.

(240) Eu o acertei **mesmo** no olho ontem.

(241) Eu o acertei **ainda** no olho ontem.

Neste terceiro caso, observamos que os lexemas *até* e *mesmo* geram as implicaturas de escalaridade e aditividade. O lexema *ainda* apresenta, porém, somente uma relação aditividade de que a pessoa o acertou em outros lugares além do olho.

Assim, conforme observado em (235), (237), (238), (230) e (240), os lexemas *até* e *mesmo* veiculam a seus escopos uma relação escalar e aditiva, enquanto, como observado em (236) e (241), o lexema *ainda* tende a apresentar sentido somente aditivo. Essas observações vão ao encontro do que apresentamos na subseção anterior, na qual fizemos um levantamento das possibilidades de escopo dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda* e o sentido que estes lexemas costumam apresentar em cada posição. Passemos, agora, para casos em que (i) *até* e *mesmo* não apresentam sentido aditivo e (ii) *ainda* apresenta sentido escalar.

4.2.2.1 Inferência Aditiva

Apresentamos, a seguir, um caso em que os lexemas *até* e *mesmo* geram apenas a implicatura escalar de improbabilidade, não vinculando aditividade à sentença. Considere:

Contexto: Maria tem dois filhos: Paulo, que é chato para comer, e João, que come de tudo. Paulo precisou sair mais cedo e, por isso, almoçou antes do restante da família. Apesar de, geralmente, reclamar da comida, desta vez ele a elogiou. João não estava em casa quando Paulo almoçou. Quando João chega para almoçar com a família, Maria diz:

(242) **Até** Paulo gostou da comida.

(243) **Mesmo** Paulo gostou da comida.

Observe que, nesse caso, não há relação de aditividade, pois ninguém além de Paulo, que saiu mais cedo, provara a comida. Assim, em (242) e (243), há apenas a relação de escalaridade, indicando a improbabilidade de que Paulo goste da comida. Considere também:

Contexto: O técnico de futebol da seleção brasileira está em fase de convocação do time titular. No momento, ele convocou apenas um jogador e este jogador é João, considerado o pior de todos. O técnico está participando de uma entrevista para revelar o segundo convocado. Márcio é um jogador mediano. Segue o diálogo de dois amigos que compartilham da mesma opinião em relação à competência dos jogadores:

(244) A: Pelos rumores, acredito que o técnico convocará o Márcio.

B: Mas o Márcio não é um jogador adequado para a nossa seleção.

A: Ele **até** convocou o João.

(245) A: ?Ele **ainda** convocou o João.

No exemplo, novamente, há apenas a implicatura escalar de improbabilidade, indicando que era improvável que o técnico escolhesse João para ser o titular do time. Ou seja, aqui, assim como nos exemplos (244) e (245), a inferência aditiva não existe.

Os exemplos (242), (243) e (244) têm uma característica comum. Em todos eles, não há dúvida de que, no momento da enunciação, apenas um indivíduo (por razões contextuais) pode ser cogitado como passível de preencher a posição aberta na QUD relevante (*quem gostou da comida?* ou *quem o técnico convocou?*): justamente aquele apresentado pelo enunciado. O próprio contexto, portanto, encarrega-se de garantir que não haja mais nenhuma entidade que se candidate a preencher a posição em aberto na QUD (no primeiro caso, sabia-se que apenas o indivíduo referido no enunciado havia almoçado, no segundo, sabia-se que apenas o jogador referido no enunciado havia sido convocado). São, portanto, casos claros de anulação de uma inferência pelo contexto, o que permite suspeitar que a ideia de aditividade associada ao uso de *até* e *mesmo* seja uma implicatura conversacional decorrente da consideração de uma escala de probabilidade.

Parece razoável supor que, em contextos em que mais de um indivíduo pode ser cogitado como passível de preencher a posição aberta na QUD relevante, a ideia de aditividade esteja presente. Proferidos em um almoço de família no domingo, os enunciados (242) e (243) (“Até/Mesmo o Paulo gostou da comida”) certamente veiculam a ideia de que alguém, além do Paulo, tenha gostado da comida. Essa ideia, no entanto, não decorre de qualquer convenção de aditividade associada a *até* e *mesmo*, mas de um raciocínio conversacional, de acordo com o qual a ocorrência de um acontecimento pouco provável permite inferir a de acontecimentos mais prováveis. Trata-se, portanto, de inferência

pragmática conversacional³⁸⁶, o que se evidencia pela sua sensibilidade à forma do *common ground*³⁸⁷.

Já um enunciado como (245), com o lexema *ainda*, não parece aceitável. Aqui, o contraste é claro: *ainda* exige a ideia de aditividade. É isso que se observa em todos os exemplos apresentados neste trabalho. A conclusão inevitável é de que essa ideia associada ao lexema *ainda* resulta de convenção linguística. De fato, não parece possível imaginar contexto em que um enunciado com *ainda* não veicule a ideia de aditividade.

A possibilidade de anulação por contexto da ideia de aditividade associada a enunciados com *até* e *mesmo* e a impossibilidade com *ainda*, leva-nos a concluir que, no primeiro caso, trata-se de implicatura conversacional e, no segundo, de fenômeno convencional.

4.2.2.2 Inferência Escalar

Conforme observado acima, o lexema *ainda* apresenta, necessariamente, sentido aditivo. Resta-nos agora questionar a natureza da ideia de escalaridade (convencional ou conversacional). No caso de *ainda*, embora seja possível que este lexema não esteja associado a escalaridade, seria incorreto afirmar que não exista esta possibilidade. Considere:

Suponha que um comício de estudantes foi realizado hoje, onde a polícia apareceu. Em geral, a polícia se esforça para prender estudantes de filosofia. Havia três estudantes de filosofia, um dos quais a Jane, [conhecida por não costumar se envolver em questões políticas]:

(246) A: Quem foi preso hoje?

B: Apenas alguns estudantes de filosofia: Fred, Mary e **até** Jane.

(247) B: Apenas alguns estudantes de filosofia: Fred, Mary e **mesmo** Jane.

(248) B: Apenas alguns estudantes de filosofia: Fred, Mary e **ainda** Jane.

Observe que há escalaridade nos enunciados com os lexemas *até* e *mesmo*, em (246) e (247), mas também no enunciado (248). Aqui, integra o *common ground* dos interlocutores

³⁸⁶ Sobre a diferença entre implicatura convencional e implicatura conversacional (Grice, 1975): de acordo com Grice, as implicaturas convencionais são atreladas ao significado lexical das expressões utilizadas enquanto as implicaturas conversacionais estão ligadas a um princípio de cooperação entre falante e ouvinte, seguindo máximas conversacionais que guiam o bom desenvolvimento da troca comunicativa.

³⁸⁷ Conhecimento compartilhado.

a informação de que Jane não costuma se envolver com questões políticas. Num caso como esse, parece natural admitir que o enunciado com o lexema *ainda* se assemelhe aos outros dois por veicular a ideia de improbabilidade. Se, no entanto, não pertencesse ao *common ground* dos interlocutores a ideia de que Jane é avessa a manifestações políticas, o enunciado com *ainda* veicularia apenas uma ideia de aditividade. O mesmo não ocorre com os enunciados com os lexemas *até* e *mesmo*. Tais enunciados, independentemente da forma do contexto, veiculariam a ideia de que a participação de Jane nas manifestações era menos provável que a de Fred e de Mary.

O que esse contraste indica é que a ideia de escalaridade (improbabilidade) eventualmente disparada por enunciados com *ainda* é uma inferência conversacional. Quando o contexto já contém, de algum modo, a ideia de improbabilidade, o que o lexema *ainda* faz é direcionar a atenção do ouvinte para essa ideia, o que não ocorreria se o último elemento da série coordenada, *Jane*, fosse introduzido apenas pela conjunção *e* (“Apenas alguns estudantes de filosofia: Fred, Mary e Jane”). Numa perspectiva griceana (Grice, 1975), a inserção de *ainda* ao lado da conjunção *e* (que, de igual forma, tem sentido aditivo), acionaria a máxima do modo³⁸⁸, já que representaria uma expressão não estereotípica, devendo, portanto, veicular uma ideia não estereotípica.³⁸⁹ Nessa perspectiva, a inserção de *ainda* estaria a serviço de tornar mais manifesto um dado contextualmente estabelecido: a aversão de Jane a manifestações políticas.

Já no caso dos enunciados com *até* e *mesmo*, não parece ser necessário, para que se produza uma ideia de escalaridade (normalmente, associada a probabilidade) que o contexto contenha a ideia de que Jane é avessa a manifestações políticas. Num contexto “nulo”, seria forçosa, por parte do ouvinte, a inferência de ser baixa a probabilidade de Jane participar de uma manifestação. Além disso, seria impossível imaginar um contexto que cancelasse a ideia de escalaridade desse tipo de enunciado. Ou seja, não é possível manipular o contexto (para fins expositórios) de modo a eliminar a ideia de escalaridade associada a enunciados com os lexemas *até* e *mesmo*, o que leva a concluir que estamos diante de um caso de conteúdo veiculado de modo convencional.

³⁸⁸ A máxima de modo está relacionada não ao que é dito, mas a como algo deve ser dito. Esta categoria possui como supermáxima “seja claro” e quatro máximas: (i) evite obscuridade de expressão; (ii) evite ambiguidades; (iii) seja breve; (iv) seja ordenado (GRICE, 1975).

³⁸⁹ Esse tipo de explicação estaria inspirado na perspectiva de Levinson (2000).

Diante do exposto, concluímos que a ideia de escalaridade está convencionalmente associada aos lexemas *até* e *mesmo* e conversacionalmente associada ao lexema *ainda*. O quadro a seguir apresenta de modo esquemático as conclusões desta seção e da anterior:

Quadro (12): Aditividade e escalaridade dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*

	Necessidade de Escala	Necessidade de Aditividade	Natureza da Implicatura Escalar	Natureza da Implicatura Aditiva
<i>Até</i>	Sim	Não	Convencional	Conversacional
<i>Mesmo</i>	Sim	Não	Convencional	Conversacional
<i>Ainda</i>	Não	Sim	Conversacional	Convencional

Fonte: A autora, Rosa (2022)

Assim, conforme pode ser visualizado pelo quadro acima, as implicaturas de *até* e *mesmo* são de natureza contrária às implicaturas de *ainda*: enquanto *até* e *mesmo* implicam convencionalmente escalaridade e conversacionalmente aditividade, *ainda* implica convencionalmente aditividade e conversacionalmente escalaridade. A seguir, apresentamos o resumo do capítulo.

4.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Iniciamos este capítulo com a gramaticalização de *até*, *mesmo* e *ainda*, destacando que todos esses lexemas podem imprimir sentido aditivo ao elemento sob seu escopo. Destacam-se, também, o sentido de reforço de *mesmo*, indicado por Pereira e Görski (2016) e de contra expectativa de *até*, conforme Baião e Arruda (1996), que podem estar relacionados ao caráter escalar de *até* e *mesmo*.

Depois, apresentamos nossas considerações sobre o comportamento semântico-pragmático dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda* por meio da análise das possibilidades de escopo de cada lexema e de seus significados em cada posição sintática. Assim, concluímos que (i) *até* é possível em todos os casos apresentados desde que seu contexto ou sentença contextual não exijam uma relação concessiva, que, por sua vez, seria melhor expressa pelo uso de *mesmo*; (ii) *mesmo* é adequado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre NP em início

de sentença e escopo sobre AdvP; (iii) *ainda*, por sua vez, pode ser utilizado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre V e sobre NP em sentenças coordenadas por conjunção.

Em seguida, nos ativemos às questões relacionadas à aditividade e escalaridade dos lexemas, elucidando que as implicaturas veiculadas por *até* e *mesmo* veiculam (i) implicatura convencional de escalaridade e (ii) implicatura conversacional de aditividade. O lexema *ainda*, por sua vez, veicula (i) implicatura convencional de aditividade e (ii) implicatura conversacional de escalaridade.

Ainda, a fim de melhor observar estas relações entre os lexemas EVEN, *até*, *mesmo* e *ainda*, apresentamos o quadro resumo a seguir, o qual é uma união dos quadros (08) e (12) presentes neste capítulo. Considere:

Quadro (13): O comportamento dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda*

	Até	Mesmo	Ainda
Escopo sobre NP no início da sentença	Sim	Sim	Não
Escopo sobre V	Sim	Não	Sim
Escopo sobre NP com EVEN após verbo	Sim	É possível, mas nem sempre apresenta sentido EVEN	Sim
Escopo sobre a sentença	Não	Não	Não
Escopo sobre NP em casos de coordenação por conjunção	Sim	Não	Sim
Escopo sobre PP com função adverbial	Sim	Sim	Sim, mas não apresenta sentido aditivo-escalar
Necessidade de escala	Sim	Sim	Não
Necessidade de aditividade	Não	Não	Não
Natureza da implicatura escalar	Convencional	Convencional	Conversacional

Natureza da implicatura aditiva	Conversacional	Conversacional	Conversacional
--	----------------	----------------	----------------

Fonte: A autora, Rosa (2022)

5 CONCLUSÃO

A partir do que foi aqui desenvolvido, retomamos as questões apresentadas na *Introdução*, sendo elas as questões específicas: (a) como se desenvolvem as relações de significado e escopo de EVEN em PB - *até ainda e mesmo*?; (b) como se desenvolvem as relações de escalaridade e aditividade de *até, ainda e mesmo*?; e (c) como o contexto influencia nas implicaturas geradas pelo uso desses lexemas? E, por meio da elucidação dessas questões, chegamos às perguntas de pesquisa gerais da tese: (d) que operação *até, mesmo e ainda* realizam relativamente ao sintagma sobre o qual têm escopo em português?; e (e) qual a natureza dessa operação (convencional ou conversacional)?.

Para o desenvolvimento da tese, apresentamos, inicialmente, a revisão de literatura de *even*, nos capítulos *Revisão de Literatura* e *Análises Recentes de Even*, a partir dos quais se identifica o caráter aditivo e escalar do lexema. As implicaturas de *even* atribuem ao elemento sob seu escopo uma relação escalar, que pode ser de surpresa (Bennett, 1982; Berckmans; Francescotti, 1995), probabilidade (Fauconnier, 1975; Barker, 1991), informatividade (Kay, 1990), razoabilidade (Lycan), entre outros; e uma relação aditiva, que pode ser existencial (Bennett, 1982; Francescotti, 1995), universal (Fauconnier, 1975; Lycan, 1991; Barker, 1991) ou ambígua (Berckmans, 1993).

A partir dessa revisão de literatura e da elucidação do caráter aditivo-escalar de *even*, buscamos identificar quais lexemas apresentam sentido semelhante em PB e quais suas implicaturas. Assim, chegamos aos lexemas *até, ainda e mesmo*, sobre os quais, a partir dos estudos sobre gramaticalização, destacaram-se as possibilidades da função aditiva e escalar. Propomos, então, uma descrição do comportamento de *até, mesmo e ainda* no que se refere ao escopo e significado, e à aditividade e escalaridade.

Essa descrição permitiu-nos chegar às seguintes conclusões, respondendo às questões (a), (b) e (c):

(a) *Até* é possível em todos os casos apresentados desde que seu contexto ou sentença contextual não exijam uma relação concessiva, que, por sua vez, seria melhor expressa pelo uso de *mesmo*; *mesmo* é adequado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre NP em início de sentença e escopo sobre AdvP; *ainda*, por sua vez, pode ser utilizado em casos nos quais o lexema tem escopo sobre V e sobre NP em sentenças coordenadas por conjunção.

(b) Os lexemas *até* e *mesmo* poderão apresentar aditividade, porém, necessariamente, apresentam escalaridade; o lexema *ainda*, entretanto, poderá apresentar escalaridade e sempre indicará aditividade.

(c) Em casos em que o contexto se encarrega de garantir que não haja mais nenhuma entidade que se candidate a preencher a posição em aberto na QUD, a inferência aditiva de *até* e *mesmo* é anulada; por outro lado, quando o contexto já contém, de algum modo, a ideia de improbabilidade, o lexema *ainda* é capaz de direcionar a atenção do ouvinte para essa ideia, veiculando, além do sentido aditivo, o sentido escalar.

Diante dessas constatações, podemos responder à questão (d) pelo que fora constatado em (b): que os lexemas *até* e *mesmo* podem apresentar aditividade, e, necessariamente, apresentam escalaridade, e o lexema *ainda* pode apresentar escalaridade e sempre indicará aditividade. Assim podemos responder (d) e (e) concluindo que:

(d) os lexemas *até*, *mesmo* e *ainda* veiculam duas implicaturas, de escalaridade e de aditividade;

(e) com *até* e *mesmo*, a implicatura escalar é de natureza convencional e a implicatura aditiva é de natureza conversacional; com o lexema *ainda*, em seu turno, a implicatura escalar é conversacional e a implicatura aditiva é convencional.

Reconhecemos que a discussão acerca da aditividade e da escalaridade dos lexemas *até*, *mesmo* e *ainda* não se encerra no que fora apresentado nesta tese. Embora *até* e *mesmo* sejam convencionalmente escalares, o tipo de escala parece estar relacionado ao enunciado, a depender da meta do falante. Assim, acreditamos que seja possível haver escalas que não estejam relacionadas à probabilidade, dependendo, assim, da meta apresentada no enunciado, como fazer o filho comer a comida em (242) e (243):

(242) **Até** Paulo gostou da comida.

(243) **Mesmo** Paulo gostou da comida.

Contribuímos, assim, para o início dos estudos sobre os lexemas de comportamento aditivo-escalar em PB, principalmente, no âmbito da interface semântico-pragmática, desenvolvendo uma análise referente às implicaturas por eles veiculadas e à natureza dessas implicaturas.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, J.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**, Mardaga, Bruxelles, 1983.
- DUCROT, O. **La preuve et la dire**. Marne, Paris, 1973.
- BAIÃO, R.; ARRUDA, J. Gramaticalização de até. In: MARTELOTTA, M. et al. (Orgs.) **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. UFRJ, 1996.
- BARKER, S. Even, Still and Counterfactuals. **Linguistics and Philosophy** 14, 1991, p. 1-38.
- BENNETT, J. Even If, **Linguistics and Philosophy** 5, 1982, p. 403-418.
- BERCKMANS, P. The Quantifier Theory of Even. **Linguistics and Philosophy** 16, 1993, p. 589- 611.
- CHAMORRO, P. Ni y ni siquiera: ¿El Reverso de incluso y hasta?. In: GARAVITO, J.; VALENZUELA, E. **Selected Proceedings of the 10th Hispanic Linguistics Symposium**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2008, p. 206-214.
- CRNIČ, L. **Getting even**. Ph.D. Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 2011.
- FAUCONNIER, G. Pragmatic Scales and Logical Structure. **Linguistic Inquiry** 6, 1975, p. 353- 375.
- FERREIRA, B. Rota de Gramaticalização dos advérbios ainda e sempre. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 13 (2), 2011, p. 505-516.
- FILLMORE, C. Entailment Rules in a Semantic Theory. **Project on Linguistic Analysis**, n. 10. Columbus, 1965.
- FONTES, M.; MOREIRA, F. Formas de expressão da escalaridade em português. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, 2020, p. 120-139.
- FRANCESCOTTI, R. Even: The Conventional Implicature Approach Reconsidered. In **Linguistics and Philosophy**, 18, 1995, p. 153-173.
- GIANNAKIDOU, A. The landscape of EVEN. **Natural Language Linguistic Theory**, v. 25, 2007, p. 39-81.
- GREENBERG, Y. A revised, gradability-based semantics for even. **Natural Language Semantics**, v. 26, 2017, p. 51-83.
- GREENBERG, Y. **Even, Comparative Likelihood and Gradability**. Conference Paper, 2015.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE e MORGAN. **Syntax and semantics**, v. 3: Speech acts. New York: Academic Press, 1975.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991.

HERBURGER, H. A note on Spanish *ni siquiera*, even, and the analysis of NPIs. **Probus**, v. 15, 2003, p. 237-256.

HORN, L. A presuppositional analysis of only and even. In BINNICK, R. et al. (Eds.), **Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, 1969.

HORN, L. **On the Semantic Properties of Logical Operators in English**. Ph.D. Dissertation, UCLA., 1972.

ITEN, C. Even if and even: The case for an inferential scalar account. **UCL Working Papers in Linguistics**, 14, 2002, p. 119-156.

KARTTUNEN, L.; PETERS, S.: 1979, Conventional Implicature. In Oh and Dineen (eds.), **Syntax and Semantics**, v.3: Presupposition. Academic Press, New York, 1979.

KAY, P. Even, **Linguistics and Philosophy** 13, 1990, p. 59-111.

LYCAN, W. Even and Even if. **Linguistics and Philosophy** 14, 1991, p. 115-150.

OLIVEIRA, A.; CACCIAGUERRA, V. A gramaticalização do item “mesmo”: a mudança nas línguas românicas. **Revista Anagrama**, ano 3, ed.1, 2009, p. 1-13

PEREIRA, I.; GÖRSKI, E. A multifuncionalidade do item mesmo e sua(s) possível(is) trajetórias de gramaticalização. **Guavira Letras**, n. 22, 2016, p. 31-47.

POGGIO, R. Comparação entre algumas preposições portuguesas documentadas no século XVI e no século XIV. In: MATTOS e SILVA, R.; MACHADO FILHO, A. (Orgs.). **O português quinhentista: estudos linguísticos**. Salvador: Ed. UFBA/UEFS, 2002.

ROOTH, M. **Association with Focus**. Ph.D. dissertation. Amherst: Universidade de Massachussets, 1985.

RULLMANN, H. Even, Polarity, and Scope. In GIBS, M.; LIBBEN, G. (Eds.). **Papers in Experimental and Theoretical Linguistics**. V. 4, 1977, p. 40-64.

SCHWENTER, S. Additive Particles and Scalar Endpoint Marking. **Belgian Journal of Linguistics**, v. 16, 2002, p. 119-134.

SILVA, L. A gramaticalização do até. **Signótica Especial**, n. 2, 2006, p. 181-188.

VIARO, M. Considerações acerca de mudanças semânticas de preposição “até” no português do século XIX. In: RAMOS, J.; ALKMIN, M. (Orgs.) **Para a história do português brasileiro: estudos sobre mudança social linguística e história social**, v.5. Belo Horizonte: Editora FALE/UFMG, 2007.

WAGNER, M. Contrastive topics decomposed. **Semantics and Pragmatics**, v.5, 2012, p. 1-54.

WAGNER, M. **Additivity and the Syntax of Even**. Linguistics Colloquium. University of Chicago, 2015.

WILKINSON, K. The scope of even. **Natural Language Semantics**, v.4, 1996, p. 193-215.

ZIMMERMANN, M. Scalar particles and contrastive topics in English and Vietnamese. In: SIEGAL, E (Ed.). **Proceedings of IATL 31**. Cambridge, MA: MIT, 2014, p. 123-152.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br